



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS
MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS
Curso Reconhecido pelo MEC, Portaria 485 de 14/05/2020, publicada no D.O.U
18/05/2020

JOSIMAR SANTANA SILVA

LÉXICO DE ORIGEM AFRICANA NO PORTUGUÊS FALADO EM LUANDA

Feira de Santana
2021

JOSIMAR SANTANA SILVA

LÉXICO DE ORIGEM AFRICANA NO PORTUGUÊS FALADO EM LUANDA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Silva de Farias Araújo.

Coorientadora: Profa. Dra. Liliane Lemos Santana Barreiros.

Ficha catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado - UEFS

S581 Silva, Josimar Santana
Léxico de origem africana no português falado em Luanda / Josimar Santana Silva. - 2021.
152f.: il.

Orientadora: Silvana Silva de Farias Araújo
Coorientadora: Liliane Lemos Santana Barreiros

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Feira de Santana.
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2021.

1. Língua portuguesa. 2. Língua portuguesa - Variedades. 3. Léxico.
4. Línguas africanas. 5. Angola. I. Araújo, Silvana Silva de Farias, orient.
II. Barreiros, Liliane Lemos Santana, coorient. III. Universidade Estadual
de Feira de Santana. IV. Título.

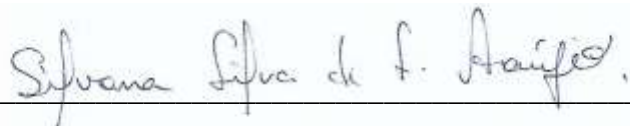
CDU: 806.90

JOSIMAR SANTANA SILVA

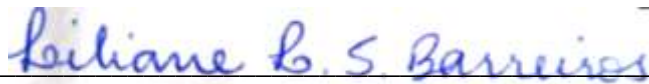
LÉXICO DE ORIGEM AFRICANA NO PORTUGUÊS FALADO EM LUANDA

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos – PPGEL, da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Aprovada em 22 de fevereiro de 2021.



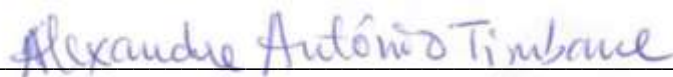
Profa. Dra. Silvana Silva de Farias Araújo (orientadora)
Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS



Profa. Dra. Liliane Lemos Santana Barreiros (coorientadora)
Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS



Profa. Dra. Norma Lucia Fernandes de Almeida
Universidade do Estado de Feira de Santana – UEFS



Prof. Dr. Alexandre António Timbane
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Dedico este trabalho primeiramente a mim por ter garra, forças e conseguir chegar até aqui. Dedico ainda a toda minha família, em especial a minha mãe Eliza, ao meu pai José, minha irmã Elisangela e a minha sobrinha Elen.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, primeiramente, por ter me concedido a oportunidade de realizar mais um projeto de vida.

Agradeço a minha orientadora professora Silvana Araújo, por permanecer comigo nesta árdua caminhada.

À minha coorientadora professora Liliane Barreiros pelo incentivo e dedicação.

Agradeço ainda à minha equipe de trabalho da Escola Eduardo Neto e do Colégio Objetivo pelo apoio que sempre me deu, sobretudo, à Kelly Cristina, Larissa Gomes e Aline Santos pela compreensão.

Agradeço aos meus amigos Tatiana Moutinho, Caique Lima, Katiane Pereira e Elisandra Sampaio pelos momentos de descontração e por me estenderem a mão quando mais precisei.

Agradeço aos meus amigos de jornada Claudice, Marcelo, Daianne Quelle e Simone por compartilhar comigo momentos tão especiais e que tornaram essa caminhada mais leve.

Ao meu querido amigo Muller Sampaio por me acompanhar na trajetória acadêmica.

Disseram que nós não chegaríamos aqui. E houve quem dissesse que nós só chegaríamos aqui por cima dos seus cadáveres. Mas o mundo inteiro hoje sabe que nós estamos aqui e que estamos de pé diante das forças do poder dizendo: 'Não vamos deixar ninguém nos fazer voltar para trás'.

Martin Luther King

RESUMO

O presente trabalho trata-se da dissertação, fruto da pesquisa intitulada *Léxico de origem africana no português falado em Luanda-Angola*. Levando em consideração as premissas de que a língua portuguesa na África, especialmente em Angola, teve contato com as línguas já existentes nessa região e que, a partir daí, houve modificação no seu léxico, foi possível formular a seguinte pergunta de estudo: quais as lexias que estão sendo utilizadas no português angolano originadas das línguas africanas? Como tentativa de responder a tal questionamento, levaram-se as seguintes hipóteses: a) Existem lexias de base africana no português angolano, uma vez que a formação da língua oficial de Angola foi constituída por um intenso contato com as línguas africanas; b) Algumas lexias de origens africanas utilizadas no português angolano apresentam acepções diferentes daquelas de origem, pois o contato com as diversas línguas africanas poderiam ter modificado os significados tradicionais. O trabalho teve como objetivos gerais inventariar as lexias nas variedades africanas do português faladas em Luanda-Angola e construir um glossário. Apresenta ainda os seguintes objetivos específicos: (i) descrever as lexias de origem africana presentes no português angolano; (ii) explicar as contribuições do léxico de origem africana na constituição do português angolano e (iii) construir um glossário com as lexias de bases africanas encontradas no português falado em Luanda-Angola. O estudo utilizou o *corpus* pertencente ao projeto de pesquisa “Em busca das raízes do português brasileiro: estudos morfossintáticos”, sediado no Núcleo de Estudos em Língua Portuguesa da Universidade Estadual de Feira de Santana (NELP/UEFS). A metodologia foi baseada em programas computacionais apropriados para o levantamento e posterior apuração dos dados encontrados, que indicam que o léxico de origem africana presentes nas entrevistas não é composto por um grande número de lexias, no entanto respondem o problema da pesquisa e comprovam as hipóteses levantadas. Para apuração dos dados levou-se em consideração as lexias registradas nas obras de Castro (2001; 2002), Coutinho (2010) e o dicionário de kimbundu-português, de Assis Júnior (1947). Os resultados mostram que existem lexias presentes no português angolano, algumas acepções continuam com os sentidos tradicionais, mas outras mostraram um significado diferente, a depender do contexto em que são empregadas. Espera-se que a pesquisa some contribuições ao material já elaborado sobre o tema e, a partir dela, desperte o interesse de novos estudos acerca do léxico de origem africana na língua portuguesa.

Palavras-chave: Variedades; Português; Angola; Léxico; Línguas Africanas.

ABSTRACT

The present work is the thesis that is the result of a research entitled Lexicon of African origin in Portuguese spoken in Luanda-Angola. Considering the premises that the Portuguese language in Africa, especially in Angola, had contact with the languages that already existed in that region and that, since then, had a change in its lexicon, it was possible to formulate the following study question: what are the lexias that are being used in Angolan Portuguese from African languages? In response to such questioning, the following hypotheses were considered: a) There are African-based lexias in Angolan Portuguese, since the formation of the official language of Angola was constituted by an intense contact with African languages; b) Some lexias of African origins used in Angolan Portuguese have different meanings from those of origin, since contact with the different African languages could have changed the real meanings. This research had, as general objective to inventory the lexias in the African varieties of Portuguese spoken in Luanda-Angola, in order to build a glossary. It also presents the following specific objectives: (i) describe the lexias of African origin present in Angolan Portuguese; (ii) explain the contributions of the lexicon of African origin in the constitution of Angolan Portuguese and (iii) build a glossary with the lexias of African bases found in Portuguese spoken in Luanda-Angola. This study raised the corpus that belongs to the research project “In search of the roots of Brazilian Portuguese: morphosyntactic studies”, based at the Center for Studies in Portuguese Language at the State University of Feira de Santana (NELP / UEFS). The methodology was based on computer programs appropriate for the survey and subsequent verification of the data found for this research, which indicate that the lexicon of African origin present in the interviews is not composed of a large number of lexias, however it responds to the research problem. and prove the hypotheses raised in this thesis. In order to ascertain the data, the lexias recorded in the works of Castro (2001; 2002), Coutinho (2010) and the kimbundu-Portuguese dictionary, organized by Assis Júnior (1947) were considered. The results show that there are lexias present in the Angolan Portuguese, some meanings continue with the traditional senses, but others showed a different meaning, depending on the context in which they are employed. It is expected that this research will offer contributions to the material already elaborated on the theme and, from it, may arouse the interest of new studies about the lexicon of African origin in the Portuguese language.

Keywords: Varieties; Portuguese; Angola; Lexicon; African languages.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Classificação dos troncos linguísticos, segundo Greenberg (1995)	19
Figura 2	Famílias de línguas Kwa, de acordo com Krause	24
Figura 3	Criação de Word List utilizando o programa AntConc	76
Figura 4	Exemplo da utilização da ferramenta Concordance	78
Figura 5	Exemplo da utilização da ferramenta File View	79
Figura 6	Modelo de ficha lexicográfica para organização do glossário	80

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Domínio bantu, de acordo com Güthrie	22
Quadro 2	Classificação dos grupos etnolinguísticos de Angola (adaptado pelo pesquisador, 2020)	43
Quadro 3	Critérios de delação para seleção dos informantes do português falado em Luanda	73
Quadro 4	Distribuição dos informantes do sexo masculino para compor a amostra	74
Quadro 5	Distribuição dos informantes do sexo feminino para compor a amostra	74

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Mapa de distribuição de línguas africanas de Greenberg.....	2
Mapa 2 - Zonas linguísticas de Güthrie.....	2
Mapa 3 - Divisão das províncias angolanas	2
Mapa 4- Mapa da dominação europeia na África até o ano de 1880	2
Mapa 5 - Mapa cor-de-rosa sugerido por Portugal.....	2

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	DIVERSIDADE LINGUÍSTICA AFRICANA	18
2.1	A LÍNGUA PORTUGUESA E AS LÍNGAS AFRICANAS EM ANGOLA	24
2.2	PROJETOS COM ÊNFASE NA LÍNGUA PORTUGUESA EM ÁFRICA	26
2.2.1	Projeto de investigação no município do Libolo	26
2.2.2	Laboratório de Associação da Linguística, Educação e Antropologia em estudos do Contato de Línguas, Dialectos e Grupos Sociais na Europa, África e Américas – ALEA	27
2.2.3	Constituintes Locativos e Sentenças Existenciais em Variedades Brasileiras e Africanas do Português	27
2.2.4	Subsídios para o Estudo Histórico-Linguístico de Variedades Brasileiras e Africanas no Português	28
2.2.5	Grupo de Estudos de Línguas em Contato e Línguas Africanas	28
3	ANGOLA: UM PERCURSO HISTÓRICO E SOCIOLINGUÍSTICO	30
3.1	UM OLHAR SOBRE A HISTÓRIA	31
3.2	O PERFIL SOCIOLINGUÍSTICO DE ANGOLA	40
3.3	REALIDADE LINGUÍSTICA DE LUANDA	47
4	ASPECTOS TEÓRICOS	50
4.1	EMPÉSTIMO E ESTRANGEIRISMO LINGUÍSTICO	52
4.2	DECALQUE SEMÂNTICO OU LINGUÍSTICO	55
4.3	ESTUDOS SOBRE O LÉXICO	56
4.4	LEXICOLOGIA	60
4.5	DEBATES SOBRE A LEXICOGRAFIA	61
4.6	TERMINOLOGIA E TERMINOGRAFIA	65
5	CAMINHOS METODOLÓGICOS	70
5.1	PROJETO EM BUSCA DE RAÍZES DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	70
5.2	CORPUS	72
5.3	METODOLOGIA UTILIZADA	75
5.4	FERRAMENTAS COMPUTACIONAIS	76
6	LÉXICO DE ORIGEM AFRICANA NO PORTUGUÊS FALADO EM ANGOLA	82
7	ANÁLISE DE DADOS	116
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	140
	REFERÊNCIAS	142

Apêndice 1 - Quadro dos informantes que apresentam o português como L1 149

1 INTRODUÇÃO

A língua portuguesa está presente em quatro continentes: Europa, América, Ásia e África. Sua forma de expansão se deu a partir do momento em que os portugueses, nas grandes navegações, procuravam novos territórios para aumentar a sua riqueza através da extração e comercializações de minerais e matérias-primas. Estima-se que existam entre 221 a 245 milhões de falantes como primeira ou como segunda língua em variados graus de proficiência e que até no ano de 2060 a previsão é de 90 milhões de falantes de português somente entre Angola e Moçambique (OLIVEIRA, 2013).

Embora a língua portuguesa tenha surgido na Península Ibérica, o seu contato com as demais nações, a exemplo de Angola, tornou a língua variável, no que se refere à incrementação do léxico, além de modificações de ordem morfológica, sintática, semântica, morfossintática, fonética, fonológica e pragmática. O contato entre o português e as línguas africanas contribuiu para a variação e mudança por meio da incorporação de outras unidades léxicais que não são de origem europeia.

Nas distintas regiões em que se constituiu a língua portuguesa como oficial, sofreu influências das línguas locais já existentes nesses territórios, enriquecendo o seu acervo lexical como é o caso de Angola onde antes da colonização portuguesa, já existiam línguas nativas, especialmente as da família bantu e khoisan. De acordo com Castro (2005), existiam mais de 300 línguas faladas em várias regiões. A noção de país foi imposta pelo colono por meio da partilha de África realizada na Conferência de Berlim em 1884/1885. É importante destacar que o termo *bantu* é empregado para se referir a um grupo de línguas, do qual se podem identificar famílias, subfamílias, línguas e dialetos.

As múltiplas circunstâncias de contato linguístico fizeram com que as línguas faladas em regiões distintas adquirissem diversas particularidades fonético-fonológicas, morfossintáticas e lexicais. Com a língua portuguesa não foi diferente, o contato direto com as línguas africanas fez com que elementos linguísticos se incorporassem a essa nova realidade. Em algumas situações, os contatos linguísticos geraram novas línguas, as chamadas línguas crioulas, como ocorreu, por exemplo, em Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Cabo Verde.

É importante destacar que o léxico pode ser compreendido como um setor de uma língua, assim, através dele é revelado os costumes, as suas origens e, sobretudo, a cultura de um povo. O léxico da língua portuguesa falada em Luanda sofreu grande influência das línguas africanas presentes na cidade. Dessa forma, estudar essa influência é também estudar a cultura e a história dos povos africanos.

O tema foi escolhido devido à necessidade de evidenciar as marcas do léxico da variedade angolana do português falado em Luanda, haja vista que esse contato tornou o português uma língua diversificada e rica em marcas lexicais.

Nesse sentido, a pesquisa identificou e evidenciou as marcas do léxico africano na língua portuguesa falada em Luanda. É de extrema importância conhecer mais a respeito do arranjo lexical da língua portuguesa, pois, embora existam discussões acerca das lexias africanas no português, há uma carência muito grande de materiais concretos embasados em teorias sobre a questão.

O presente trabalho é relevante não somente para a comunidade acadêmica, mas para toda a comunidade linguística, em particular o português angolano, uma vez que se trata de um tema de extrema importância para a compreensão da formação da língua portuguesa, em especial no continente africano.

A pesquisa servirá de suporte teórico para pesquisas a ser desenvolvidas na área, porque aborda fundamentos teóricos acerca da formação das variedades da língua portuguesa falada em Luanda. A discussão feita no trabalho é relevante para toda comunidade acadêmica, pois através dela poderemos compreender o quão as marcas das línguas e da cultura africanas fazem parte da formação do português em Angola.

O presente trabalho trata-se da dissertação intitulada como *Léxico de origem africana no português falado em Luanda-Angola*, que visou inventariar as lexias de base africana presentes no português falado em Luanda. A pesquisa se desenvolveu com base nos corpora do banco de dados do projeto de pesquisa “*Em busca das raízes do português brasileiro: estudos morfossintáticos*”, coordenado pela Professora Doutora Silvana Silva de Farias Araújo, sediado no Núcleo de Estudos em Língua Portuguesa, da Universidade Estadual de Feira de Santana (NELP/UEFS).

Levando em consideração as premissas de que a língua portuguesa na África, especialmente em Angola, teve contato com as línguas já existentes nessa região e que, a partir daí, houve modificação em seu léxico, foi possível formular a seguinte pergunta de estudo: quais as lexias que estão sendo utilizadas no português angolano originadas das línguas africanas?

Foram levantadas as seguintes hipóteses: a) Existem lexias de base africana no português angolano, uma vez que a formação da língua oficial de Angola foi constituída por um intenso contato com as línguas africanas; b) Algumas lexias de origens africanas utilizadas no português angolano apresentam acepções diferentes daquelas de origem, pois o contato com as diversas línguas africanas poderiam ter modificado os significados tradicionais.

Assim, o presente estudo tem como objetivos gerais inventariar as lexias nas variedades africanas do português faladas em Luanda-Angola e construir um glossário com as lexias de base africana encontradas no corpus de estudo. Apresenta ainda os seguintes objetivos específicos: (i) descrever as lexias de origem africana presentes no português angolano; (ii) explicar as contribuições do léxico de origem africana na constituição do português angolano e (iii) construir um glossário com as lexias de bases africanas encontradas no português falado em Luanda-Angola.

A dissertação é composta por seis seções. A seção dois trata-se de uma discussão sobre a diversidade linguística angolana, mostrando as línguas nacionais existentes no país, sua gênese e convivência com língua portuguesa. Ainda nesta seção são expostos projetos de pesquisas de universidades com ênfase na língua portuguesa em África.

A seção três traz um olhar histórico, social e linguístico sobre a África, mostrando seu processo de formação social e linguística. É apresentado ainda o perfil sociolinguístico de Angola, através de dados estatísticos, essenciais para compreender a realidade linguística do país.

Na seção quatro são realizadas discussões a respeito dos aspectos teóricos que embasam este trabalho de mestrado. Nela são apresentadas reflexões sobre empréstimo e estrangeirismo linguísticos, decalque semântico ou linguístico, além de considerações sobre os estudos acerca do léxico, a saber, lexicologia, lexicografia, terminologia e terminografia. Tais conceitos são importantes de serem evidenciados, visto que se constituem uma das bases teóricas do fenômeno estudado.

Na seção cinco são apresentados os caminhos metodológicos seguidos para a realização da pesquisa. Nela encontra-se a descrição do *corpus* de análise, o processo de organização, bem como os métodos adotados para a seleção das lexias.

A sexta seção, por sua vez, é destinada a apresentação do produto da pesquisa, isto é, a elaboração do glossário, apresentado às lexias de base africana encontradas no português falado em Luanda-Angola. Está organizado em ordem alfabética, com suas acepções, local de origem do informante, origem da lexia e abonações.

Posteriormente, segue a análise dos dados encontrados, observados de acordo com o contexto em que a lexia foi empregada, confrontando com as acepções apresentadas nas obras de Castro (2001, 2002), que trazem um acervo de lexias de origem africana; o dicionário de Coutinho (2010) que também apresenta termos de línguas africanas e seus significados e com o dicionário de kimbundu-português, de Assis Júnior (1947).

Os resultados mostraram que existem lexias de origem africana sendo utilizadas pela comunidade de fala de Luanda, bem como atestaram que o contato linguístico, possivelmente, tenha incorporado novas acepções a determinados termos ou ainda modificado o seu sentido.

2 DIVERSIDADE LINGUÍSTICA AFRICANA

Atualmente, a África abriga um dos maiores acervos linguísticos do mundo, isso se dá pelo fato de o continente abrigar mais de 2 mil línguas nativas (PETTER, 2015) e as provenientes da colonização, a exemplo do português falado em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe.

Diante disso, percebe-se que a África é marcada por um forte multilinguismo, haja vista que a presença de diversas línguas e variedades linguísticas convivendo entre si no mesmo espaço, acaba proporcionando uma singular e complexa forma de enxergar a cultura e marcar a realidade linguística do seu território diante do mundo.

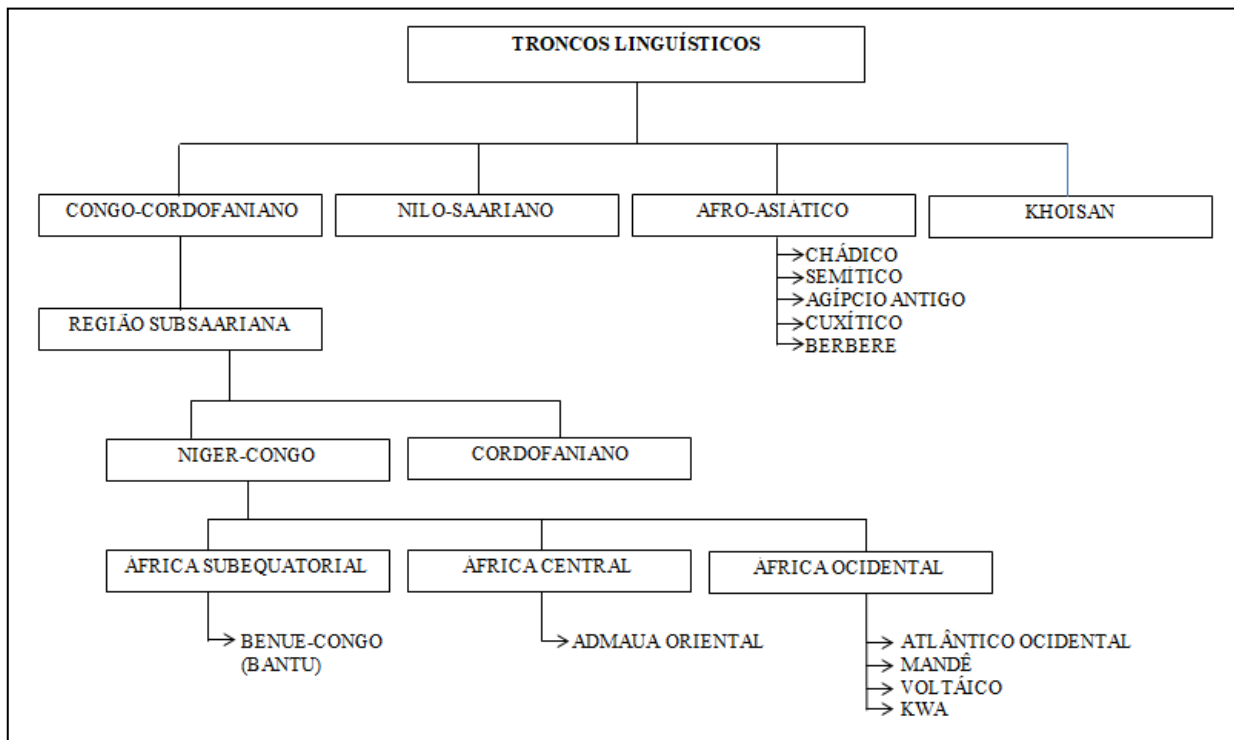
Existem, na África, diversos grupos linguísticos, no entanto o bantu, primeiro grupo estudado cientificamente, sempre despertou a curiosidade de pesquisadores, pois apresenta diversos traços comuns em diferentes línguas.

É importante salientar que o termo bantu foi utilizado por Bleek, em 1862, nomeando a família linguística que descobriu composta por inúmeras línguas de um mesmo tronco. Posteriormente, o termo foi utilizado por outros pesquisadores de áreas diferentes para designar indivíduos que habitavam território situado abaixo da linha do equador (CASTRO, 2001).

Greenberg, no ano de 1955, classificou as línguas faladas na África, afirmando que as do grupo bantu e as sudanesas ocidentais vão além de um grau de aparências, mas pertenciam a uma única família denominada de Niger-Congo (CASTRO, 2001).

Nessa classificação, Greenberg apresentou quatro troncos linguísticos presentes na África, cada um subdividido em grandes famílias com diversos ramos, grupos e subgrupos. Os estudos duraram quase quinze anos para estabelecer uma classificação válida de todas as línguas da África. A Figura 1 representa essa classificação feita por Greenberg (1955).

Figura 1 - Classificação dos troncos linguísticos, segundo Greenberg (1955)



Fonte: Castro (2002, p. 35), adaptado por Silva (2021).

O Congo-Cordofaniano abriga mais de mil línguas faladas por inúmeros africanos. Ocupa um vasto território que vai desde a direção sul do Saara, ao cone sul-africano de Atlântico ao Pacífico (CASTRO, 2002).

Segundo Kukanda (2020), esse tronco linguístico divide-se em duas grandes famílias: Niger-Congo, que se estende do Senegal até a África do Sul, compreendendo todo o leste do continente a partir do sul da Somália. “Com mais de mil línguas e 260 milhões de falantes, concentrados na África Ocidental, central, oriental e meridional, e distribuídos em seis ramos: Atlântico ocidental, Mandê, Voltáico, Kwa, Benue-Congo, Adamaua Oriental e Cordofaniano” (CASTRO, 2001, p.28).

A outra família, Cordofaniano, não menos importante, está limitada a línguas faladas por pequenas comunidades na República do Sudão (CASTRO, 2002).

A família Nilo-Saariana, estende-se numa distância de quase 6.000 km de leste ao oeste. Existem cem ou mais línguas faladas por cerca de 30 milhões de pessoas que vivem no Sudão, Etiópia, Uganda, Quênia, norte da Tanzânia e sul do Saara. As línguas mais populares desta família são dinka, shilluk, nuer, massai e mangbetu, no nordeste da República Democrática do Congo (CASTRO, 2002; KUKANDA, 2020).

Castro (2002) afirma que a Afro-Asiático compõe cerca de 300 línguas, somando 250 milhões de falantes. Essas línguas são também faladas na Ásia, seus ramos mais conhecidos são o semítico, que compreende o árabe e as línguas etíopes, o egípcio antigo, o berbere, cuxítico e o chádico. Uma das línguas mais destacadas desta família pelo seu subgrupo etiópico é a língua nacional da Etiópia, o amharico (KUKANDA, 2020).

Outro grande tronco linguístico é o Coissã ou Khoisan que, de acordo com Kukanda (2020), a família destas línguas ocupava, possivelmente, uma boa parcela do continente africano antes da expansão dos povos que falam as línguas de um dos ramos do Niger-Congo.

O Khoisan, segundo Castro (2002):

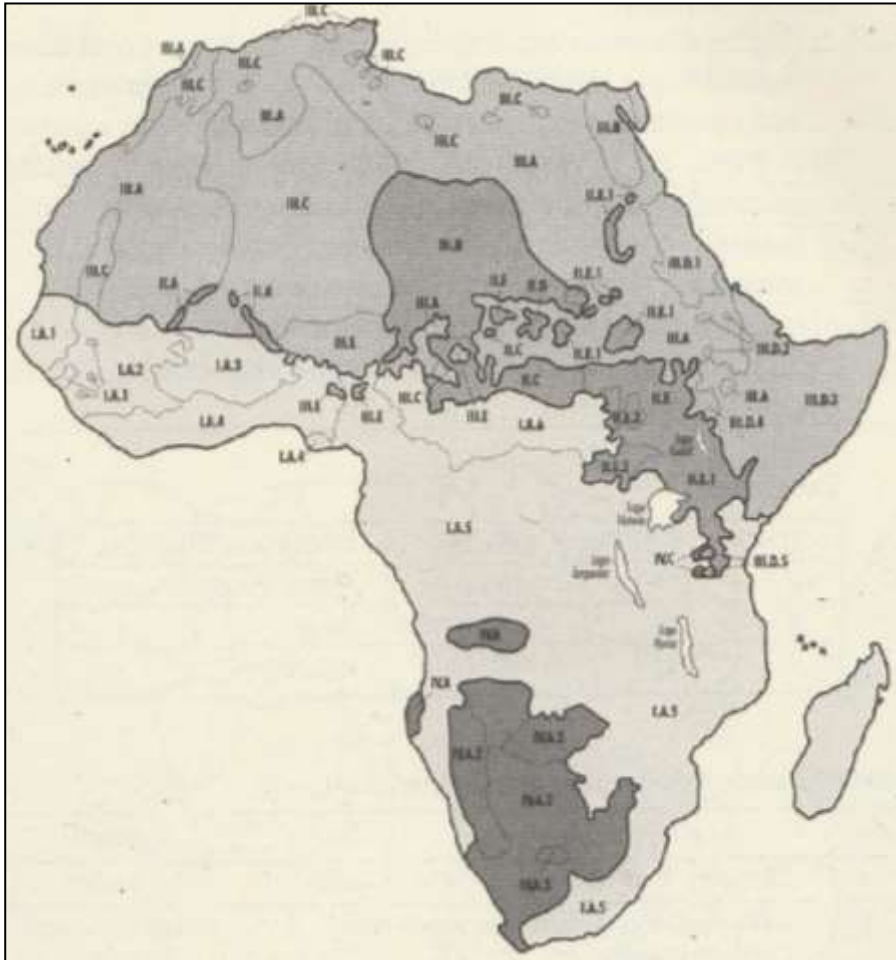
Usadas, hoje, na África do Sul, Namíbia, Botsuana e Angola. Sua característica marcante está no uso dos “cliques”, razão por que são conhecidas como “línguas de clique”. O termo é composto dos vocábulos khoikhoi (hotentotes) e san (bosquímanos), cada grupo com cerca de mil falantes. Consideradas as “primeiras línguas” da África do Sul, onde foram faladas por 8 mil anos (CASTRO, 2002, p. 36-37, grifos da autora).

Como mencionado por Castro (2002), a principal característica desse tronco é o uso de “cliques” como fonemas, mas nota-se ainda um amplo uso de consoantes. Embora seja o grupo que abriga as línguas mais antigas, o khoisan é considerado um grupo menor, possuindo somente cinco ramificações.

As línguas subsaarianas ou negro-africanas se diferem das demais principalmente por possuírem um sistema de acento tonal. Castro (2002) mostra que essa particularidade apresenta a capacidade de afetar o fonema ou um grupo de fonemas, isto é, a sílaba por uma intensidade maior (acento de intensidade ou dinâmico) ou por uma altura maior (acento de altura ou tons: alto, baixo ou médio representados na escrita pelos acentos agudo (´), grave (`) enquanto que o médio não possui marca formal (a)).

O Mapa 1 mostra a distribuição dos quatro troncos linguísticos, de acordo com Greenberg.

Mapa 1 - Mapa de distribuição de línguas africanas de Greenberg (1955)



Fonte: Castro (2002, p. 34)

I. Congo-Cordofaniano

I.A. Niger-Congo

I.A.1. Atlântico Ocidental

I.A.2. Mandê

I.A.3. Voltáico

I.A.4. Kwa

I.A.5. Benue-Congo

I.A.6. Adamaua Oriental

I.B. Cordofaniano

II. Nilo-Saariano

III. Afro-Asiático

A. Semítico

B. Egípcio Antigo

C. Berbere

D. Cuxítico

E. Chádico

IV. Coissã

Não há dúvidas de que as línguas da família bantu são as mais faladas em toda a África. Assim, Castro (2001) mostra que existem varias classificações para essas línguas, no

entanto, a mais aceita é a de Güthrie, que teve sua primeira versão construída no final da década de 1940, mas que é aprimorada pelo autor e outros pesquisadores ao longo do tempo.

É importante salientar que o povo bantu encontra-se em um território mais amplo, todavia pouco povoado, se comparado com a África Ocidental, e fala uma variedade de línguas que remete a um tronco linguístico comum, que é o proto-bantu.

Segundo Castro (2002), as línguas dessa família apresentam um sistema de classe muito elaborado que funciona por meio dos prefixos nominais, posição singular e plural dos nomes, aumentativo e diminutivo, vocativo e infinitivo dos verbos. Ainda nessas línguas, os substantivos entram em classes distintas, isto é, em um grupo que apresenta o mesmo prefixo que eles e que estabelece a concordância das palavras dependentes como, por exemplo, os adjetivos e os pronomes.

Diante disso, observa-se que uma classe é determinada por três tipos de prefixo, a saber: verbal, nominal e pronominal. No que refere ao sistema vocálico, as línguas são constituídas por sete vogais longas ou breves e não possuem as nasais correspondentes (CASTRO, 2002).

Güthrie reúne as línguas da família bantu, levando em consideração os traços linguísticos comuns e a proximidade geográfica. Assim, classifica-as da seguinte forma: a) línguas diferentes, mas que apresentam traços linguísticos em comum e estão geograficamente próximas, representadas por números; b) os grupos são divididos em 15 zonas representadas por letras maiúsculas (A, B, C, D...); c) em cada uma dessas zonas um número variado de grupos (1, 2, 3...), nomeada por uma língua ou duas línguas representativas, conforme Quadro 1 e Mapa 2.

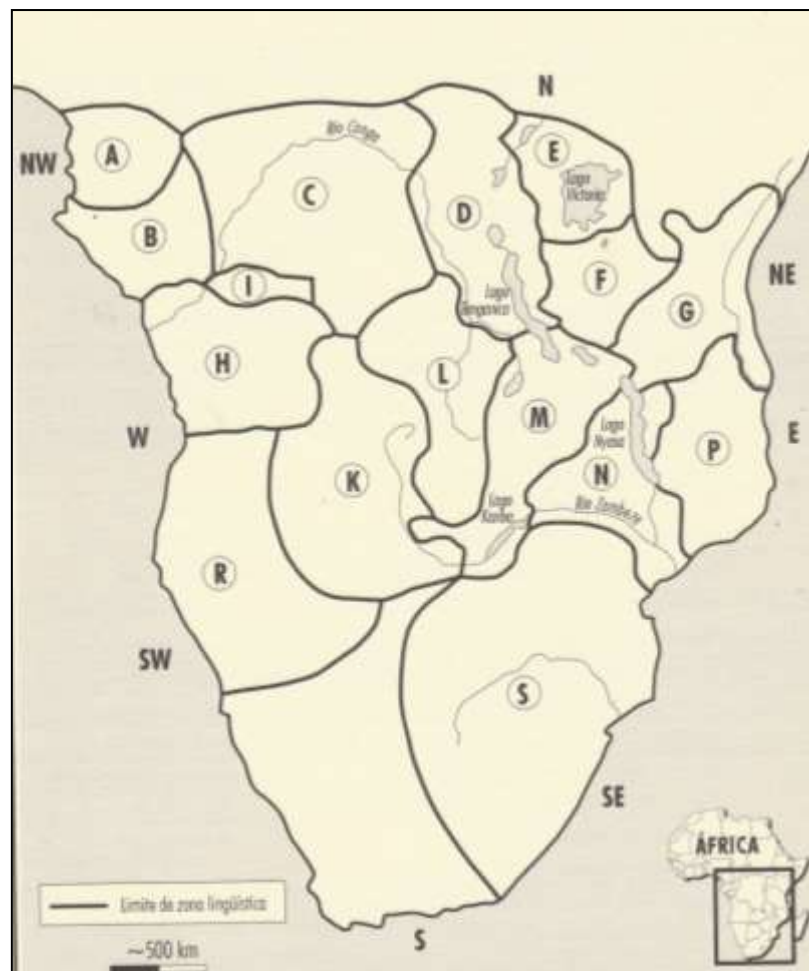
Quadro 1 - Domínio bantu, de acordo com Güthrie

ZONAS	PAÍSES ONDE SÃO FALADAS	LÍNGUAS
A	Camarões, Guiné, parte do Gabão.	Duala, fang...
B	Gabão ao Congo-Kinshasa, passando pelo Congo-Brazzaville.	Angico, batê, tequê...
C	Noroeste do Congo-Kinshasa até o Congo-Brazzaville	Gombê, tetela...
D	Nordeste do Congo-Kinshasa	Bembé, conjo...
D-E OU J	Nordeste do Congo-Kinshasa, Ruanda, Burundi, Uganda, parte de Quênia e da Tanzânia.	Ruanda-rundi, maçaba...
E	Maior parte de Quênia e norte da Tanzânia	Camba, curia...
F	Sul do Lago Vitória, na Tanzânia.	Tongue, sucana...
G	Centro da Tanzânia e na costa oriental	Suaíle, xambala...
H	Sul do Congo-Brazzaville, sudoeste do Congo-Kinshasa, noroeste de Angola.	Kikongo, kimbundu, jaga...
K	Nordeste de Angola até o Congo-Kinshasa,	Quioco, pende...

	Zâmbia e Botsuana.	
L	Grupo Luba, centros sul do Congo-Kinshasa até a Zâmbia.	Songa, luba, lunda...
M	Zâmbia, com prolongamento até a Tanzânia, Congo-Kinshasa e Malavi.	Bemba, tonga...
N	Malavi, com prolongamento na Tanzânia.	Nianza, manda...
P	Costa oriental, Moçambique, Tanzânia e Malavi.	Macua, maconde...
R	Sul de Angola, Namíbia, com prolongamento para Botsuana.	Umbundu, herero...
S	Moçambique, Zimbabué, Botsuana, Lesoto, África do Sul.	Nona, ronga, zulo...

Fonte: Güthrie (1953) *apud* Castro (2002, p. 41)

Mapa 2 - Zonas linguísticas de Güthrie



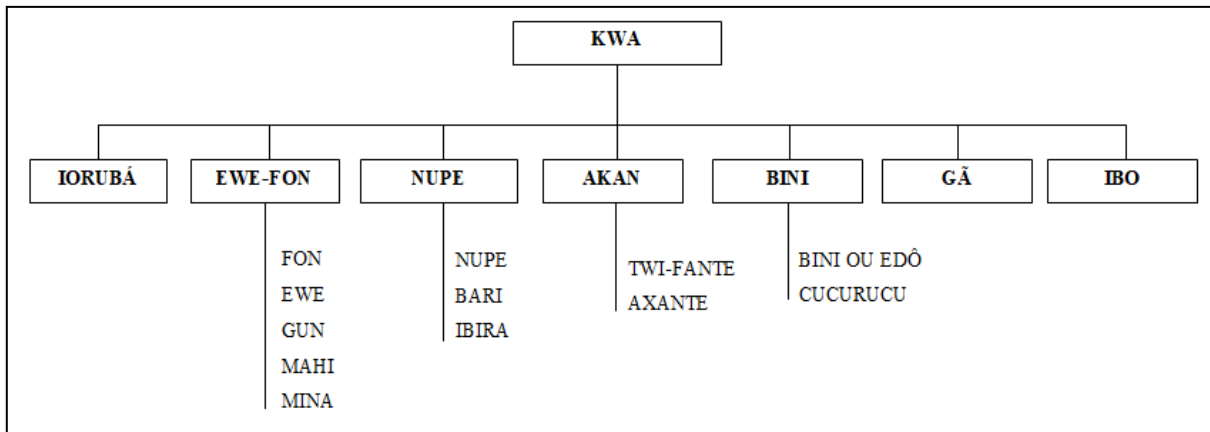
Fonte: Castros (2002, p. 42).

Além das famílias linguísticas mencionadas anteriormente, é possível destacar ainda as línguas kwa, faladas no oeste-africano. Essas línguas se distanciam das línguas bantu, pois, embora possuam as sete vogais orais, existem também as nasalizadas correspondentes.

Diferenciam-se ainda por não possuírem gêneros gramaticais, nem derivados verbais e sua estrutura silábica está ancorada no sistema CV, isto é, consoante vogal (CASTRO, 2001).

A primeira classificação dessas línguas foi dada por Krause, no ano de 1885, representada a Figura 2.

Figura 2 - Famílias de línguas Kwa, de acordo com Krause



Fonte: Castro (2002, p.43), adaptado por Silva (2021).

É importante destacar que tais línguas são faladas na parte ocidental da Costa do Marfim, sudeste de Gena, Tongo, Benin, ao longo dos portos de Aladá, Anexô, Uidá, Cotonu, Badagri e Lagos.

2.1 A LÍNGUA PORTUGUESA E AS LÍNGAS AFRICANAS EM ANGOLA

Como demonstrado na seção anterior, o território angolano é marcado por um intenso multilinguismo, isto é, são várias línguas de origem africana convivendo com a portuguesa, oficial do país, imposta pelos europeus durante o período de colonização.

Angola abriga uma enorme diversidade linguística oriundas da família bantu como o umbundu, kikongo e kimbundu e outras. De acordo com Araújo e Dantas (2017), em Luanda, além do contato linguístico, é preciso considerar ainda os contatos dialetais, uma vez que a cidade recebeu muitos indivíduos de diversas partes do país em busca de segurança e estabilidade durante a luta pela independência. É nesta perspectiva que Teixeira e Almeida (2011) afirmam que hoje, raramente, é impossível encontrar um falante monolíngue das línguas nacionais.

De fato, não existem apenas as línguas da família bantu em Angola, mas ainda as da família khoisan e o português. Cabe salientar que as línguas khoisan são faladas por grupos

mais isolados, o português por uma parcela significativa (cerca de 70%) e as bantu, sendo que o umbundu é a segunda língua mais falada (cerca de 20%) seguida das línguas kikongo e kimbundu (cerca de 8%) (INE, 2016).

Segundo Castro (2001), o umbundu é falado pelos povos ovimbundu, localizado ao longo de uma região extensa e povoada. Essa área abrange a província de Bié, Huambo e Benguela na faixa sul de Angola. Uma das principais características do umbundu é a presença de um artigo demonstrativo “o”, isso acontece somente diante dos prefixos classificatórios.

O kikongo, embora seja uma língua não tão difundida como o umbundu, também está presente em Angola. É tradicionalmente falada pelos povos bacongos, em uma área que corresponde ao antigo Reino do Congo (PETTER, 2007).

Salienta-se que o kikongo é uma das línguas nacionais de Angola, da República Popular do Congo e da República Democrática do Congo. Castro (2001) mostra que dos seus falares regionais são, em grande número, no Congo-Brazzaville, na região central o *kitando* e na região nordeste, o *kilari*, em Angola é registrada a presença do *fiote*, em Cabinda.

O kimbundu, por sua vez, está concentrado na região central de Angola, isto é, entre a cidade de Luanda, Malanje, Bengo e Kwanza-Norte até o município de Ambriz (CASTRO, 2001).

O kimbundu é uma das diversas línguas bantu que são faladas pela população angolana, mais precisamente na capital Luanda, nas províncias de Malanje, Kwanza-Norte, Bengo, nas zonas fronteiriças ao Sul das províncias de Wiji e do Zaire, assim como nas ao Norte da província de Kwanza-Sul (MINGAS, 2000, p. 35).

Diante disso, percebe-se que o kimbundu compreende a segunda língua nativa mais falada em Angola, perdendo apenas para o umbundu que chega a ser falado por mais de 20% da população, de acordo com o último censo realizado em 2014. Historicamente o kimbundu é a língua dos povos Umbundu que, por questões de sobrevivência, precisaram abandonar o campo e migrar para a cidade.

No que concerne à língua portuguesa, é sabido que esta é proveniente do continente europeu e, por causa da colonização, estabeleceu-se em Angola como forma de dominação, passando a ser considerada como oficial do país anos mais tarde. Segundo Timbane, Santana e Afonso (2019), o português é uma língua angolana de genealogia europeia, visto que se observa um número crescente de falantes como língua materna.

É importante lembrar que a língua portuguesa entrou em contato com as demais línguas nativas presentes na região a partir do momento em que os portugueses desembarcaram em terras africanas, isso mostra que “tratar de algumas variedades do português leva quase inevitavelmente a falar dos contatos linguísticos, como é o caso das variedades africanas do português” (ARAÚJO; PETTER; JOSÉ, 2018, p. 17).

Assim, falar sobre o contato linguístico é refletir, historicamente, sobre a formação de novas variedades linguísticas nascidas através desse fenômeno. Assim aconteceu com as línguas românicas, oriundas do contato entre o latim e os idiomas dos grupos dominados e foi do mesmo modo com as línguas levadas para a África no período das grandes navegações (TEIXEIRA; ALMEIDA, 2011).

Para Mingas (2000), a língua portuguesa é a única oficial da colônia portuguesa de Angola, uma vez que havia Decreto para províncias coloniais obrigando a utilizar a língua do país. Constitui-se numa língua que pertence à família indo-europeia, falada em cinco continentes: Europa, África, América do Sul, Oceania e Ásia. É possível distinguir ainda variedades e dialetos como o galego, dialetos portugueses setentrionais e Centro-Meridionais.

O português angolano é considerado como uma variedade do português que nasceu da influência mútua entre o português de Portugal e as várias línguas angolanas articuladas naquele mesmo território.

2.2 PROJETOS COM ÊNFASE NA LÍNGUA PORTUGUESA EM ÁFRICA

Recentemente as variedades do português falado no continente africano têm despertado interesse de estudos dos linguistas, essas variedades estão presentes nos países que foram colonizados por Portugal e apresentam o português como língua oficial. Esses estudos vêm sendo desenvolvidos com o objetivo de compreender o sistema estrutural da língua, bem como de realizar comparações entre variedades do português, a exemplo com o PB.

2.2.1 Projeto de investigação no município do Libolo

O Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo (USP) também desenvolve estudos acerca das línguas africanas. O Grupo de Estudos de Línguas Africanas, coordenado pela professora Margarida Maria Taddoni Petter, nasceu no ano de 2013 e está envolvido com a pesquisa a respeito do kimbundu falado na região do Libolo, município de Kwanza-Sul, na Angola.

O projeto de investigação no município do Libolo funda uma oportunidade singular de pesquisa. Os estudos realizados dentro das linhas do projeto permitem dar sequência às investigações sobre o funcionamento da gramática do kimbundu, bem como de que modo essa língua participou na formação do português falado no Brasil e em Angola. Mais informações sobre o projeto podem ser obtidas em Figueiredo e Oliveira (2016).

2.2.2 Laboratório de Associação da Linguística, Educação e Antropologia em estudos do Contato de Línguas, Dialectos e Grupos Sociais na Europa, África e Américas – ALEA

A Universidade de Brasília (UnB) tem o Laboratório de Associação da Linguística, Educação e Antropologia em estudos do Contato de Línguas, Dialectos e Grupos Sociais na Europa, África e Américas – ALEA, vinculado ao Instituto de Letras e criado pelas professoras Ulidete Rodrigues de Souza Rodrigues, Ormezinda Maria Ribeiro, Juliana Braz Dias e Silmara Carina Dornellas Munhoz, que também pesquisa o contato de línguas, dialectos e grupos sociais na Europa, África e Américas.

Propõe estudos de análises gramaticais, lexicais, textuais, discursivas e pragmáticas de línguas e dialectos em contato intra e/ou intercontinentalmente.

2.2.3 Constituintes Locativos e Sentenças Existenciais em Variedades Brasileiras e Africanas do Português

O projeto visou estudar o comportamento de constituintes locativos dentro de sentenças existenciais em variedades do português no Brasil e na África. Coordenado pelo professor Juanito Ornelas de Avelar, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) entre os anos de 2015 e 2016. O projeto apresentou como objetivo verificar em que medida a variação entre os verbos "ter" e "haver" poderia encontrar-se relacionado à sintaxe dos constituintes adverbiais e/ou preposicionais que servem à expressão de espaço e entram na composição das orações existenciais.

Os resultados obtidos foram analisados levando em consideração as discussões a respeito do papel dos africanos e suas respectivas línguas, na emergência de padrões nas frases que não são usuais no português europeu.

2.2.4 Subsídios para o Estudo Histórico-Linguístico de Variedades Brasileiras e Africanas no Português

O projeto visou contribuir para o levantamento de subsídios e elaboração de *corpora* no âmbito do grupo de pesquisa internacional *Afro-Latin Linguistics: Language Contact in Intercultural Settings*, composto por pesquisadores do Brasil, da Suécia e do Uruguai voltado para averiguações de discussões acerca do contato das línguas ibéricas com línguas africanas na América Latina e na África.

Coordenado pelo professor Juanito Ornelas de Avelar e professora Mariana Andrioli Nucci, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) nos anos de 2012 e 2013, apresentou como objetivo a organização de um banco de dados para duas frentes de trabalho desenvolvidas dentro do grupo, a) levantamento e transcrição de dados para o estudo de aspectos léxico-gramaticais em textos orais produzidos por africanos e afrodescendentes no Brasil e na África e b) levantamento e transcrição de anúncios de venda, compra e fuga de escravos em periódicos do século XIX.

Na fase II, nos anos de 2015 e 2016, foi ampliada a base de dados do projeto, isto é, as transcrições de entrevistas com falantes de português em Maputo-Moçambique, abrangendo na amostra entrevistas com sujeitos da comunidade de fala de Angola, da região de Cabinda. O projeto contou com a participação dos pesquisadores Ana Jon-And, Laura Álvarez López e Torun Reite, da Universidade de Estocolmo.

Atualmente o projeto encontra-se na fase III, objetiva ampliar a base de dados constituída nas Partes I e II, com intuito da amostra ser publicada na Web, para acesso de toda a comunidade acadêmica, depois de sua edição. O material produzido nas três fases do projeto será empregado em abordagens comparativas de base linguística e social e histórica, tendo em vista à exposição e análise gramaticais que marcaram ou vêm marcando a manifestação de novas variedades do português no Brasil e na África.

2.2.5 Grupo de Estudos de Línguas em Contato e Línguas Africanas

Em parceria com a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), a Universidade Federal da Bahia (UFBA) desenvolve projetos de investigação acerca das línguas africanas, no Grupo de Estudos de Línguas em Contato e Línguas Africanas (GELCLA).

O grupo é coordenado pela professora Manuele Bandeira, do Programa de Pós-graduação em Línguas e Cultura, da UFBA e pelos professores Eduardo Ferreira dos Santos e Shirley Freitas Sousa, da UNILAB.

Apresenta dois objetivos principais: realizar estudos das línguas em contato linguístico, isto é, estudar as variedades da língua portuguesa, português vernacular brasileiro, português afro-brasileiro, português indígena, português afro-indígena, português africano e línguas crioulas de base lexical portuguesa e estudar as línguas africanas faladas nos espaços lusófonos.

A relação de projetos aqui apresentada é mínima e só objetivou-se demonstrar o recente interesse de linguistas pelo entendimento da língua portuguesa em países africanos e, por essa razão, obviamente, não recobre todos os estudos que vêm sendo realizados no Brasil. De todo modo, fica evidente que existem diversos grupos de estudos acerca das variantes da língua portuguesa falada em território africano. Diante disso, é fundamental salientar a importância do desenvolvimento de tais projetos e grupos de estudos, pois tentam compreender, através da comunidade de fala a realidade da língua portuguesa no mundo.

3 ANGOLA: UM PERCURSO HISTÓRICO E SOCIOLINGUÍSTICO

Angola encontra-se situada na costa ocidental da África Austral e faz fronteira com os seguintes países: Namíbia, Zâmbia e a República Democrática do Congo. É o sexto país do continente africano com maior dimensão, totalizando uma área de 1.246.700 quilômetros, sendo uma costa de 1.650 quilômetros e uma fronteira terrestre de 4.837 quilômetros (MINGAS, 2000). O país está dividido em 18 províncias: Cabinda, Zaire, Uíge, Bengo, Luanda, Kwanza Norte, Kwanza Sul, Malanje, Lunda Norte, Lunda Sul, Benguela, Huambo, Bié, Moxico, Huíla, Cunene e Cuando-Cubango. Além de Luanda, capital, o país possui como principais centros urbanos as cidades de Huambo, Lobito, Benguela e o Lubango. No Mapa 3, pode ser visualizado a dimensão espacial de Angola, com as subdivisões.

Mapa 3 - Divisão das províncias angolanas



Fonte: Mendes (2010).

De acordo com o censo realizado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), no ano de 2014, a estimativa da população angolana foi de 25 789 024 de pessoas, desses números 48% é do sexo masculino e 52% feminino. A maior parte da população reside na zona urbana (63%) e o restante na área rural (37%), sua densidade populacional média é de 20,7 habitantes por quilômetros quadrados (INE, 2016).

A soma dos grupos etários dos 0-14 anos de idade e dos 15-24 anos de idade confere ao país uma população muito jovem, correspondendo a 65% da população total de Angola. A diferença entre a população jovem e idosa é muito elevada, pois essa última representa apenas 2% com 65 anos ou mais (INE, 2016). A média de idade da população é de cerca de 21 anos, sendo a mediana de 16 anos. A idade média das mulheres (21 anos) é superior à dos homens (20 anos).

Angola é um país pluriétnico, contudo grande parte dos habitantes é de origem bantu, há também muitas etnias das quais se destacam os Khoisan, os Lunda Cokwe, os Gandela, os Nhaneca-humbe, os Ovambo, os Herero e os Bosquímanos (ARMANDO, 2014).

3.1 UM OLHAR SOBRE A HISTÓRIA

Durante muito tempo, historiadores tentaram explicar a origem dos povos africanos. Muitos acreditaram que não possuíam uma história própria, pois, de acordo com algumas teorias, os povos da África teriam suas origens na Ásia e, por um processo de migração, chegaram até o continente (OLDEROGGE, 2010).

Essas teorias, também conhecidas como teorias da escola alemã, afirmavam ainda que a história da humanidade teve sua gênese na Ásia. Assim, os estudiosos europeus discutiam a ideia de que o continente asiático, entendido como o berço da humanidade, foi lugar de ascendência de todos os povos que invadiram a Europa e a África (OLDEROGGE, 2010).

Salienta-se que, segundo essas teorias, os povos mais antigos da África foram os San que chegaram até lá em dois processos migratórios caracterizados: os San pintores e os San gravadores. Cada um desses grupos teria seguido direções distintas, atravessando o mar Vermelho. Posteriormente atravessaram as florestas equatoriais, reencontrando-se no sul da África (OLDEROGGE, 2010).

Nascimento (2007) afirma que toda história dos povos africanos está ligada ao deslocamento e desenvolvimento de sociedades. O povoamento do continente africano, nesse sentido, envolvia o deslocamento da população que apresentavam a mesma origem e se fundavam em novos espaços geográficos como grupos distintos, assim consolidavam novas

identidades e culturas, ao mesmo tempo em que mantinham semelhanças das suas tradições de origem.

É importante salientar que os movimentos migratórios dos povos africanos referem-se ao grande deslocamento de um extenso número de pessoas em largas regiões e durante um longo período. Salienta-se ainda que esses deslocamentos também tinham a finalidade de assegurar a sobrevivência, por meio dos produtos da terra como a cria de animais, colheita, caça, mel e outros (AJAYI, 2010).

Ajayi afirma ainda que “as populações em movimento muitas vezes tiveram que ocupar e cultivar terras que, até então, haviam sido consideradas de qualidade inferior, e, por conseguinte, desenvolver culturas e técnicas agrícolas adequadas a seu novo meio” (AJAYI, 2010, p. 4). Isso mostra que os povos africanos sempre desenvolveram civilizações a partir de grupos que lutavam pela sobrevivência baseada nos frutos da terra que as regiões poderiam oferecer e, partir disso, formar novas identidades e culturas.

Vastas foram as tentativas para compreender a origem não somente dos povos africanos, mas ainda do processo de povoamento do continente. Surgiu uma teoria complementemente oposta à da escola alemã, pregando a existência de círculos de civilização individualizados, identificáveis por critérios inerentes procedidos especialmente das culturas materiais (OLDEROGGE, 2010).

Olderogge (2010) afirma que, na busca de compreensões sobre a população africana, houve a teoria de que a população nativa da África fosse constituída de povos com estatura baixa, denominados de Pigmeus e San, no entanto a discussão que não possuíam quaisquer elementos culturais continuava. Em seguida, os povos negros chegaram ao referido continente, mas em processo migratório muito vago procedentes do sudeste da Ásia. Esses povos disseminaram-se por todo o território da savana sudanesa, entraram na floresta equatorial e introduziram uma agricultura ainda bem simples, como o cultivo de bananas, utilizavam ainda o arco e flecha, instrumentos de madeira e a construção de cabanas a fim de se abrigarem, esses povos falavam línguas de tipo isolante.

Posteriormente, chegaram os proto-comitas também oriundos da Ásia, contudo de regiões localizadas ao norte das terras de origens dos negros. Esses povos se comunicam através das línguas aglutinantes com classes nominais. Assim, a esses povos deve-se o ensinamento do uso de outras ferramentas na agricultura e a criação de gado. Salienta-se que o cruzamento dos proto-comitas com os povos negros originou os povos bantu (OLDEROGGE, 2010).

De forma paralela a tal teoria, surgiu a camítica que, por sua vez, estava arraigada nos princípios da linguística. Essa teoria pregava que os antepassados dos San eram os autóctones mais ancestrais da África. Assim, representaria uma etnia claramente caracterizada de traços particulares diferentes de todas as outras, utilizavam as línguas que possuíam consoantes cliques.

Os negros também eram considerados nativos nas zonas equatorial e sudanesa, utilizavam línguas isolantes tonais e com radicais monossilábicos. Como participação dessa população, chegaram também os povos camitas provenientes da Arábia e chegaram ao Sudão, passando pela África do Norte. Os camitas se comunicavam através das línguas faladas e flexionadas, esses teriam pertencido a uma cultura bastante elevada à dos negros. Entretanto, parte da ocupação camita atingiu as savanas da África oriental; a miscigenação dos camitas com a população indígena teria dado origem aos povos de língua bantu.

No começo do século XIX, os principais grupos linguísticos e culturais que formavam a população africana tinham se fundado há bastante tempo nas distintas regiões que lutavam pela posse. Ajayi (2010) mostra que antes do século XVII grande parte do continente africano já havia sido “partilhada” por esses grupos.

Os diferentes grupos, posteriormente a posse das regiões, tinham adquirido estabilidade. Ressalta-se que nos séculos XVII e XVIII, somente no Chifre da África, na África Oriental e em Madagascar que ocorreram migrações significativas em direção a regiões pouco povoadas relativamente, o que também implicou o domínio do espaço (AJAYI, 2010).

Olderogge (2010) defende que essa evolução dos povos africanos se deu em quatro sequências: na primeira a língua com cliques, posteriormente as línguas isoladas e muito embrionárias utilizadas pelos negros sudaneses; a mistura das referidas línguas com as camíticas que, por sua vez, deu origem as línguas da família bantu e, por fim, as línguas articuladas pelos colonizadores camitas que introduziram as línguas flexionadas. É importante salientar que a teoria camítica foi apoiada por diversos linguistas e disseminada para além do continente europeu.

A teoria camítica fez com as antigas não tivessem mais forças, uma vez que toda essa documentação mostra de forma completa que o desenvolvimento do homem teve lugar no continente africano, assim todas as discussões de que os povos africanos surgiram a partir de movimentos de migração asiática tornou-se insustável. A África, portanto, é único continente que apresenta uma linha sem interrupção do desenvolvimento do homem.

Diante desse processo de evolução, Olderoogge (2010) destaca que os árabes, no século XI, invadiram os países do Magreb, região do noroeste da África. Os povos da África do Norte tornaram-se árabes quanto à língua e à civilização, destaca-se que suas línguas de origem continuaram a viver somente em certas regiões do Marrocos, na Kabylia, no djebel Nefusa e nos oásis.

A região oriental foi habitada pelos etiopídeos, a parte sul do continente foi ocupada por grupos San. Possivelmente os Pigmeus ocuparam a região das florestas tropicais e equatoriais, formando um grupo bem peculiar, cujas características físicas foram desenvolvidas levando em consideração o meio ambiente de clima úmido e carência de luz (OLDEROGGE, 2010).

O extremo sul da África, segundo Olderoogge (2010), foi povoado pelos povos San que atualmente encontram-se isolados nas regiões inóspitas e áridas da Namíbia e do Calaari. É possível encontrar esses grupos ainda em Angola. Destaca-se ainda o pequeno grupo dos Hadzapi que habita nos arredores do lago Eyasi, na Tanzânia. Em Angola existe ainda o grupo dos Kwadi, que apresentam aspectos linguísticos e modo de vida muito dos San.

A região das savanas da África oriental foi a primeira do continente a ser habitada. Atualmente são povoadas por negros de língua bantu, que foram **antecedidos pelos grupos San e Khoi-Khoi**. Olderoogge (2010) afirma que existem outros povos da mesma região, no entanto falam línguas cuchíticas ou de outros grupos, como, por exemplo, o Iraqw. Todas essas línguas são precedentes ao desenvolvimento das línguas bantu.

Data-se que no início do século VI os povos bantu, originados do norte da África, possivelmente da atual República dos Camarões, num processo de migração, ocuparam todo o território angolano. Ao chegar, esse grupo encontrou outros grupos como os Khoisan que ali habitavam (OLDEROGGE, 2010).

É importante destacar que o grupo bantu impôs aos demais, com bastante facilidade, a sua tecnologia nos campos da metalúrgica, confecção de utensílios de cerâmica e ainda na agricultura. A acomodação dos bantu foi dada ao longo dos séculos, originando diferentes grupos que viriam a consolidar-se em etnias que duram até a contemporaneidade.

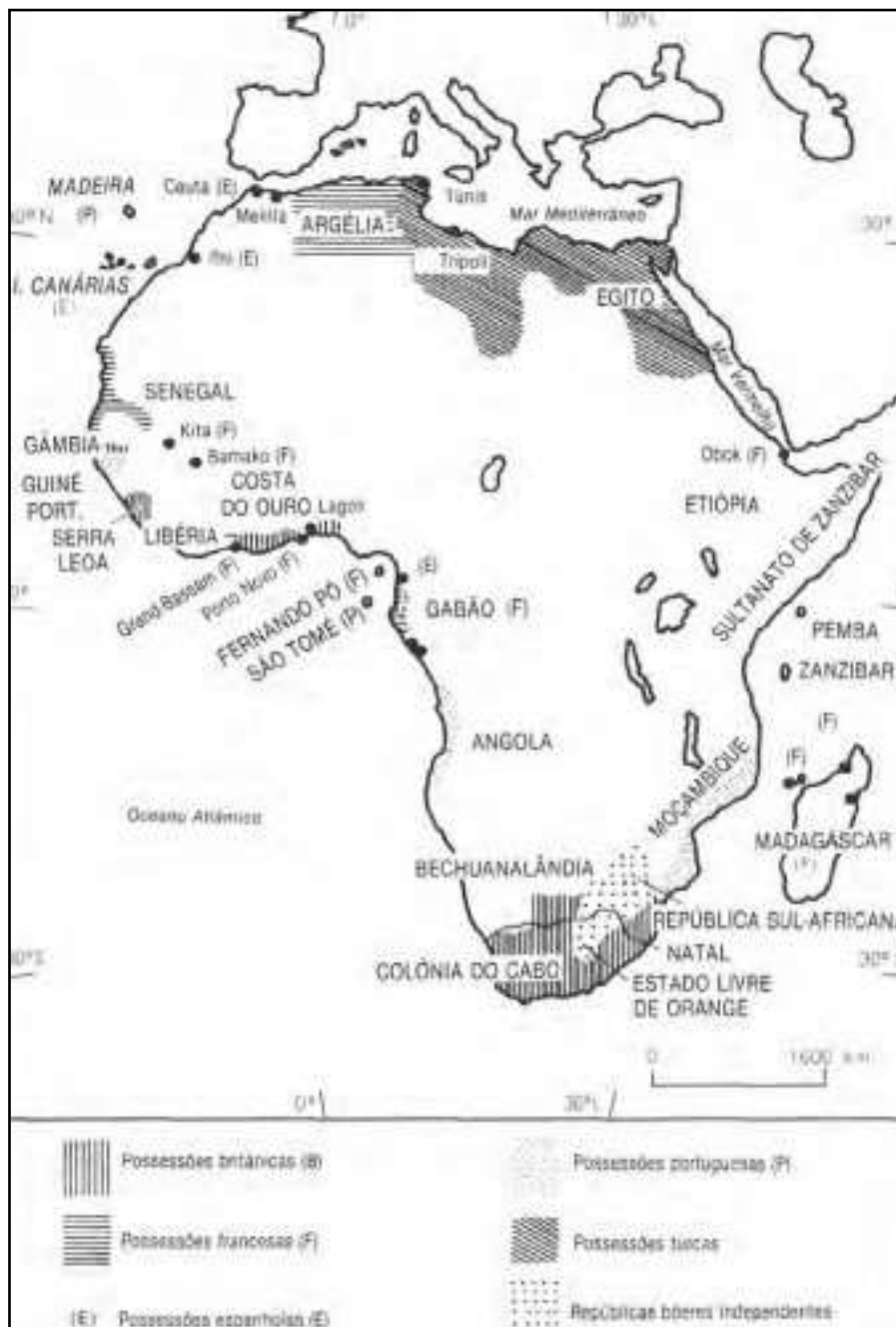
Para Ajayi (2010) o início do século XIX foi marcado pelo surgimento de novos fatores que ocasionaram a transformação na história da África. O principal fator foi, sem dúvida, o desejo de os europeus terem não somente de comercializar os produtos africanos, todavia de interferir na vida social e econômica da população da África.

Os europeus chegaram ao território africano por volta do ano de 1415, no entanto Boahen (2010) afirma que em um espaço de tempo muito curto o continente foi marcado por grandes conquistas e ocupações em todo o seu território. Cabe salientar que até o ano de 1880 apenas algumas áreas bastante restritas da África estavam sob a dominação direta de europeus.

No Mapa 4, é possível ver as áreas ocupadas pelos europeus até o ano de 1880, antes da partilha do continente. Observa-se que na África ocidental, essa dominação ficou limitada as zonas costeiras e ilhas do Senegal, à cidade de Freetown e suas adjacências que atualmente pertencem a Serra Leoa, às áreas meridionais da Costa do Ouro, atualmente território de Gana, ao litoral de Abidjan, na Costa do Marfim, e de Porto Novo, no Daomé atual Benin, e à ilha de Lagos hoje a Nigéria (BOAHEN, 2010).

Ainda de acordo com Boahen (2010), na África setentrional os franceses ocuparam somente a região da Argélia. A África oriental não tinha sido colonizada pelos europeus, no entanto, na África central, o domínio desempenhado pelos portugueses ficava restrito a algumas faixas costeiras de Moçambique e Angola.

Mapa 4- Mapa da dominação europeia na África até o ano de 1880



Fonte: Boahen (2010, p. 2).

No ano de 1482, os portugueses chegaram a Zaire, sob a direção do navegador Diogo Cão, desde então os portugueses tiveram os primeiros contatos com os povos de Angola. A Constituição de Angola como província ultramarinha de Portugal iniciou em 1570, com o desembarque de Paulo Dias de Novais, levando consigo cerca de 100 famílias de colonos e 400 soldados em Angola. Paulo Dias de Novais teve o título de primeiro governador

português a chegar a Angola. Seus objetivos consistiam em explorar os recursos naturais e agenciar o tráfico dos povos negros, desenvolvendo um intenso comércio.

A história nos mostra que a chegada efetiva dos portugueses em Angola se deu por volta do ano de 1575 (SANTOS, 2018). O que os portugueses buscavam, sem dúvida, era explorar a riqueza do território e expandir, assim, a sua base econômica e social. No entanto, a procura pelas riquezas minerais não foi exitosa e, então, os portugueses passaram a traficar pessoas para ser escravizadas, um comércio que cresceu de forma rápida, fazendo de Luanda apenas um ponto de apoio para as embarcações.

De acordo com Silva e Araújo (2020), para entender todo o processo de formação de Angola, é importante perceber que as grandes navegações instituídas por Portugal no século XV apresentavam, de fato, a finalidade de formar novas relações de comércio. Ainda no período das Grandes Navegações, Portugal conquistou muitas colônias em diferentes partes do mundo, como a África. Diante desse contexto, o país transformou-se em um poderoso império ultramarino e a potência mundial.

Destaca-se que, em 1836, o tráfico de escravizados foi extinto, e, somente oito anos mais tarde, os portos de Angola foram acessíveis às embarcações estrangeiras. Com a Conferência de Berlim (1884/1885), Portugal concretizou imediatamente a ocupação territorial das suas colônias.

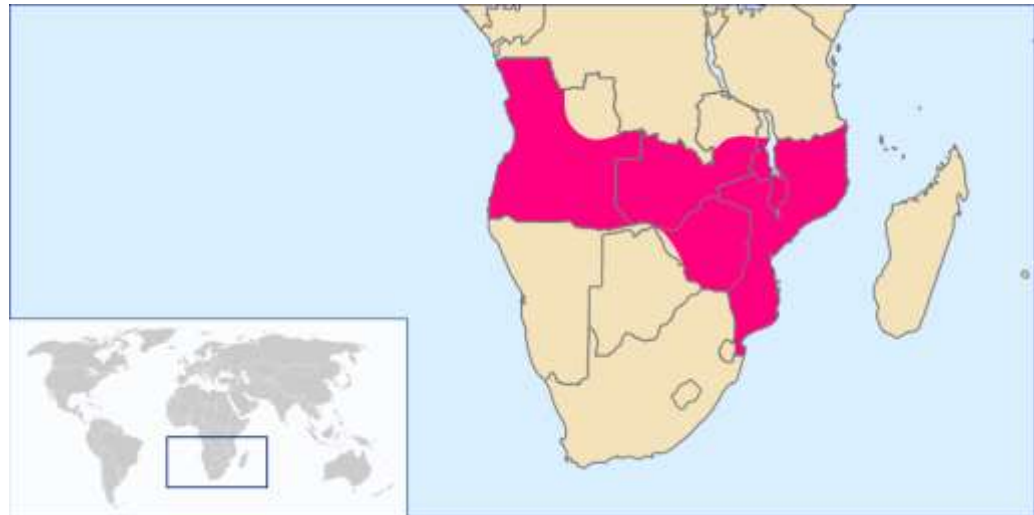
Diante disso, surge então o projeto denominado mapa cor-de-rosa traçado por Portugal para tentar unir Angola a Moçambique. Tal projeto foi apresentado Conferência de Berlim, provocando uma forte reação na Inglaterra que também se dispunha a explorar as riquezas africanas. É importante ressaltar que na metade do século XIX a Europa estava vivendo um denso processo de crescimento econômico originado do desenvolvimento industrial e do aumento de produção, assim sendo, a situação demandou novas explorações de mercados para o escoamento dessa produção e aquisição de matéria-prima para o aprimoramento industrial.

Os projetos dos europeus para explorar as regiões do continente africano foram intensificados e, a partir 1850 a 1880, as grandes viagens foram com o intuito de explorar tal território. Salienta-se que essas viagens só foram realizadas a partir da Conferência de Berlim no ano de 1884/1885, no entanto já existia uma ampla concorrência dos alemães, ingleses e bóeres.

Diante dessa ameaça comercial, surgiu a ideia de formar um território central na África, a partir do litoral que os portugueses dominavam, isto é, de Angola até Moçambique (ver mapa 5), essa proposta foi apresentada ainda na convenção luso-francesa no ano de 1886 e trazia essa área central em cor de rosa. Observa-se que os planos de Portugal em criar essa

divisão não soaram bem para os ingleses que também pretendiam falar uma ligação do Cabo ao Cairo, isso pôs em jogo critérios estabelecidos pela Conferência de Berlim como, por exemplo, as áreas de navegações. A Inglaterra conseguiu apoio de outras nações como a Alemanha, o que enfraqueceu a ideia de Portugal que acabou sendo vencido.

Mapa 5 - Mapa cor-de-rosa sugerido por Portugal



Fonte: Brito (2014). Portal Estórias da história.

O Mapa 5, denominado mapa cor-de-rosa foi um documento representativo da intenção de Portugal em ter soberania sobre os territórios marcados. No entanto, a contestação com a Grã-Bretanha, grande potência no período, a respeito desses territórios induziu Portugal a cedê-los para o comando britânico, o que causou grandes danos à monarquia portuguesa.

A Conferência de Berlim determinou que o território de Cabinda, a norte do rio Zaire, constituiria também como área pertencente a Portugal. Após uma estruturação duradoura e complexa, no final do século XIX, Portugal instaurou uma organização administrativa colonial inteiramente ligada aos territórios e com os povos a governar. No que concerne à economia, afirma-se que a estratégia colonial estava centrada nos ramos da agricultura e na exportação de matérias-primas, a cobrança dos impostos das classes populares rendia lucros significativos para Lisboa.

É importante salientar que forçados politicamente pela Conferência de Berlim (1884/1885), a respeito da dominação territorial e o direito à colônia, os portugueses começam as chamadas Guerras de Ocupação que, de acordo com Mingas (2000), foram verdadeiros massacres ao povo angolano. Possuindo uma sociedade tecnologicamente avançada, Portugal impôs-se aos angolanos. Embora apresentasse todo esse poder diante da

sociedade de Angola, esta, por sua vez, continuou a resistir durante todo o século XV, somente no ano de 1926, Portugal conseguiu dominar todo o território que compreende a Angola (MINGAS, 2000).

Durante o período colonial, a sociedade era tipicamente dividida em dois grupos básicos: os portugueses, que eram subdivididos em outros dois grupos: *colonialistas* ou agentes da metrópole colonizadora e *colonos*, instrumentos da colonização; e os angolanos, também classificados em dois: assimilados e indígenas (MINGAS, 2000). É possível perceber ainda a separação de classes no espaço habitado, a cidade era separada em três zonas: o centro, habitado pelos colonialistas, a zona dos bairros arenosos povoados por colonos e parte dos assimilados e nas periferias, também chamadas de musseques, habitavam a maioria dos assimilados e dos indígenas (MINGAS, 2000).

Diante disso, é possível afirmar que a colonização tinha o objetivo de substituir os nativos por recursos humanos oferecidos de Portugal mais qualificados para auxiliar os colonizadores nessa exploração, como também implantar uma cultura, economia e, sobretudo, uma língua diferente das que ali existiam.

Vale salientar que, de forma semelhante ao Brasil, Angola recebia, em sua maioria, os portugueses condenados e rejeitados pela sociedade portuguesa (MINGAS, 2000). Assim, parte dos colonos juntou-se aos povos nativos, conferindo um número alto de sujeitos mestiços. Com o tempo, o quantitativo de portugueses nascidos em Angola tornou-se mais elevado que os nascidos em Portugal, fato este que levou os colonialistas a fazer uma separação: portugueses ou brancos de primeira seriam os nascidos em Portugal e de segunda aqueles naturais de Angola (MINGAS, 2000). Aos brancos de primeira eram concedidos os direitos de ajuda econômica e a cargos elevados, enquanto que os de segunda, esses direitos lhes eram negados.

Os portugueses sentiam-se ameaçados pelos angolanos, assim, a fim de se imporem, os portugueses criaram um grupo de apoio aos nativos que, como já mencionado, eram divididos em dois subgrupos. Os assimilados cujos filhos possuíam o direito de frequentar as escolas e adquirir a nacionalidade portuguesa. Mingas (2000) mostra que entre os assimilados existia também outra subdivisão, a saber: passivos, cujo povo não assumia a sua cultura, não se apropriava da sua história, ou seja, eram alheios a sua condição social, e os ativos que se apropriava de tudo o que tinham direito, com o objetivo de lutar e libertar seu povo do domínio português. Aos indígenas era conferido o dever de pagar impostos anualmente, poderiam também ser enquadrados na classe dos assimilados desde que fizessem um exame

com o responsável do bairro, a fim de comprovar que dominavam a língua portuguesa e conheciam os hábitos dos cidadãos portugueses.

Para melhor se imporem à maioria dos Angolanos que sentiam hostis à presença, os Portugueses decidiram criar um grupo de apoio entre os autóctones. Para o efeito, os angolanos foram divididos em dois subgrupos. O primeiro era formado pelos “Assimilados”, cujos filhos tinham o direito de frequentar a escola conjuntamente com as crianças portuguesas, bem como à nacionalidade portuguesa. Na realidade podemos afirmar que existiram dois grupos de “Assimilados”, a saber os passivos e os ativos. Os primeiros eram alienados, não assumiam a sua cultura, o seu povo, a sua história nem sua condição de seres humanos. Eram o que os colonialistas designavam como “negros diferentes”, “negros que não eram como os outros, porque tinham a pele negra, mas sua alma era branca”. O segundo eram aqueles que se apropriavam de tudo o que lhes foi possível aprender; como o objetivo de libertar o seu povo e país da dominação colonial portuguesa [...] o segundo subgrupo, o dos indígenas [...] durante essa época estavam sujeitos ao pagamento de um imposto anual. Poderiam, contudo, adquirir o estatuto de “Assimilados” após um exame feito pelo administrador do bairro. Nesse exame o Angolano deveria demonstrar saber falar corretamente a língua portuguesa e mostrar que tinha adquirido, no mínimo, a ilustração e os hábitos individuais e sociais dos cidadãos portugueses, em especial, comer à mesa (MINGAS, 2000, p. 46-47, grifos da autora).

Ainda nesse período, a única língua que os angolanos poderiam aprender e dominar era a portuguesa, não poderiam assumir um posto ou um cargo público sem ser um assimilado e sem dominar a língua. Caso o filho de um assimilado falasse uma língua africana na escola, os pais responderiam junto à polícia política portuguesa¹ (MINGAS, 2000).

A história de Angola é assinalada por batalhas consecutivas que deixaram várias consequências não somente na área da economia, mas ainda sociais facilmente de serem observadas até a atualidade. Nessa perspectiva, o colapso no Colonialismo Europeu estimulou, certamente, a luta pela independência de Angola que, após uma intensa guerra pela liberdade, em 1975 consegue a libertação do domínio português.

3.2 O PERFIL SOCIOLINGUÍSTICO DE ANGOLA

O continente africano possui uma diversidade de culturas. Nele predominam os povos caucasoides e semitas com suas respectivas culturas, tradições e formas de expressões peculiares a cada região, já na chamada África Negra, localizada ao sul do Deserto do Saara

¹ Também conhecida como Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE), diz respeito a um policiamento das políticas portuguesa, criado entre os anos de 1945 e 1969. Essa instituição visava repressão de todos os modos de contestação, resistência, desobediência ao regime político vigente.

(África Subsaariana), encontra-se também essa diversidade como os povos pigmeus, bosquímanos, hotentotes, sudaneses e os bantus, esta grande diversidade se reflete na quantidade de línguas no continente (ARMANDO, 2014). É importante salientar que, na África, para além de Angola, o português também é falado em São Tomé e Príncipe, Guiné Bissau, Guiné Equatorial, Cabo Verde e Moçambique.

Angola, além de ser uma região culturalmente rica, no sentido de tradições e manifestações, carrega ainda um acervo linguístico importantíssimo para a compreensão e a formação dos povos e das línguas africanas.

Assim como os outros 53 países do continente africanos, o país também é considerado como um país que possui múltiplas etnias e culturas, isso se dá pelo fato de esse lugar ter recebido os vários povos de diferentes localidades do continente africano (ARMANDO, 2014). Dentre esses povos, destacam-se os Ovimbundus que, durante a guerra pela independência, muitos partiram da zona rural para as grandes cidades como Benguela e Luanda, transportando, dessa forma, suas línguas autóctones.

Armando (2014) afirma que, durante a guerra pela independência, muitos Bakongos fugiram para a República do Congo, aprendendo também o francês e o lingala, língua essencial para estabelecer a comunicação naquela país. Após a independência de Angola, grande parte retornou para seu local de origem, originando comunidades mais populares, sobretudo em Luanda, isso mostra que a sua língua, o kikongo, ainda é viva em parte significativa do país.

Nas províncias de Luanda Norte, Luanda Sul e Moxico estão presentes os Cokwe. Já os povos designados como Ganguelas (conjunto de povos), não compõem uma etnia muito vasta e cada um fala a sua língua, embora seja da mesma origem linguística. Destacam-se na parte sudoeste da Angola povos como Herero, Vakuval, Himba e Dimba; no sul, os descendentes de povos não-bantu que falam uma língua específica, são os Khoisan. Os Bosquímanos foram os primeiros a povoar Angola, isto é, não pertencem ao grupo Bantu.

As línguas são faladas em Angola por diferentes grupos etnolinguísticos disseminados pela região. Assim, salienta-se que a condição etnolinguística do país se resume em umbundu que é uma língua falada pelo povo Ovimbundu; o kimbundu falado pelo povo Ambundu; o kikongo falado pelo grupo Bakongo; o cokwe falado pelos povos e a língua kwanyama falada pelo grupo Vakwanyama, há ainda o ngangela falado pelo grupo Vangangela (SEVERO, 2015).

O Mapa 6 apresenta a distribuição geográfica dos povos e das línguas citadas.

Mapa 6 - Mapa dos grupos etnolinguísticos de Angola



Fonte: Oliveira (2003).

Mingas (2000) mostra que, no que se refere à situação linguística de Angola, compreende-se que é um país plurilíngue. Existem línguas da família bantu, a exemplo do umbundu, kimbundu, kikongo, cokwe, helelo, oxindonga, oxiwambo, ngangela e nhaneka; e línguas que não pertencem a esse grupo, como o vatwa e o khoisan, ilustrado no Quadro 2, na página a seguir. Todas essas línguas, a partir do século XVI, convivem com o português que se constitui enquanto oficial do país.

Com o fenômeno da colonização, as diferentes línguas presentes no território angolano expandiram-se de forma isolada, uma vez que era proibido aos assimilados e sua família falar outra língua que não fosse o português. É nessa perspectiva que Mingas (2000) afirma que, do ponto de vista linguístico, o país pode ser comparado a um arquipélago, visto que cada língua representa uma ilha.

Timbane, Santana e Afonso (2019) afirmam que a realidade linguística africana é bastante complexa, isso porque o continente tem quatro famílias de línguas: nigero-congolesa com 1436 línguas, afro-asiática somando 371 línguas, Nilo-saariana com 196 línguas e a Khoisan com 35 línguas; assim o continente africano somam mais de 2 mil línguas. Salienta-

se que não é um número fixo, haja vista que outras línguas estão sendo descobertas, outras em processo de padronização e algumas até desaparecendo pelo fato de estarem isoladas e faladas por um pequeno grupo.

Nurse e Philippson (2003) e Greenberg (2010) *apud* Timbane, Santana e Afonso (2019) classificam as línguas bantu em 16 zonas, sendo elas A, B, C, D, E, F, G, H, J, K, L, M, N, P, R e S. Destas, Angola ocupa as zonas H, K e R e os autores destacam ainda que as línguas angolanas estão ligadas às etnias.

O quadro 2 dispõe das principais línguas africanas presentes em Angola. Cabe salientar que as línguas Khoisan são faladas por grupos menores, o que impede a sua disseminação, assim tais línguas precisam ser estudadas profundamente, uma vez que as comunidades estão desaparecendo (TIMBANE; SANTANA; AFONSO, 2019).

Quadro 2 – Classificação dos grupos etnolinguísticos de Angola (adaptado pelo pesquisador, 2020).

FAMÍLIA	GRUPO	LÍNGUA
BANTU	Ovimbundu	Umbundu
	Umbundu	Umbundu Mbundu Nano Ndombe Nyaneka Khumbi
	Ambundu	Kimbundu
	Ambo (ndonga)	Kwanyama
	Kimbundo	Kimbundo Mbundu Ngola Mbamba
	Bakongo	Kikongo
	Kikongo	Ndingi Ndinzi (Cabinda) Mboka (Cabinda) Kongo
	Chokwe-luchazi	Cokwe Ngangela Nyemba
	Tucokwe	Cokwe
	Vangangela	Ngangela
	Ovambo	Ovakwanyama
	Ovandongá	Oshindonga
	Ovanyeka-Nkhumbi	Olunyaneka
	Vakwanyama	kwanyama
Ovahellelo	Oshihelelo	
KHOISAN	Khoisan	Oshihelelo
		Ju
		!ui-taa
		Hõã

		Khoe
		Kwadi
	Vátwa	Vátwa

Fonte: Fernandes e Ntongo (2002); Hodges (2004) *apud* Inverno (2008).

Severo (2015) afirma que, no ano de 2011, foi sancionada a Lei do Estatuto das Línguas Nacionais de Origem Africana tendendo regular a realidade linguística de Angola em situações administrativas, educacionais e midiáticas.

Dentre as línguas consideradas nacionais em Angola estão: umbundu, kimbundu, kikongo, cokwe, kwanyama e nganguela. Tais línguas pertencem a duas famílias linguísticas diferentes: Bantu (englobando a maioria das línguas angolanas) e Khoisan (uma minoria que tem como traço marcante o uso de cliques). Além das línguas nacionais, há centenas de dialetos falados em Angola. Em termos estatísticos, de forma geral, a língua portuguesa é majoritária na capital do país e nos centros urbanos, sendo a mais falada em Angola. As línguas angolanas são usadas em regiões rurais, sendo grande parte dos angolanos bilíngues ou multilíngues. A língua angolana mais falada é umbundu, seguida do kimbundu, kikongo e cokwe (SEVERO, 2015, p. 7-8).

Diante dessa realidade linguística de Angola, percebe-se que as línguas angolanas, isto é, as línguas nacionais, deve sempre merecer destaque e uma política que as valorizem, haja vista que existem cidadãos que a possuem com língua materna, além de ser importante preservar os traços históricos, sociais e culturais de um povo.

Juntamente com as línguas de origem africana, considerando todo o percurso histórico colonial e pós-colonial de Angola, desenvolveu-se ainda a língua portuguesa. De acordo com o Censo de 2014, o Português é falado por 71% da população, isso mostra que o número de falantes do português enquanto língua materna tem crescido significativamente. O Censo mostrou ainda que a maior parte dos falantes da língua portuguesa enquanto L1 está nas áreas urbanas e o restante na área rural (INE, 2016).

Tal fato mostra-se como produto da política linguística, a qual oficializa o português. Salienta-se que a adoção da língua do colonizador enquanto oficial foi um processo em grande parte da África. Juridicamente a Constituição da República de Angola de 2010, em seu artigo 19 prevê uma política linguística do Estado nacional que constitui enquanto língua oficial do país o português. Todavia em Angola deu-se um fenômeno menos comum que em outros países africanos, a disseminação acelerada do português entre a população, fruto de um planejamento linguístico.

Para Santos (2018), das línguas nativas majoritárias, o governo conferiu o estatuto de línguas nacionais. O Projeto de Lei em seu Capítulo III, Seção I considera as seguintes línguas como nacionais: cokwe; khoi; kikongo; kimbundu; ngangela; oxiwambo; olunyaneka; umbundu; Vátwa; helelo; luvale e Mbunda (ANGOLA, 2011).

O Estatuto prevê ainda que as línguas nacionais são todas aquelas utilizadas historicamente e secularmente pelos povos habitando o território angolano, independentemente do quantitativo de falantes, desde que se constate que estas sejam veículo de comunicação das suas mensagens e que integram o patrimônio linguístico das comunidades locais (ANGOLA, 2011).

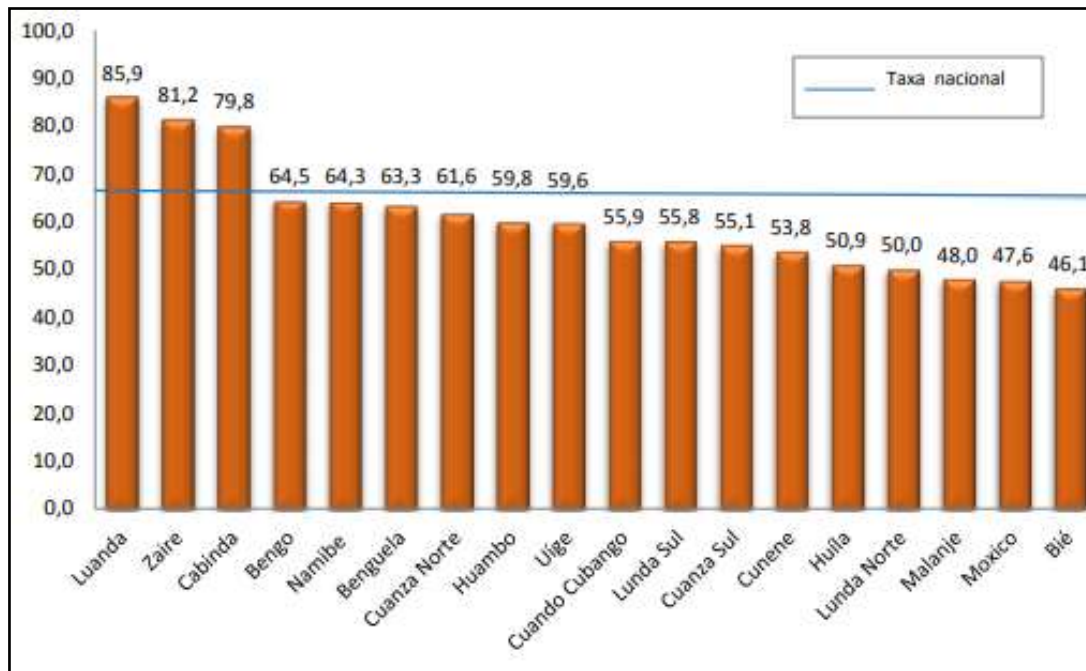
Diante disso, é preciso considerar que a língua portuguesa falada em Angola deve ter sofrido e ainda sofrer diversas influências das línguas africanas, proporcionando características peculiares, sobretudo no repertório lexical, tema desta dissertação.

De acordo com o Censo de 2014, Angola tem a taxa de alfabetismo a nível nacional de 66%, desse quantitativo a área urbana representa o dobro da área rural. Os dados mostram ainda que a taxa é mais elevada na população de homens que na das mulheres. A porção da população que não sabe ler e escrever é basicamente idosa, somente 27% da população com 65 ou mais anos é alfabetizada.

O alto índice de pessoas não alfabetizadas se dá pela própria trajetória histórica, social e política de Angola. Fatores como pobreza, fome, locomoção e acesso a escola podem ser elementos que impedem as crianças de continuarem no ciclo educacional. É importante perceber que as escolas em expansão, na maioria das vezes, não estão preocupadas com a alfabetização dos estudantes, mas sim com a obtenção de lucros. As crianças pobres continuam pobres e as ricas obtêm um *status* mais privilegiado, às pobres são apresentados problemas sociais como a fome e a falta de incentivo dos profissionais, muitas dessas crianças acabam trilhando nas ruas, praticando assaltos ou no uso de drogas.

O gráfico 1 mostra a taxa nacional de alfabetismo da população com 15 anos ou mais por província. Observa-se que as províncias do Bié, Moxico e Malanje apresentam taxas menos elevadas, cerca de metade da população com 15 ou mais anos das referidas províncias não sabem ler e escrever. É possível observar ainda que as províncias de Luanda, Zaire e Cabinda estão muito além da média nacional.

Gráfico 1 - Gráfico da taxa de alfabetismo em Angola



Fonte: Instituto Nacional de Estatística, Censo 2014, p. 54.

A proporção da população com 18 ou mais anos que finalizou o II ciclo do ensino secundário, de acordo com Censo de 2014, foi de 13% da população, isto é, completou a 12ª ou a 13ª classe. A proporção da mesma população que não finalizou a 6ª classe é de 21,2%. Ainda de acordo com os dados do Censo de 2014, esta proporção é mais elevada nas faixas de 25 a 64 anos e 65 ou mais com relação ao sistema atual. A proporção da população entre 18 e 24 anos que completou o II ciclo do ensino secundário somam somente 13% (INE, 2016).

No tocante ao ensino médio, os dados revelam que 22% da população entre 5 e 18 anos estava fora do sistema de ensino. A população com 24 ou mais anos com formação em nível superior concebe 2,5%. Deste número os homens apareceram com 3,2% e as mulheres com 1,9%. A província que apresentou um número mais elevado da população com ensino superior concluído foi a de Luanda com 5,4%, acompanhada da província de Cabinda com 3,8% (INE, 2016).

É inegável que essas taxas educacionais apresentam-se como reflexo de uma política colonial em que a educação era apenas aos privilegiados. Assim sendo, Liberato (2014) argumenta que em decorrência dessa política educativa seletiva, Angola chegou à independência com uma percentagem de 85% pessoas sem escolarização alguma (as chamadas “analfabetas”), uma das mais altas do mundo. Isso conferiu o atraso no desenvolvimento educacional básico e superior.

3.3 REALIDADE LINGUÍSTICA DE LUANDA

Com já mencionado, a história registra que a chegada dos portugueses em Angola se deu por volta do ano de 1575. Nesse período ainda ocorreu uma política de disseminação da língua portuguesa em Angola. Aos filhos dos portugueses era concedido o direito de frequentar a escola e a nacionalidade portuguesa. O domínio da língua portuguesa e a apropriação dos costumes e da tradição europeias se constituíam como decisivas para os grandes cargos e outra função no governo colonial. Dessa forma, os povos africanos permaneciam cada vez mais banidos de direitos sociais e políticos, uma vez que o governo colonial não lhes dava condições necessárias para a participação (ARAÚJO; DANTAS, 2017).

Data-se que, por volta do ano de 1576, o território foi oficialmente fundado por ordens do Rei D. Sebastião, que objetivava tornar Luanda entreposto comercial para os portugueses. Já havia nesse local um pequeno quantitativo de europeus e africanos vindos, especialmente, de São Tomé para a intensificação do comércio de pessoas escravizadas (INVERNO, 2008).

Para governar Luanda, núcleo da colônia, foi enviado Paulo Dias de Novaes, escrivão da Fazenda Real e fidalgo da Casa Real Portuguesa, concedendo-lhe o direito de povoamento, bem como a construção de fortes e igrejas. De acordo com Inverno (2008), ainda não se sabe, ao certo, informações sobre a língua das pessoas que se juntaram ao governador, mas, certamente, as línguas africanas estiveram presentes nesse momento enquanto principal para a comunicação, exemplo disso está na figura da rainha Nzinga Mbandi² que falava várias línguas africanas, além de compreender a língua e a cultura portuguesa.

Luanda apresenta uma enorme heterogeneidade linguística atualmente, no entanto tem como língua oficial o português que convive com diversas línguas africanas das famílias bantu e khoisan. Além desse contato, de acordo com Araújo e Dantas (2017), a diversidade linguística presente em Luanda se deu também a partir do momento em que pessoas de outras regiões do país se instalaram nessa região a procura de segurança e trabalho, especialmente a partir das lutas pela independência em 1975.

² É também conhecida como símbolo da resistência ao colonialismo português, pois com a intensificação do comércio de escravizados pelos portugueses e a guerra contra o reino do *Ndongo*, a rainha mostrou-se como uma importante negociadora ao ser enviada pelo irmão, herdeiro do rei Ngola Mbande, à Luanda, um dos maiores centros de exportação de escravizados do continente africano, com a intenção de negociar um acordo de paz que viria a constituir o respeito à soberania do reino. Salienta-se que Nzinga, além de conhecer muito bem diversas línguas africanas, conhecia também a língua e a cultura portuguesa, uma vez que teve muito contato com os portugueses que passavam pelo reino de *Ndongo*.

Luanda é caracterizada por um multilinguismo, abrigando inúmeras línguas africanas, sobretudo do tronco banto: umbundo, kikongo, kimbundo, entre outras. Esse cenário linguístico começou a configurar-se a partir da segunda metade do século XIX, quando muitas pessoas, falantes de suas línguas nativas, oriundas das diversas províncias de Angola, sofrendo as consequências da Guerra Civil que perdurou de 1975 a 2002, buscando melhores oportunidades de vida e segurança, migraram para Luanda. Ao chegarem à Luanda, esses migrantes, para sobreviverem, adquiriram, de forma assistemática, através da oralidade, sem interferência da escola, a língua oficial – o português (SILVA; SENE; ARAUJO, 2018, p. 341).

Em suma, observa-se que a luta pela independência, além de destruir o angolano, teve como consequência um vasto processo de migração das pessoas para os grandes centros urbanos, a exemplo de Luanda, à procura de melhores condições de vida. Entretanto, embora falassem línguas aparentadas os angolanos imigrantes foram obrigados a aprender o português para a comunicação.

O multilinguismo em Luanda é uma realidade que antecede a chegada dos portugueses, no entanto a colonização portuguesa contribuiu ainda mais para a diversidade linguística daquela região, pois levaram consigo uma língua que seria somada as que ali já existiam. Aqueles que ali se fixaram, eram, principalmente, os criminosos e excluídos da sociedade portuguesa, abandonando a língua e os hábitos de origem (MINGAS, 2000).

O Censo de 2014 traz informações acerca das línguas faladas em Luanda, apontando o português como majoritária, no entanto não mostra se esse domínio leva em consideração os falantes da língua enquanto materna (L1), se adquirida (L2) ou de uma forma generalizada. Isso impossibilita uma discussão mais aprofundada a respeito do quantitativo de falantes das línguas enquanto L1 ou L2

Atualmente, Luanda ainda é marcada por intenso multilinguismo, isto é, existem diversas línguas convivendo com a língua oficial: a portuguesa. Como supracitado esse fato deve-se ao movimento de migração provocado pela guerra de independência, à procura por melhores condições de vida e a outros fatores sociais. Cabe salientar que Luanda desde a sua formação já possuía uma diversidade muito grande de línguas, no entanto esse movimento fez com que esse número se intensificasse.

A realidade linguística atual de Luanda é muito complexa. Observa-se, no entanto, que o português ocupa uma posição de 71% dos falantes, de acordo com Censo de 2014, vista a disseminação da língua portuguesa e sua oficialização. As línguas da família bantu também são, principalmente o umbundu, kimbundu e kikongo.

Existem, no entanto, discussões sobre criação de políticas mais efetivas que possam valorizar as línguas nacionais, como previsto no Art. 19º da Constituição da República de

Angola de 2010, haja vista a necessidade da compreensão de todo o contexto comunicacional e a valorização de tais línguas que, por sua vez, podem ser perdidas levando consigo todas as suas marcas históricas, culturais e políticas.

4 ASPECTOS TEÓRICOS

As pesquisas sobre variação e mudança linguística, têm demonstrado que a variação no uso da língua se constitui como um fenômeno regular, suscetível a restrições de caráter estrutural, internas ao sistema linguístico, e social, externa a esse sistema. Dessa forma, Naro (1998) afirma que não pode mais haver equívocos a respeito da natureza da variação linguística.

É importante salientar que inicialmente as pesquisas sobre heterogeneidade linguística se debruçavam a investigar os processos de variação e mudança, levando em consideração os níveis fonéticos e fonológicos como, por exemplo, a realização velar ou dental da consoante final do sufixo *-ing*, em inglês, na década de 1960. Posteriormente, debruçou-se ao campo semântico, considerando a voz passiva e ativa, bem como os modos verbais no indicativo e subjuntivo (NARO, 1998).

De acordo com Scherre e Yacovenco (2011), a variação e a mudança linguística veem sendo objeto de pesquisadores em diversos países, todavia foi na década de 1960 que surgiu uma teoria com objeto bem definido, discutido por William Labov, cuja concepção foi a de que a variação e a mudança linguísticas são intrínsecas ao próprio sistema, podendo ser controladas por restrições de caráter interno (estrutural) ou externo (social, contextual, discursivo etc.).

Diante dessa evolução das pesquisas sobre a variação linguística, as questões atuais estão relacionadas aos possíveis efeitos sobre o ato de comunicação durante esse processo de mudança no uso da língua. Salienta-se que tal efeito vai além dos níveis fonético-fonológico, semânticos e lexicais, chegando até os âmbitos morfológico, sintático e discursivo.

Coan e Freitag (2010) afirmam que a Teoria da Variação e Mudança Linguística ou a Sociolinguística Laboviana, apresenta como objetivo o estudo da variação e mudança da língua, levando em consideração o contexto social da comunidade de fala. É nessa perspectiva que, para Labov (2008 [1972]), a nova maneira de fazer linguística é estudando de forma empírica as comunidades de fala.

Diante disso, torna-se inerente perceber que a Sociolinguística Variacionista está estruturada numa proposta para a análise da mudança no uso da língua. Lopes (2016) afirma que atualmente a Sociolinguística estuda o fenômeno de variação e mudança das línguas no contexto social, e tais variações são advindas de diversos fatores relacionados aos falantes, aos grupos sociais e às situações comunicacionais.

Quando se fala em atribuição de prestígio de uma língua, há tendência de tentar a sua homogeneização, no entanto, não são levadas em consideração as variantes nela presentes. Dessa forma, é importante salientar que toda essa diferença linguística procede de fatores que podem variar da ordem social, política e econômica.

Diante desse panorama, é interessante reafirmar que, quando uma variedade da língua é eleita modelo, no caso aquelas faladas pelas classes privilegiadas, ganha uma espécie de *status* social, que passa a ser um instrumento de dominação sobre as demais variedades.

Bagno afirma que “nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico o tempo todo” (BAGNO, 2009, p. 68). Isso significa que a variação linguística é universal, e que numa única região pode haver um repertório enorme de variantes, como é o que acontece na cidade de Luanda.

Assim, o conceito de que a língua não é estática, pronta e acabada, mas dinâmica, passível de mudanças é válida e que essa manifestação ocorre ao longo do tempo. Nesse sentido, os responsáveis por esse dinamismo linguístico são os próprios falantes, que têm o poder de transformar e contribuir para a formação de uma variante, tornando-se própria daquela comunidade.

Segundo Bortoni-Ricardo (2005), é preciso levar em consideração as variáveis extralinguísticas, que se referem basicamente a questões históricas e socioeconômicas. Ou seja, a formação da nação e os privilégios sociais e econômicos que os sujeitos têm diante dela.

De acordo com Beline (2013), pode ser observado que, numa própria língua, um mesmo termo pode ser articulado ou compreendido de maneiras distintas, isso depende do lugar que, conforme a Sociolinguística é responsável pela variação diatópica, ou de acordo com a circunstância enunciativa, que pode ser mais formal ou mais informal (variação diafásica).

Bagno (2007) defende que, para o trabalho sociolinguístico, é interessante levar em consideração fatores como origem geográfica, grau de escolarização, idade, sexo e ainda as redes sociais. São fatores extras que, certamente, influenciam o modo de utilização da língua. Para esta dissertação de mestrado, a variação geográfica ou diatópica reveste-se de grande importância. Luanda é uma cidade que recebeu diversos povos durante a guerra pela independência, isso fez com que se tornasse um local com uma diversidade cultural e linguística muita densa, uma vez que cada grupo que ali chegava trazia consigo seu repertório linguístico e cultural, convivendo, assim, com a língua portuguesa que, à essa altura, já estava

presente no território. No entanto, assim como no Brasil, existe um preconceito, pois há um distanciamento daquelas de prestígio, faladas geralmente pela elite, quando se compara com variedades linguísticas utilizadas por classe populares.

De acordo com Bagno (2007), a palavra diatópica é derivada do grego *diá*, que significa a expressão “através de”, e *topos* que quer dizer “lugar”. Logo, a variação diatópica se refere àquela variação linguística que ocorre conforme o lugar onde o falante está inserido. Assim, é aquela variação que se verifica na comparação entre as formas de falar de lugares diferentes. A variação diatópica é essencialmente indispensável para o estudo das variações linguísticas, uma vez que leva em consideração o local onde as expressões são utilizadas.

Segundo Marinho (2006), as variedades geográficas, regionais ou territoriais acontecem em desempenho da existência de comunidades linguísticas geograficamente restritas no interior de uma comunidade mais ampla, que é a nação. Os falantes de uma determinada região compõem uma comunidade linguística, que aparece e se comporta linguisticamente de maneira homogênea, em desempenho do desenvolvimento de uma conduta cultural oportuna, diferente de outras comunidades.

Para Mussalín e Bentes (2006), a variação diatópica/geográfica está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico. Para ilustrar situações em que a diversidade diatópica está presente, Beline (2013) mostra que os termos *jerimum* e *abóbora*, por exemplo, são palavras aceitas no português. Para a Sociolinguística implica o uso frequente em um lugar e menos comum no outro, mas o que importa primeiramente, no estudo da variação linguística, é que as duas expressões podem ser empregadas para referenciar um determinado fruto de uma mesma planta.

A variação linguística é dada também a partir de um contato cultural entre povos e línguas. Esse contato pode gerar além de uma assimilação cultural, a importação lexical de uma língua para outra, como é o caso dos empréstimos e estrangeirismos linguísticos, que consistem em fenômenos recorrentes na língua. Na próxima seção essas questões relacionadas à variação geográfica no nível léxico-semântico são apresentadas com mais pormenores.

4.1 EMPRÉSTIMO E ESTRANGEIRISMO LINGUÍSTICO

O léxico de qualquer língua, de maneira inevitável, necessita abrigar novos elementos lexicais com o passar do tempo. Esses elementos são inseridos, muitas vezes, para satisfazer as necessidades comunicacionais do falante, o que se confere como empréstimo lexical. É importante salientar que o termo “empréstimo”, de acordo com Ali (1956), sugere uma

devolução, no entanto, no caso linguístico é algo que nunca irá ser restituído, isto é, funciona como dívidas que nunca será resgatada, salvo com outro empréstimo. É comum utilizar ainda termo estrangeirismo para designar essa importação lexical.

As línguas tendem a evoluir com o tempo e os diversos contextos sociais, econômicos, políticos e culturais geralmente influenciam nas mudanças e variações linguísticas (TIMBANE, 2012). Essas mudanças afetam primeiramente a parte mais sensível da língua, o léxico, mas modificam ainda os aspectos fonéticos, morfológicos, sintáticos e semânticos. Uma língua ao entrar em contato com outra, é natural que aconteçam tais modificações por meio dos empréstimos linguísticos.

“O empréstimo linguístico é um fenômeno sociolinguístico normal e frequente. Resulta do contato de línguas. Durante esse contato, ocorre habitualmente uma troca bilateral entre falante que usam línguas diferentes” (BONVINI, 2008, p. 103). Assim, é possível perceber que a língua portuguesa ao entrar em contato com as línguas africanas, presentes em Luanda, passou (ou ainda passa) por esse processo de importação lexical.

Ainda de acordo com Bonvini (2008), o empréstimo linguístico “é a capacidade corrente e normal de toda língua apropriar-se dos termos necessários a sua própria expressividade, qualquer que seja a sua origem, quando o contexto discursivo novo exige” (2014, p. 103).

É importante perceber que os termos empréstimo e estrangeirismo não assumem uma mesma acepção, no que se refere à linguística. Empréstimo é empregado para instituir não somente os vocábulos estrangeiros, mas ainda o processo de passagem de uma língua para a outra, enquanto que o estrangeirismo são palavras oriundas de outras línguas que não estão integradas no acervo lexical do português, é “o emprego, na língua de uma comunidade, de elementos oriundos de outras línguas” (TIMBANE, 2012, p. 291).

Gonçalves et al. (2011), definem estrangeirismo e empréstimo como

[...] O emprego de palavras que se originam de outra Língua estrangeira e não possuem uma palavra correspondente a ela na nossa Língua, apontadas em nossas normas gramaticais como um vício de linguagem, e que sua pronuncia e escrita não sofre qualquer alteração.

o empréstimo (galicismo, anglicismo, etc.) a própria nomenclatura deixa clara a função das palavras, que sofre pouca modificação e passa a fazer parte do léxico, sendo que todas elas hoje classificadas como empréstimo foi um dia estrangeirismo (2011, n.p).

Diante disso, é possível perceber que o estrangeirismo é a utilização de termos de uma determina língua por outra, conservando algumas características, a exemplo do nível

fonológico e semântico. Luanda é um território que possui diversas línguas convivendo entre si, neste caso, o estrangeirismo pode ser proveniente desse multilinguismo presente na região.

O empréstimo e o estrangeirismo podem ser inseridos na língua, levando em consideração fatores como estratégia de comunicação que, para Timbane (2012), na língua portuguesa acontece quando os falantes apelam aos vocábulos da língua materna para completar lacunas na língua portuguesa.

Podem ser empregados ainda como estratégias de identificação, isto é, os falantes bilíngues, no caso, português e línguas africanas (kimbundo, kikongo, umbundu), no uso da língua portuguesa empregam termos das suas línguas maternas. Isso se relaciona ao fato de a língua portuguesa ser oficial e a de maior prestígio na sociedade (TIMBANE, 2012).

Esta situação parece provocar no falante bilíngue uma vontade subconsciente de unir os dois códigos. Ele não se sente bem na situação de prestigiar uma língua europeia em detrimento da sua região, dos seus avós, dos seus pais enfim, da sua cultura e identidade (TIMBANE, 2012, p. 294).

Embora Timbane se refira à realidade linguística de Moçambique, é possível perceber a mesma em Luanda, pois há muitos falantes de línguas africanas como materna da região. Embora a língua portuguesa seja oficial de Angola, muitas vezes, os falantes não se sentem bem em privilegiar tal língua, assim, acabam empregando termos de sua língua materna como estratégia de identificação.

De acordo com Xatara (2001), os estrangeirismos não são de caráter invariável, ou seja, podem apresentar acepções distintas e adaptações da sua forma a depender da sua utilização. É possível identificar ainda nos dicionários lexicais estrangeiras sem adequação quanto à forma ou à definição, são os chamados estrangeirismos puros. Entretanto existem, além disso, termos estrangeiros com adaptações e incorporados à língua portuguesa, os empréstimos.

A utilização de palavras estrangeiras não empobrece a língua, porém a enriquece ainda mais, pois acrescenta novos termos ao acervo do léxico daquela língua. Os falantes se deparam com situações comunicacionais diferentes e precisam preencher lacunas para suprir essas necessidades, assim, à integração de novas palavras é o caminho adequado para tal. O contato com outras línguas proporciona essa integração, que pode ser dada também através dos decalques semânticos ou linguísticos.

4.2 DECALQUE SEMÂNTICO OU LINGUÍSTICO

Adotar um termo estrangeiro abrange múltiplos processos para que chegue a aceitação por um grupo linguístico. Assim sendo, não basta apenas a criação de uma nova palavra ou a incorporação de outra estrangeira, para que ela se constitua como integrante do acervo lexical da língua. A constância de utilização de um termo estrangeiro é um critério importante que motiva sua inclusão à língua receptora, isto é, quanto mais o termo for usado e difundido pelos falantes, maior consistirá a sua aceitação e integração.

Muitas vezes, esse processo de integração sugere um novo aspecto sobre o termo utilizado, como uma tradução literal da palavra. É neste sentido que o conceito de decalque semântico ou linguístico surge, pois compreende uma “cópia” exata do termo estrangeiro para outra língua. Na maioria desses decalques existe ainda uma adequação fonética ao léxico da língua receptora.

Designa-se como decalque linguístico o fato de que uma língua A, para denominar uma noção nova, traduz uma palavra, simples ou complexa, pertencente a uma língua B, em uma palavra simples que já existe na língua ou uma palavra complexa formada também de palavras que já existem na língua. Tanto num caso como noutro, há adição de um sentido novo no âmbito da língua A, emprestado da língua B. Nesse aspecto em relação somente ao nível semântico, poderíamos também designar esse fato como decalque semântico. O decalque distingue-se do empréstimo propriamente dito pelo fato de que, neste caso, a palavra estrangeira (língua B) é integrada tal qual na língua que a toma emprestado (língua A) (BONVINI, 2008, p. 124-125).

Diante disso, percebe-se uma relação com o que Biderman (2001) afirma: no decalque é adotada uma tradução rigorosa do lexema padrão na língua proveniente, ou seja, as palavras são verdadeiramente decalcadas, mas são aperfeiçoadas a partir de lexemas e métodos de derivação léxica características da língua que recebe o lexema.

Para ilustrar tais proposições, é interessante salientar o exemplo de Castro (2001). A palavra *despacho* sofreu o processo de decalque no português, uma vez que seu sentido original está relacionado à língua de santo (*despacho-de-exu*), que significa envio, envio de oferenda, *ebó* (CASTRO, 2001). No Brasil, foi associada ao verbo despachar, quitação das responsabilidades ou obrigações. Nesse sentido, percebe-se que o decalque levou em consideração os aspectos semânticos da língua de origem do termo, assimilando ao sentido mais próximo da língua receptora.

O decalque semântico, nesse sentido, é reconhecido com a tradução do empréstimo (MANZOLILLO, 1914). Para o autor, esse processo diz respeito à obtenção de formas léxicas por meio da mudança, por forma léxica oriunda de uma língua, de definição equivalente empregada para essa finalidade.

Para Timbane (2012), corresponde a um empréstimo puramente conceitual aquele que consiste na modificação semântica de um termo de uma determinada língua por influência de uma palavra estrangeira que adquire uma nova acepção.

Assim, trata-se de um processo de “formação de palavras” que cria novos termos considerando a tradução original de determinados vocábulos estrangeiros e de acordo com as estruturas da língua de origem. É uma forma de empréstimo lexical, em que o termo emprestado foi traduzido fielmente de uma língua para a outra, apreciando a forma semântica, logo, é fundamentalmente uma tradução do empréstimo.

Na próxima subseção, é feita uma apresentação sobre os principais campos teóricos que têm o léxico como objeto de estudo.

4.3 ESTUDOS SOBRE O LÉXICO

As marcas lexicais são de extrema importância na língua, capazes de munir os usuários de capacidade comunicativa. É importante salientar que o léxico carrega o conhecimento de determinado grupo. Também por meio do léxico que os sujeitos podem representar o grupo no qual está inserido, manifestar a sua cultura e possibilitar o entendimento da sua língua. Nesse sentido, Antunes (2012) expressa que:

O léxico de uma língua, numa definição mais geral, pode ser visto como o amplo repertório de palavras de uma língua, ou o conjunto de itens à disposição dos falantes para atender às suas necessidades de comunicação. Ao lado da gramática, mais especificamente junto à morfossintaxe e à fonologia, o léxico constitui o outro grande componente da língua (ANTUNES, 2012, p. 27).

A autora mostra que o léxico de uma língua é um vasto conjunto de palavras que os falantes têm à disposição, para o ato de comunicação. Em diferentes situações comunicacionais, o falante faz uma seleção desse léxico para expressar não somente o seu acervo vocabular, mas também todo o repertório cultural que carrega consigo.

Ainda de acordo com Antunes (2012), o léxico expõe duas fases importantes: a primeira, refere-se ao processo de lexicalização, isto é, pode surgir no léxico novas palavras em um processo decidido socialmente pelos falantes, levando em consideração as necessidades comunicacionais; a outra, está no processo de deslexicalização, assim como a palavra pode surgir de acordo com a necessidade da sociedade, da mesma forma pode cair em desuso ou passar a ser usada em situações mais limitadas.

Zavaglia (2012) afirma que o léxico está ligado à cultura de um povo, de uma nação e, por conseguinte, à sua história. Assim, é coerente afirmar que está aprofundado nas tradições, costumes e na moral de uma cultura e sociedade, expressando, ainda, uma visão de mundo característica de determinada língua.

O léxico, nesse sentido, evidencia grande parte dos morfemas de uma língua que vão desde as unidades mínimas, a exemplo das monossílabas, até as expressões idiomáticas (ORSI, 2012).

Dessa forma, inclui a maior parte dos morfemas, constituindo-se como um modo de registrar o conhecimento do universo, não tem um limite de palavras, haja vista que novos vocábulos estão sempre sendo incorporados ao léxico de uma língua. Os sujeitos, por sua vez, estão sucessivamente aprendendo novas palavras e suas acepções (REY-DEBOVE, 1984; ANTUNES, 2012).

De acordo com Biderman (2001), o através do léxico de uma língua pode-se registrar conhecimento do universo, isto é, por meio desse registro, o ser humano nomeia e caracteriza seres e objetos a sua volta. Ao classificar os objetos o homem observa também seus traços particulares e de semelhanças, compreendendo e obtendo, assim, sua visão de mundo.

O léxico é como um componente intrínseco ao conhecimento de um povo, pois é, por meio dele, que se armazena toda complexidade do conhecimento e das expressões humanas. Os dicionários registram o léxico e as diversas realidades do processo de formação política e cultural de um determinado grupo social.

Orsi (2012) mostra que o léxico pode ser compreendido ainda como um acervo de palavras em que todo o conhecimento vocabular de um grupo sociolinguístico e cultural está depositado, isto é, se constitui num espaço em que se coloca toda a informação a respeito do mundo resumida em unidades, uma vez que nele se localizam nomenclatura e a interpretação da realidade.

Desse modo, o léxico de uma determinada língua leva à informação de que o sujeito pode se estabelecer em sociedade, ou seja, revela conhecimentos que vivencia com comunidades e costumes dos quais compartilha.

Tendo em vista que o léxico além de revela o conhecimento vocabular de um povo, mas também o seu repertório cultural, é importante afirmar que as variedades da língua portuguesa falada no continente africano carregam consigo um acervo extenso do léxico africano. Isso significa afirmar que a variedade da língua portuguesa falada em Angola é composta por lexias de origens das línguas africanas.

Além do grande número de manifestações culturais, os povos africanos deixaram também uma marca bastante importante, que põe em destaque as variações da língua portuguesa nos países africanos. Nesse sentido, torna-se importante destacar que Luanda possui uma grande diversidade linguística.

Luanda abriga uma grande diversidade linguística, sendo o português a língua oficial do país, convivendo com diversas línguas africanas do grupo banto, a exemplo do kikongo, do kimbundo e do umbundo. Além do contato entre línguas diversas, a história de contatos dialetais é uma tônica na cidade, pelo fato de ter recebido muitas pessoas de diferentes partes do país, em busca de segurança e de trabalho, principalmente a partir das lutas pela independência, nos anos de 1961 a 1975 e da Guerra Civil, que se estendeu de 1975 a 2002 (ARAÚJO; DANTAS, 2017, p. 70).

É interessante perceber que o contexto histórico favoreceu o contato entre a língua portuguesa e as línguas de origem africana. A variedade angolana do português é o resultado do contato entre a língua portuguesa e as diferentes línguas autóctones africanas. A formação da variedade é mais notável em Luanda onde concentram populações provenientes de diferentes regiões do país devido à guerra entre o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), para uma nação democrática. Dessa forma, o léxico é a face mais visível devido às interferências dos empréstimos e estrangeirismos no português angolano.

O estudo sobre o léxico leva em consideração os múltiplos sentidos e acepções que uma lexia possui, bem como estão dispostos em obras particulares como o glossário, o dicionário e o vocabulário. É importante, sobretudo, compreender que a palavra é carregada de significados.

Definir palavra é complexo, uma vez que pode se dar partir de contextos como, por exemplo, se analisada levando em consideração os aspectos fonológicos, será definida como uma sequência fônica, que constitui uma emissão completa, após a qual a pausa é possível (CUNHA, 2019). Nas análises gramaticais, ou seja, na observação dos aspectos morfossintáticos poderá ser definida como classificação gramatical da palavra, em função dos marcadores morfossintáticos que apresenta e a função que exerce na sentença, já nos estudos

semânticos a concepção de Biderman (1978) é bastante aceita, palavra é, neste campo, a identificação da unidade léxica expressa no discurso. Diante disso, a concepção de palavra não é exclusiva, universal e não apresenta um valor absoluto (TIMBANE, 2013).

Abbate (2011) afirma que, embora a palavra seja uma unidade significativa, assume também uma função gramatical. Por este motivo, é apropriado que se trate como lexia os itens que apresentam vastos sentidos. As lexias apresentam-se como a maior parte do léxico de língua e são de número indeterminado. Utiliza-se o termo lexema quando um item é observado levando em consideração um sentido específico; e, verbete quando este item aparece numa determinada obra lexicográfica.

No tocante às obras lexicográficas, podem ser classificadas em três tipos: dicionário, glossário e vocabulário. Barbosa (2001) traz o conceito de ‘dicionário’ em determinados contextos históricos e em diferentes línguas, no entanto, traz também o consenso de que dicionário é entendido como o repertório organizado de unidades lexicais, que contém subsídios linguísticos a respeito de cada um desses itens. Isto é, os dicionários se constituem enquanto obra lexicográfica que contém, de forma estruturada e classificada, uma relação de unidades lexicais segundo determinadas normas, critérios e princípios (ZAVAGLIA, 2012).

O glossário, por sua vez, é mais específico que o dicionário, se constitui numa parte de uma pesquisa em que se organizam termos utilizados ao longo de um texto, mostrando o seu significado. Em outras palavras, glossário é o repertório que define termos de uma determinada área científica ou técnica, consiste na criação de uma lista de termos que servem para explicar sua aceção, entendida como de difícil acesso (BARBOSA, 2001; ZAVAGLIA, 2012).

Vocabulário pode assumir um significado mais amplo, a depender do contexto em que for utilizado. Pode ser compreendido como um “subconjunto que se encontra em uso efetivo, por um determinado grupo de falantes numa determinada situação” (ABBADE, 2011, p. 1333) ou, ainda, referir-se a um grupo de termos conhecidos e utilizados por determinado grupo de sujeitos, seja no âmbito social, regional ou etário.

Zavaglia (2012) traz diversas concepções do que vem a ser vocabulário:

O termo vocabulário é visto como o conjunto das palavras de uma língua. [...] O conjunto de palavras de certa época de uma língua, como por exemplo, o “Vocabulário da Idade Média”; Conjunto das palavras de certo domínio ou campo de conhecimento, como “vocabulário da medicina”; o repertório lexical de pessoas pertencentes a uma mesma faixa etária ou classe social, por exemplo: o “vocabulário dos jovens”, das crianças, das mulheres etc. [...] o conjunto de vocabulários empregados em uma determinada obra: o vocabulário de Fernando Pessoa; uma lista de palavra

dispostas em ordem alfabética, com ou sem definição (ZAVAGLIA, 2012, p. 238, grifos da autora).

O estudo sobre o léxico pode se dar por quatro vertentes: a lexicologia que é o estudo científico do léxico; a lexicografia como a técnica de se produzir os dicionários; a terminologia que é o estudo científico dos termos de uma determinada área especializada e a terminografia, técnica de se produzir as obras técnicas especializadas.

4.4. LEXICOLOGIA

É fato que a palavra e seus significados vêm sendo objeto de análise de muitos estudiosos. Saber seu processo de formação, classificação, acepções e carga ideológica nos contextos os quais são empregadas é essencial para a compressão da língua de um povo. Assim como outros fenômenos sociais, a palavra também é digna de uma ciência para seu estudo, denominada de lexicologia.

Barbosa (1990) afirma que a lexicologia é uma das divisões da Linguística, entendida como o estudo científico do léxico. Isto é, a lexicologia tem como objeto de estudo a palavra, sua caracterização lexical, bem como a estruturação do léxico de uma determinada língua (BIDERMAN, 2001).

Os estudos lexicológicos se iniciaram por volta do século IV a.C, na Índia com o estudo do sânscrito, definindo os elementos significativos nessa língua, levando em consideração uma apreciação mais aprofundada sobre a semântica e as associações de conceitos das unidades lexicais, destacam-se os povos gregos (ORSI, 2012). Destacam-se ainda os latinos com os estudos da gramática da língua e norma, mas foi no período do Renascimento, no século XVIII, responsável por grandes transformações políticas e sociais, que se iniciou a confecção das obras lexicográficas, ou seja, a produção de dicionários.

A lexicologia enquanto uma ciência preocupa-se com o léxico das línguas de modo completo e integrado. O léxico, por sua vez, está localizado num espaço entre a linguística que compreende informações provenientes de caminhos diferentes a exemplo da fonética, fonologia, semântica, morfologia, sintaxe e ainda das diversas circunstâncias comunicacionais, isto é, advinda também da pragmática (BARBOSA, 1990).

Assim, Barbosa (1990) afirma que a lexicologia é

[...] o estudo científico do léxico, isto é, propõe-se a estudar o universo de todas as palavras de uma língua, vistas em sua estruturação, funcionamento e mudança, cabendo-lhe, entre outras tarefas: definir conjuntos e subconjuntos

lexicais; examinar as relações do léxico de uma língua como universo natural, social e cultural; conceituar e delimitar a unidade lexical de base – a *lexia* – bem como elaborar os modelos teóricos subjacentes às suas diferentes denominações [...] (BARBOSA, 1990, p 156).

A lexicologia, nesse sentido, não se resume somente ao estudo do léxico, mas todo o seu funcionamento na língua, suas definições, levando em consideração seus aspectos naturais, políticos e sociais. É ainda o termo empregado a fim de instituir o estudo das palavras, tanto no que se refere a sua flexão, quanto aos procedimentos de derivação e estruturação (CÂMARA JR., 1986, p. 158).

Em suma, a lexicologia é uma ciência que estuda o léxico quanto ao seu significado, constituição mórfica, função dentro de uma língua, bem como a sua classificação formal ou semântica.

4.5 DEBATES SOBRE A LEXICOGRAFIA

A lexicologia e a lexicografia são integrantes das ciências do léxico. A distinção entre as duas ciências está, basicamente, nos fundamentos teóricos e metodológicos. Como mencionado anteriormente, a lexicologia preocupa-se em estudar o léxico em todos os seus aspectos, já a lexicografia preocupa-se em produzir as obras lexicográficas, ou seja, os glossários, os vocabulários e os dicionários.

É importante ressaltar que a lexicografia é compreendida como uma ciência que versa a produção de dicionários e que começou a partir do século XVI (ORSI, 2012), quando surgiu a necessidade de se registrar o léxico de uma língua. Assim, trata de problemas concernentes a validação do léxico das sociedades, mostrando as relações de sentido que uma determinada *lexia* pode conceber. Salienta-se ainda que a lexicologia muito evoluiu, sobretudo, no que se refere as formas de produção das obras lexicográficas, tendo como grande aliada a Linguística de Corpus, para fornecer dados linguísticos a esta produção (ZAVAGLIA, 2012).

De acordo com Barbosa (1990), a lexicografia tem a palavra como objeto de estudo. Numa outra perspectiva, é definida como uma metodologia de tratamento da palavra, de compilação, organização, estudo e processamento, tendo como produto final a criação de dicionários, vocabulários técnicos, científicos, glossários especializados e similares.

Lexicografia e lexicologia presumem duas atitudes, duas posturas e, portanto, dois métodos (BARBOSA, 1990). Assim, segundo a autora, a lexicografia foca na elaboração de dicionários que, por sua vez, se mostra como uma expressão cultural e de identidade de um

povo. Tem a finalidade de descrever o léxico total e tudo o que existe para uma determinada sociedade (REY-DEBOVE, 1984). Os dicionários são produzidos pelos lexicógrafos, responsáveis por pesquisar, selecionar e organizar as entradas, a fim de compor a obra lexicográfica.

Comumente, a lexicografia também é denominada como uma técnica ou ciência aplicada pelo caráter selecionador e criador de obras, entretanto se caracteriza também pela elaboração de teorias e acepções – metalexigrafia –, levando em consideração a definição e a apreciação do léxico, bem como o seu processo de reestruturação.

De acordo com Zavaglia (2012), a lexicografia pode ser entendida como uma técnica de armazenar e repertoriar o léxico, isto é, a compilação de um dicionário. No entanto, deixa claro que vai além de uma simples técnica, haja vista que produzir uma obra lexicográfica é, antes de tudo, uma arte, um processo de inventariar palavras, descrever e classificá-las. Os verbetes são os locais de origem das palavras nos dicionários e é por meio deles que o lexicógrafo refrete, cria suas disposições e, por fim, a sua obra.

Diante do exposto, é importante entender que a lexicografia serve como subsídio para os estudos lexicais, pois tem foco nas definições dos signos linguísticos das diversas línguas e no seu registro de modo sistematizado. Pode ser utilizada enquanto modelos dos princípios lexicais vigentes nas diferentes épocas, bem como beneficiar de forma ampla as pesquisas no campo da lexicologia, como os neologismos, os empréstimos linguísticos, arcaísmos e outros.

A lexicografia é uma ciência (BIDERMAN, 2001; ZAVAGLIA, 2012), e como toda ciência presume uma teoria e um método. O lexicógrafo precisa estar munido de aporte teóricos em relação ao seu objeto de estudo, é necessário conhecê-lo teoricamente para então desenvolver suas etapas metodológicas, que vão desde a estruturação do verbete até o produto final, entendido aqui como obra lexicográfica.

Para a confecção de uma obra lexicográfica o profissional precisa seguir caminhos metodológicos bem traçados e delimitados. A princípio, lexicógrafo deve definir quais lexias serão trabalhadas, isto é, se tratará do léxico geral de uma língua, lexias simples, complexas ou de unidades fraseológicas, é necessário determinar também se será monolíngue ou plurilíngue e a qual público deseja alcançar (ZAVAGLIA, 2012).

É importante ainda a definição da macroestrutura que, de acordo com Welker (2004), refere-se ao modo como o corpo da obra será organizado, ou seja, se as entradas serão temáticas ou por ordem alfabética, se haverá ilustrações gráficas e/ou tabelas entre os verbetes, se serão acrescentadas informações sintáticas.

Muitos autores utilizam o termo nomenclatura como sinônimo de macroestrutura (ZAVAGLIA, 2012). Todavia, a fim de compor essa macroestrutura ou nomenclatura, a autora Claudia Zavaglia (2012) propõe a observação de algumas questões, a exemplo do arranjo das entradas que se refere, basicamente, a ordenação dos lemas, geralmente feita por ordem alfabética, com o objetivo de facilitar a localização na obra. As entradas podem ser distribuídas seguindo uma ordem semasiológica, isto é, uma disposição que parte do significante para o significado ou ainda onomasiológica, partindo do significado para o significante (ZAVAGLIA, 2012).

Seguindo uma ordem semasiológica apresenta-se como exemplo a lexia *kisaka*, retirada do *corpus* analisado, apresenta como entrada o significante “*kisaka*” e, posteriormente, o significado: *prato típico da gastronomia angolana, feito com folhas e mandioca*. Numa ordem onomasiológica, como entrada apresenta-se, por exemplo, o significado: *pirão de farinha de mandioca com caldo*, chegando, assim, ao significante: “*funge*”.

Além do arranjo estrutural é preciso levar em consideração a extensão ou o tamanho da nomenclatura (ZAVAGLIA, 2012; WELKER, 2004). O tamanho da nomenclatura depende muito das decisões do lexicógrafo e dos objetivos traçados por ele para a confecção da obra. A quantidade de verbetes, de acordo com Welker (2004), certamente é induzida por determinações do profissional, pode incluir ou não os diferentes tipos de lexemas, a preferência pela homonímia ou pela polissemia também definirá o tamanho da obra. Ainda com relação ao tamanho, Biderman (2001) afirma que um dicionário de 100.000 a 400.000 palavras é considerado como um tesouro lexical.

A origem da nomenclatura, também chamado por Welker (2004) de fontes e corpora, se refere à procedência dos lemas, ou seja, de onde vêm as entradas. O autor afirma que, muitas vezes, é um grande empecilho para os lexicógrafos, uma vez que no passado essas nomenclaturas eram retiradas de outras obras lexicográficas, no entanto, na lexicologia moderna, tanto a nomenclatura quando a sua significação e contextualização são retiradas de grandes corpora eletrônicos (ZAVAGLIA, 2012).

Para a seleção dos lemas é preciso que o lexicógrafo os observe atentamente. Para tanto, necessita de uma análise semântica da palavra, a fim de definir se fará ou não parte da obra. Welker (2004) afirma que, necessariamente, precisam-se tomar algumas decisões quanto aos lemas, a saber, se entrará os nomes próprios; afixos; formas compostas e flexionadas; formas analisadas incorretas pelos puristas; palavras avaliadas como chulas e depreciativas; gírias, entre outros. Zavaglia (2012) acrescenta ainda quatro critérios para a seleção:

finalidade da obra, público-alvo, extensão e método de seleção. Assim, tendo como base esses princípios o lexicógrafo consegue selecionar os lemas que irão compor a sua obra.

Welker (2004) emprega o termo microestrutura para responder a perguntas acerca das múltiplas acepções que uma palavra pode conter. Para Biderman (2001) a microestrutura está diretamente relacionada à concepção de Rey-Debove (1971) *apud* Welker (2004), é o agrupamento das informações organizadas de cada verbete posteriormente a entrada. A mesma autora propõe que essa microestrutura precisa seguir uma linearidade, ou seja, organizada de forma constante e padronizada em todos os verbetes. Embora Walker (2004) critique essa linearidade, é interessante perceber a padronização da microestrutura como forma de facilitar a consulta da obra lexicográfica, uma vez que torna mais fácil sua compressão (ZAVAGLIA, 2012).

A cabeça do verbete que também é denominada de entrada pode ser compreendida como uma palavra, frase ou item de composição que inicia o verbete. A entrada é considerada o componente de acepção e de informação, geralmente aparece em destaque. Diz respeito a um item lexical, podendo ser simples, composto, elemento mórfico da língua, uma frase, símbolos, abreviaturas ou siglas. Apresenta-se de forma lematizada, isto é, no masculino, feminino, substantivos, adjetivo, verbo entre outras.

A cabeça do verbete, de acordo com Welker (2004), abrange o lema e os elementos precedentes à significação ou às acepções, a exemplo das variantes ortográficas, da pronúncia, divisão gramatical, conhecimentos flexionais ou sintáticos, origem e marcas de uso, ou seja, são todas as informações que antecedem a definição (ZAVAGLIA, 2012).

Por fim, tem-se a definição que, de acordo com Welker (2004), pode ser entendida como definição lexicográfica, enciclopédica ou terminológica. A enciclopédica, ainda segundo o autor, é dada na própria enciclopédia, é uma síntese do conhecimento; entende-se por definição terminológica uma determinação de conceito de termos específicos de uma determinada área; e, por lexicográfica, uma análise semântica do verbete, oferecendo diversos significados que a palavra apresenta. Para Zavaglia (2012), geralmente as definições são dadas por meio de frases ou orações. Salienta-se que a definição necessita ser objetiva e apresentar o essencial para o conhecimento do leitor.

Diante do que foi exposto, afirma-se que a lexicografia apresenta um caráter prático, haja vista que tem a função de representar de forma organizada e sistêmica o acervo de definições lexicais da língua de uma sociedade. É a prática da produção de dicionários, mais que isso, a lexicografia é a arte de registrar a identidade e a cultura de um povo.

4.6 TERMINOLOGIA E TERMINOGRAFIA

Assim como a lexicografia, a terminologia não é uma ciência recente. A prática terminológica começou a ser difundida a partir do século XVIII, com os trabalhos de domínio da química feito por Lavoisier e Berthold e na área de botânica com Linné. Essa necessidade em promover materiais técnicos de uma determinada área se estende até o século XX, fazendo com que os cientistas procurassem compreender e descrever o universo da formação dos termos de cada área específica.

Cabré (1995) afirma que a terminologia pode ser vista por três ângulos: enquanto disciplina, prática e produto gerado pela prática. Enquanto disciplina, se preocupa em estudar os termos especializados de uma determinada área. A segunda visão compreende a terminologia enquanto um conjunto de regras e diretrizes que conduz a compilação dos termos e, numa outra ótica, vislumbra-se como um produto gerado pela prática terminológica, ou seja, é definida como um conjunto de termos de uma área especializada.

A terminologia enquanto prática não deve ser confundida como disciplina, uma vez que a primeira é definida como um grupo de técnicas, de métodos que se desenvolveu no contexto da concepção de termos, coleta de dados, elucidação e exposição. Enquanto que a disciplina estabelece o conhecimento sobre o objeto e sua metodologia tem finalidade diferente da prática, no entanto todas têm em comum o termo como objeto de análise.

No tocante aos termos, Cabré (1995) afirma que existem três concepções: para a linguística os termos funcionam como um conjunto de signos linguístico que, por sua vez, compõem um subconjunto dentro do item lexical da gramática do falante. Na concepção filosófica, Cabré (1995) mostra que terminologia é entendida como um conjunto de unidades cognitivas que concebem o conhecimento especializado e, para as distintas disciplinas técnico-científicas, a terminologia é entendida como conjunto das expressões e comunicações que consentem trocar o pensamento especializado.

De acordo com Almeida (2012), a terminologia pode ter dois significados. O primeiro compreende a terminologia como um conjunto de vocábulos particulares de uma ciência, a exemplo da medicina, direito, linguística. A segunda acepção alude a terminologia não somente como um conjunto de métodos empregados para a compilação e apresentação dos termos, mas como um conjunto de pressupostos teóricos fundamental para sustentar a sua análise, descrição e apresentação.

Assim, termos é um conjunto de palavras técnicas ou científicas de uma determinada área de conhecimento (BIDERMAN, 2001; BARBOSA, 1990). A função da terminologia é,

sobretudo, a organização e publicação dos termos técnico-científicos como modo de beneficiar a comunicação desses termos especializados.

Ocupa-se ainda de um subconjunto do léxico (BIDERMAN, 2001), isso quer dizer que a terminologia pressupõe uma teoria e uma metodologia, estabelece uma relação entre a estrutura conceitual e lexical da língua. Numa conjuntura mais comum, engendra informações técnicas e científicas especializadas de modo sistematizado, através dos glossários, associando esse conhecimento a forma de normas e padrões.

De acordo com Barbosa (1990), toda disciplina e qualquer ciência apresenta carência de um conjunto de termos criteriosamente determinados, pelos quais institui as informações que lhe são úteis, assim, a esse conjunto de termos estabelece, portanto, a sua terminologia.

A terminologia, para além de estruturação de termos é, certamente, uma obra que cuida da percepção e da comunicação entre especialistas de uma área, haja vista que estuda os termos pertencentes a cada domínio. Barbosa (1990) afirma que esse percurso para o estudo do termo parte de uma investigação científica e um recorte técnico-científico, ou seja, do significado para chegar à denominação, basicamente o caminho inverso da lexicografia, que parte da denominação para o conceito.

Em síntese, atualmente a terminologia tem se mostrado utilitária e próxima da realidade social. De acordo com Orsi (2012), ela almeja identificar os termos que são utilizados em uma atividade profissional especializada. Apresenta como tarefa o ato de nomear as acepções técnicas, completando, portanto, a função de compilação (BARBOSA, 1990).

A terminografia é, por sua vez, a elaboração de um dicionário ou glossário de termos, por exemplo, de Culinária ou de Direito Ambiental, pode ser percebida como um produto imediato, que, tal como o produto lexicográfico, também serve para tirar dúvidas sobre o sentido de um “termo técnico”, em uma área de saber específica (BEVILACQUA; FINATTO, 2006)

O processo de confecção de uma obra terminográfica é semelhante ao trabalho da lexicografia, isto é, antes de ser finalizada a lista dos verbetes o terminólogo precisa planejar toda a estrutura de sua obra, pensar nas entradas, na seleção das nomenclaturas, na ordem de apresentação dos verbetes entre outros aspectos. Assim, uma obra terminográfica é um planejamento multifacetado que necessita de revisões em todo o período de execução.

Como mostrado anteriormente, a terminografia se preocupa em estudar os termos científicos, enquanto que a terminografia é a técnica de agrupamento desses termos em uma obra. Bevilacqua e Finatto (2006,) afirma que essa linguagem técnica ou científica não é

compreendida como uma língua à parte da língua habitual, contudo produz um que a torna característica, individualizada, em uma dada circunstância de comunicação.

Até aqui foram apresentadas as teorias que compõem as ciências do léxico, no entanto, para que seja analisado e discutido o léxico, sobretudo de origem africana, foco deste trabalho, Álvarez Lopes (2012) propõe uma metodologia específica para que se avance nos estudos lexicológicos das línguas de origem africana. A autora afirma que atualmente existem muitos termos de origem africana presentes nas obras lexicográficas brasileiras, isso mostra que aos poucos os estudos lexicais sobre as línguas de origem africana presentes na variedade angolana do português estão ganhando seus devidos espaços e importância.

Vale salientar que o presente trabalho se trata da elaboração de um glossário acerca das línguas africanas presentes no português falado em Luanda. Este glossário será produzido com base na análise de entrevistas realizadas nesse local. Um glossário, de acordo com Barbosa (2001), tem um caráter representativo de situações lexicais de um único texto manifestado em sua especificidade semântica.

Embora existam alguns trabalhos sobre o léxico de origem africana no português, são considerados ainda como fragmentários, ou seja, não foi explorado o suficiente para compreender, de fato, as influências que as línguas africanas exercem no português presente no continente africano e americano. Assim, Álvarez Lopes (2012) articula que esses estudos são de caráter empírico e precisam de análises mais aprofundadas, sobretudo, no que concernem às metodologias empregadas na preparação e na argumentação teórica a respeito do processo de incrementação dessas expressões nas variedades em que são encontradas.

Álvarez Lopes (2012) sugere etapas para uma abordagem lexicológica, principalmente, para o estudo das línguas africanas presentes nas variações do português, assim, facilitará o trabalho de análise, compressão e compilação dos dados coletados.

A abordagem lexicológica diz respeito à formação de um banco de informações sobre as línguas africanas no que concerne ao léxico, a partir da compilação de expressões e vocábulos recolhidos em fontes lexicográficas (ÁLVAREZ LOPES, 2012). A autora ainda afirma que o primeiro passo a ser dado é a escolha de uma quantidade de vocábulos e inseri-los na base de dados, por meio de um *software* específico para esta finalidade. A utilização dessa ferramenta facilitará o trabalho, uma vez que apresentarão todas as informações dos vocábulos, como a classe a qual ele pertence, etimologia, campo semântico entre outras.

Como se trata de vocábulos de línguas de origem africana, é bem provável que não existam definições e informações para todos os vocábulos, no entanto, Álvarez Lopes (2012) ressalta que esses dados podem ser buscados, através de exemplos fidedignos, em corpora de

base espanhola ou portuguesa. Posteriormente, é necessária uma revisão etimológica, embora não se encontre todas as palavras, procura-se sempre registrar o ano do primeiro registro de cada uma delas. É importante deixar claro que essa etimologia deve ser buscada nas obras lexicográficas, ou seja, nos dicionários de línguas africanas, para assegurar uma informação verdadeira. Álvarez Lopes (2012) mostra que essa busca pode se constitui um problema, pois são inúmeras as línguas de origem africana em contato com a variação do português, portanto, sua documentação linguística e demográfica se perdeu, tornando-se insuficiente.

Dessa forma,

as descrições das línguas africanas, quando existem, podem ser superficiais e os conhecimentos sobre a sua história são, com frequência, escassos. Além disso, salienta-se que a participação de falantes nativos das línguas em questão neste campo de estudos é limitada (ÁLVAREZ LOPES, 2012, p. 212).

Petter (2010) afirma que o léxico de origem africana registra o contato linguístico entre o português e as línguas africanas, contudo são pouco reconhecidas as ênfases de contato nos níveis fonológico, morfológico e sintático.

Nessa perspectiva, outra etapa que precisa ser cumprida para avançar nos estudos lexicais de origem africana é a análise da distribuição de palavras por campos semânticos. Muitas vezes tem-se a compressão equivocada de que as línguas africanas, sobretudo, em contato com o português, estão unicamente ligadas à vida dos escravos. No entanto, o que Álvarez Lopes (2012) sugere é um estudo por domínio semântico, isto é, existem vocábulos que pertencem a esferas semânticas diferentes, a exemplo da cultura, religião, crenças, costumes e, precisam ser analisados de acordo ao seu domínio.

Além disso, é importante levar em consideração os dados demográficos. Os grupos que tiveram um maior número de falantes contribuíram com mais palavras, assim aproveitar as fontes secundárias de informações é um poderoso caminho para avançar nesses estudos. Álvarez Lopes (2012) também afirma a importância das discussões sobre o significado como uma das etapas metodológicas do estudo do léxico africano. Essa discussão pode mostrar o peso que determinadas línguas exercem em relação às outras, no que se refere às heranças linguísticas.

No que tange a abordagem metalexigráfica, Álvarez Lopes (2012) afirma que é um estudo acerca de como os dicionários e os glossários descrevem e produzem os discursos sobre a África, bem como apresentam as palavras de origem africana. Em outras palavras, essa abordagem diz respeito a um estudo crítico das obras lexicográficas que, por sua vez, se

constituem como instrumentos linguísticos discursivos. A análise precisa destacar as formas como os discursos presentes nessas obras divulgam ideologias, reproduzem preconceitos e relação de poder, assim, é necessário refletir a maneira como esse discurso reproduz a dominação social por meio da língua (ÁLVAREZ LOPES, 2012).

Diante do que foi exposto, entende-se que a realização dos estudos, especialmente nas variações do português, poderá exercer um importante papel no que se refere a testes de pressupostos sobre as influências da sua formação, instituindo, assim, materiais teóricos e metodológicos para um estudo mais aprofundando sobre o léxico.

5 CAMINHOS METODOLÓGICOS

A pesquisa empírica realizada para escrita desta dissertação considerou dados gravados na cidade de Luanda, a capital de Angola. Antes de ser feitas considerações sobre o percurso metodológico, são feitas algumas breves considerações sobre a cidade onde foram gravados os dados da pesquisa. Luanda atualmente está dividida em 13 distritos. A região central, por sua vez, apresenta-se subdivida em Cidade Alta e Cidade Baixa. Essa última compreende a região mais próxima ao porto, em frente à baía de Luanda e a ilha de Luanda. No lado sul da região deste baixo centro, existe também a baía do Mossulo.

De acordo com o Censo realizado em 2014, cuja publicação dos resultados aconteceu em 2016, Luanda é considerada uma cidade muito populosa. Cabe salientar que o aumento populacional se deu devido à guerra civil de Angola, em que muitas populações que moravam no campo realizaram o movimento de migração rumo à cidade em busca de refúgio e melhores condições de vida. Como resultado, Luanda desenvolveu-se de forma desordenada e sem planejamento, isso se refletiu em complexos problemas sociais como infraestrutura, moradia, transporte, educação entre outros.

Teixeira (2012) mostra que após anos de luta pela independência a situação linguística de Luanda se transforma de modo considerável, haja vista que o processo de migração trouxe consigo diversas línguas e culturas. A maior parte de população é bilíngue, isto é, tem como língua materna o kimbundo e fala o português ou vice-versa, mas não se pode descartar que existe também uma parte monolíngue que fala somente o português ou kimbundu. Com a guerra civil, outras comunidades falantes das línguas nacionais partiram para Luanda em busca de segurança e melhores condições de vida, logo, tiveram que aprender a língua portuguesa para sobreviver.

Atualmente, de acordo com Censo de 2014, o português é falado pela maior parte da população (71%), com maior predominância nas áreas urbanas. O kimbundu é a segunda língua mais falada, seguida do kikongo e umbundu. De acordo com o Instituto Nacional de Estatística (INE, 2016), são faladas também as línguas Fiote, Cókwe, Nyaneca, Ngangela, Kwanyama, Muhumbi, Luvale e outras não catalogadas pelo Censo.

5.1 PROJETO EM BUSCA DE RAÍZES DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

O *corpus* desta pesquisa foi extraído das entrevistas do projeto de pesquisa intitulado *Em busca das raízes do português brasileiro*, que está em sua terceira fase, sendo que as duas

primeiras coordenadas pela Dra. Eliana Pitombo Teixeira, atualmente professora aposentada da Universidade Estadual de Feira de Santana. As fases I e II tiveram como objetivos principais a formação de banco de dados de falantes nativos e não nativos do português da comunidade de Luanda; descrição e análise do material coletado nos níveis lexical e morfossintático, confrontando os resultados obtidos com as do português brasileiro e, a partir daí, produzir material teórico para embasar e instigar futuras pesquisas no campo desta investigação.

Na primeira fase do projeto, constituíram-se os *corpora* e estudos de pronominalização demonstrados por Teixeira (2008, 2012), isto é, foram realizados os trabalhos de gravação, transcrição e revisão das entrevistas gravadas, bem como a análise de fenômenos referentes à variação e mudança linguística, uso e posição dos clíticos. Os resultados mostram semelhanças entre as variações do português falado em Angola e o português falado no Brasil. Mostraram ainda haver um distanciamento no que se refere à gramática portuguesa se for levada em consideração a língua falada coloquial e popularmente, dessa forma, demonstra o fenômeno da transmissão linguística irregular, conceituada por Lucchesi e Baxter (2009).

A fase II do projeto foi constituída pela ampliação do *corpus*, continuação de transcrição das entrevistas, estudos acerca do léxico e sobre as preposições. A fase contou com a participação da Dra. Margarida Petter, professora da Universidade de São Paulo (USP) e Dra. Norma Lopes, professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Os resultados desse estudo apresentaram informações muito importantes para uma melhor compreensão a respeito não somente do português brasileiro, mas das gramáticas naturais de línguas em contato, principalmente, do português com as línguas de origem africana, trazendo, portanto, novas visões sobre as raízes do português brasileiro.

A fase III apresenta como objetivo geral a consolidação da pesquisa linguística, expandido as análises para outros fenômenos morfossintáticos, que não apenas o uso das preposições, sobretudo no que se refere à história do português brasileiro na UEFS. Datada para o término no ano de 2021, já tem como resultados estudos sobre as variedades da língua portuguesa, sobretudo no território angolano, uma melhor caracterização sociolinguística do português falado em Luanda. Nessa fase também se passou a considerar também entrevistas com participantes com o Ensino Médio de escolarização; anteriormente, consideravam-se apenas entrevistas com pessoas com baixa ou nula escolarização e com ensino superior.

Espera-se ainda que as investigações feitas, a partir do *corpus*, contribuam de forma significativa para a compressão das origens do português brasileiro e as influências que as línguas de origem africana exercem nas variações do português. Presume-se que forneça

dados para a discussão de aspectos sócio-histórico-culturais na configuração atual do português brasileiro e, principalmente, no tocante à importância do contato do português com línguas africanas.

5.2 CORPUS

O *corpus* analisado foi retirado das entrevistas sociolinguísticas do tipo Informante e Documentador, realizadas nos anos de 2008 e 2013 em Luanda, capital da Angola. As entrevistas pertencem à coleção do Projeto *Em busca das raízes do português brasileiro*, aprovado pelo Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão no ano de 2009 (CONSEPE, 0036/09). Para a realização das entrevistas, houve a submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP/UEFS). O número do Parecer favorável à sua realização é 140.511. O número do CAAE é 04641412.7.0000.0053. A data da Relatoria é 27/11/2012.

A fim de compor a amostra, foram levados em consideração princípios como o da escolha aleatória dos participantes da pesquisa, embora tenham sido seguidos critérios prévios para a composição dos participantes. A coleta dos dados foi feita com a ajuda de estudantes universitários naturais do local e orientados pela pesquisadora, que teve como tema inicial *Em busca de raízes do português brasileiro*. Para nortear as entrevistas, foi elaborado um roteiro com cerca de 30 perguntas, a partir de aspectos relacionados à cultura do lugar. É importante destacar que esse roteiro que no decorrer das 66 entrevistas, sofreu adaptações conforme o desenvolvimento das entrevistas e às situações em que foram concretizadas.

Além das informações básicas como nome, escolarização, língua materna, faixa etária e local de nascimento, as perguntas foram feitas levando em consideração o cotidiano dos participantes como, por exemplo, o veículo de comunicação que mais utilizam para manter-se informados, se gostam de algum programa de TV, se têm filhos e como é criá-los diante da sociedade, como está sendo concretizada a educação das crianças nas escolas, se os filhos escutam os pais da mesma forma que os participantes escutavam e se apresentam o mesmo comportamento quando os pais chamam atenção.

Foi perguntado ainda sobre a infância dos praticantes, as brincadeiras, músicas e histórias que ouviam e se recordam. Quais acontecimentos marcaram a sua infância. Perguntou-se ainda sobre a ocupação dos participantes, como é feito seu trabalho diário, se estão satisfeitos com a ocupação. O que fazem para se divertir, onde costumam ir, o que gostam de comer e cozinhar, o que cozinham e como preparam.

Falou-se também sobre questões subjetivas como a morte, o amor e o respeito às pessoas mais velhas. Foram perguntadas quais línguas africanas os praticantes falam, em que situações e com quem utilizam. Com relação às línguas nativas os participantes expuseram seu ponto de vista acerca da importância do ensino de línguas nacionais na escola. Foram tratados diversos temas durante o processo de coleta de dados.

O tempo de gravação de cada entrevista sofreu variação de acordo com o perfil de cada participante. O grupo L1 tem uma média de 40 minutos de entrevista por participante o que confere cerca de 20 horas de gravação. Já o grupo L2, cada entrevista apresenta uma média de 45 minutos, somando 27 horas de gravação. O grupo L1 somado ao L2 confere ao banco de dados um valor aproximado de 47 horas de gravação.

No tocante ao material coletado, este foi transcrito pelo grupo do projeto. Para tal, foram realizadas oficinas de métodos de transcrição, os dados das pesquisas já realizados foram levantados e compilados. A seleção dos informantes para compor a mostra seguiu critérios como escolaridade, sexo, faixa etária, língua materna e local de nascimento, conforme apresentado no quadro 3.

Quadro 3 - Critérios para seleção dos informantes do português falado em Luanda

Sexo	Masculino Feminino
Faixa etária	A – 21 a 35 anos B – 36 a 51 anos C – 52 em diante
Escolaridade	Nível 1 de instrução (ensino primário) Nível 2 de instrução (ensino secundário) Nível 3 de instrução (ensino universitário)
Língua materna	Português (L1) – consideram-se os nascidos na capital ou interior, que falam o português desde o nascimento ou adquiriram até os 7 anos de idade. Línguas africanas (L2) – consideram-se aqueles que nasceram na capital ou interior, no entanto aprenderam alguma língua africana desde o nascimento.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Dessa forma, a amostra está dividida em falantes do português como língua materna (L1) composta por 30 entrevistas e falantes do português como segunda língua (L2), composta por 36 entrevistas, somando um quantitativo de 66 entrevistas. O grupo L1 é constituído por 11 entrevistas das faixas etárias A (21 a 35 anos), 09 da faixa B (36 a 51 anos) e 09 faixa da C (52 anos em diante). A escolaridade também se apresenta como uma variante relevante para a composição do *corpus*, haja vista que poderão ser diferenciadas marcas

linguísticas pelo grau de escolarização dos informantes. O quadro com a distribuição completa dos participantes da pesquisa podem ser conferido no apêndice 1.

Os Quadros 4 e 5 apresentam a seleção das amostras utilizadas para análise das lexias na presente pesquisa.

Quadro 4 - Distribuição dos informantes do sexo masculino para compor a amostra

INFORMANTES DO SEXO MASCULINO			
Faixa etária	A – 21 a 35 anos	B – 36 a 51 anos	C – 52 anos em diante
Nível 1 de escolaridade	02 entrevistas	01 entrevistas	02 entrevistas
Nível 2 de escolaridade	01 entrevistas	02 entrevistas	02 entrevistas
Nível 3 de escolaridade	02 entrevistas	01 entrevistas	02 entrevistas

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quadro 5 - Distribuição dos informantes do sexo feminino para compor a amostra

INFORMANTES DO SEXO FEMININO			
Faixa etária	A – 21 a 35 anos	B – 36 a 51 anos	C – 52 anos em diante
Nível 1 de escolaridade	02 entrevistas	02 entrevistas	01 entrevistas
Nível 2 de escolaridade	02 entrevistas	01 entrevistas	01 entrevistas
Nível 3 de escolaridade	02 entrevistas	02 entrevistas	02 entrevistas

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os quadros mostram a seleção das entrevistas feitas pelo autor para compor a amostra. Cabe salientar que foi escolhido o grupo L1 para análise dos dados, ou seja, o grupo que a língua portuguesa se constitui enquanto materna, a escolha se deu pelo fato de que a pesquisa consiste em analisar as lexias de origem africana presentes no português falado em Luanda. A amostra é composta por 30 entrevistas divididas por sexo, sendo 15 homens e 15 mulheres das faixas etárias A (21 a 35 anos), B (36 a 51 anos) e C (51 anos em diante). Divididas ainda levado em consideração o grau de escolaridade sendo o nível 1 o ensino primário, nível 2 o ensino secundário e nível 3 o ensino superior. Como falado anteriormente as entrevistas foram realizadas em Luanda nos anos de 2008 e 2013 com sujeitos residentes na província naturais do local ou de outras regiões.

Foi escolhido a penas o grupo L1 pelo fato de o material já encontrar-se atualizado com suas devidas transcrições realizadas. Por ser um muito extenso e apresentar-se em fase de

atualização das transcrições, o grupo L2 ainda não foi totalmente concluída a atualização dos dados.

5.3 METODOLOGIA UTILIZADA

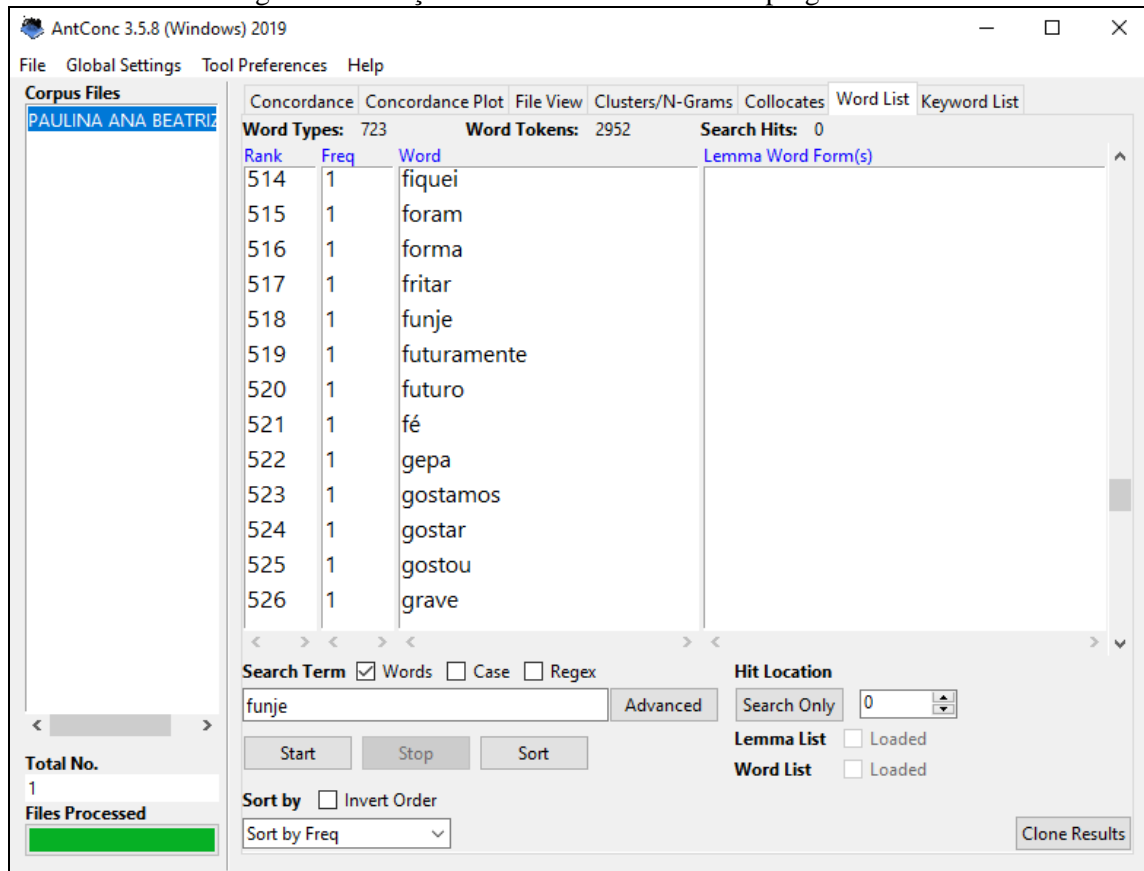
Conforme já mencionado neste texto, esta pesquisa centra-se a partir da investigação de lexias de origem africana nas variedades do português falado em Luanda, presentes no *corpus* do projeto *Em busca de raízes do português brasileiro: estudos morfossintáticos*, fase III. Levando em consideração os princípios da lexicografia moderna, que consiste no uso de *corpus* e ferramentas computacionais para a construção de uma obra lexicográfica, observou-se, primeiramente, as lexias e com o auxílio da ferramenta computacional *AntConc*, elaborou-se uma lista de palavras passíveis de análise.

O *AntConc* é *software* livre e tem a vantagem de ser um arquivo bastante leve, dispensando, assim a necessidade de instalação. É uma ferramenta computacional desenvolvido por Lawrence Anthony e disponível para acessar em sistemas operacionais Windows, Mac e Linux.

O programa para esta pesquisa teve a função de compilar e selecionar as lexias existentes no *corpus* em análise. A interface dessa ferramenta é muito simples, em uma própria janela, é aceitável navegar por diferentes opções de análise. Assim, para utilização desses recursos foi necessário seguir alguns passos.

A pesquisa consiste em analisar todas as lexias encontradas no *corpus*, para tal, foi necessária a organização das entrevistas separadamente em arquivo no *Microsoft Word* a fim de que cada participante fosse contemplado de forma particular. Em seguida, os arquivos foram convertidos para o formato PDF e, posteriormente, carregado no menu *AntfileConverter*, disponibilizado no próprio *AntConc*, para o formato txt indicado para uso no programa.

Depois de concretizado esse processo, criou-se uma lista de palavras, fornecida pelo próprio *AntConc*, clicando no menu *Wordlist*. Para isso, foi necessário carregar o arquivo já convertido em txt no programa e uma lista com todas as lexias presentes no *corpus* foi gerada automaticamente, conforme figura 3. O menu cria ainda uma lista com os lexemas sem considerar as repetições (*word types*) e outra considerando os lexemas com repetições (*word tokens*) como exemplificadas também na figura a seguir.

Figura 3 - Criação de *Word List* utilizando o programa *AntConc*.

Fonte: *AntConc*.

Para selecionar as lexis de origem africana presente no *corpus*, foi necessário a realização de pesquisas e agrupá-las em fichas para a verificação de significados e usos como, por exemplo, as obras de Yêda Pessoa de Castro, *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro* (2001), que mostra a influência das línguas africanas nas variedades do português e *A língua mina-jeje no Brasil* (2002), trazendo um rico material sobre essas influências na língua portuguesa.

5.4 FERRAMENTAS COMPUTACIONAIS

De acordo com Barreiros (2017), a utilização das ferramentas computacionais na pesquisa linguística é essencial, haja vista que traz grandes benefícios, sobretudo, para a lexicografia moderna. A autora afirma que, além da agilidade no cumprimento das atividades e da disposição de armazenamento de informações, essas ferramentas permitem ao lexicógrafo colher, eleger, armazenar, avaliar, aprimorar, readquirir os dados e gerar documentos publicáveis com baixo custo (BARREIROS, 2017).

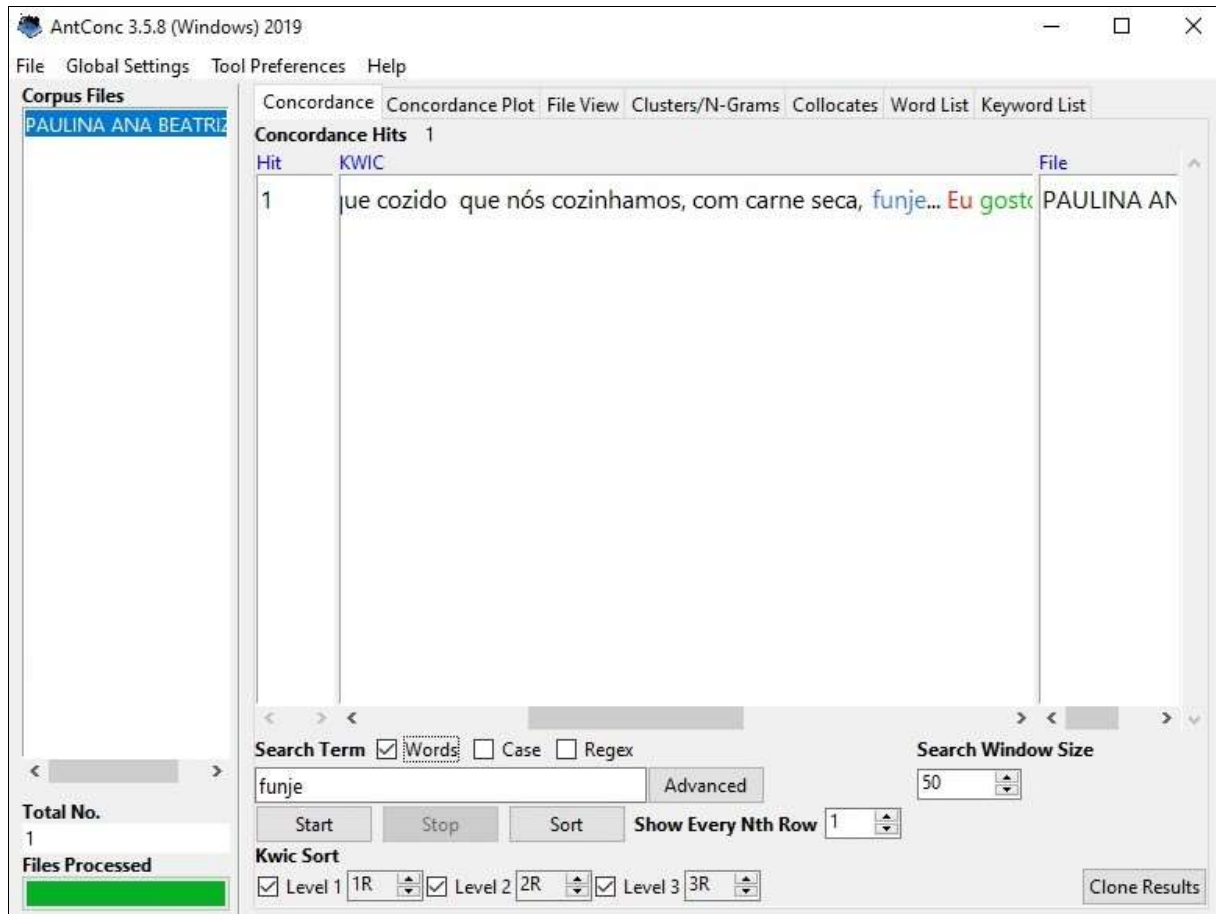
Além do *AntConc*, é importante destacar a utilização do programa *Microsoft Word*. Essa ferramenta se constitui como fundamental na organização e tratamento do *corpus*, uma vez que as entrevistas foram transcritas, utilizando este programa. Ainda nesse espaço, o *corpus* recebeu os tratamentos necessários para geração das listas, a exemplo da eliminação de símbolos, espaços, linhas e dados dos informantes, pois não foram inclusos como dados para pesquisa.

Ainda no *Word*, foram separadas as entrevistas individualmente, editadas e salvas para posterior conversão em txt, haja vista que o *AntConc*, programa utilizado para seleção de lexias, recebe somente arquivo nesse formato. Para essa conversão, utilizou-se o menu *AntfileConverter*, disponível na mesma plataforma do *AntConc*.

De acordo com Barreiros (2017), esse programa tem vantagem por ser ágil e fácil de manusear, além disso, gera e salva o arquivo no formato aceito pelo *AntConc* (txt), direto na pasta de origem, o que torna o processo de pesquisa mais prático.

O programa *AntConc* foi utilizado em diversos momentos. A princípio, foram geradas as listas (*Wordlists*) com todas as lexias presentes nos inquéritos que possibilitou a investigação sobre a origem de cada lexia de base africana presente no *corpus* em análise. Para saber as ocorrências das lexias, foi utilizado o menu *Concordance*, também presente no *AntConc*. Ela permite a identificação da lexia dentro da fala do entrevistado, no contexto de uso, como exemplificado na figura 4.

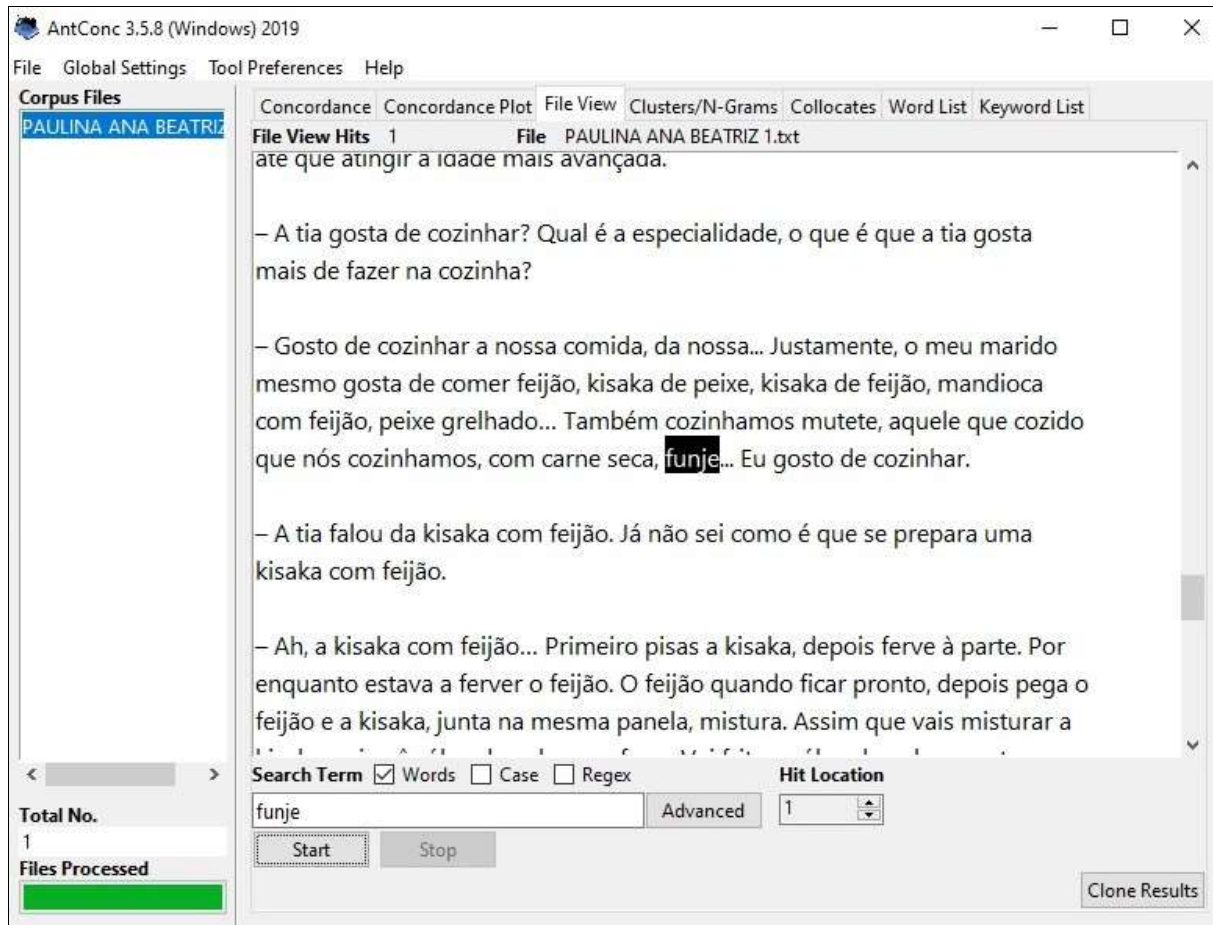
Figura 4 - exemplo da utilização da ferramenta Concordance



Fonte: *AntConc*.

Para a verificação dos significados, a ferramenta *File View* mostrou-se pertinente, uma vez que dela surge o uso da lexia pelo falante no inquérito, conforme exemplo na figura acima. Dessa forma, será possível perceber os significados no uso com lexias expostas por Castro (2001, 2002). Acessando esse menu o texto é mostrado na íntegra de arquivos individuais, permitindo a investigação mais detalhada dos resultados obtidos pelo menu *Concordance* (BARREIROS, 2017, p. 225).

Figura 5 - Exemplo da utilização da ferramenta File View.



Fonte: *AntConc*.

Acessado esse menu, foi observado o contexto em que o falante usou a lexia investigada, assim foi possível perceber se o informante a utilizou levando em consideração um significado mais amplo ou mais específico. Poderão existir casos em que uma mesma lexia poderá assumir acepções diferentes, a depender do contexto em que está sendo aplicada. O *AntConc*, portanto, se mostrou como um programa de grande importância para o desenvolvimento da pesquisa, pois ofereceu a possibilidade de estruturar os dados.

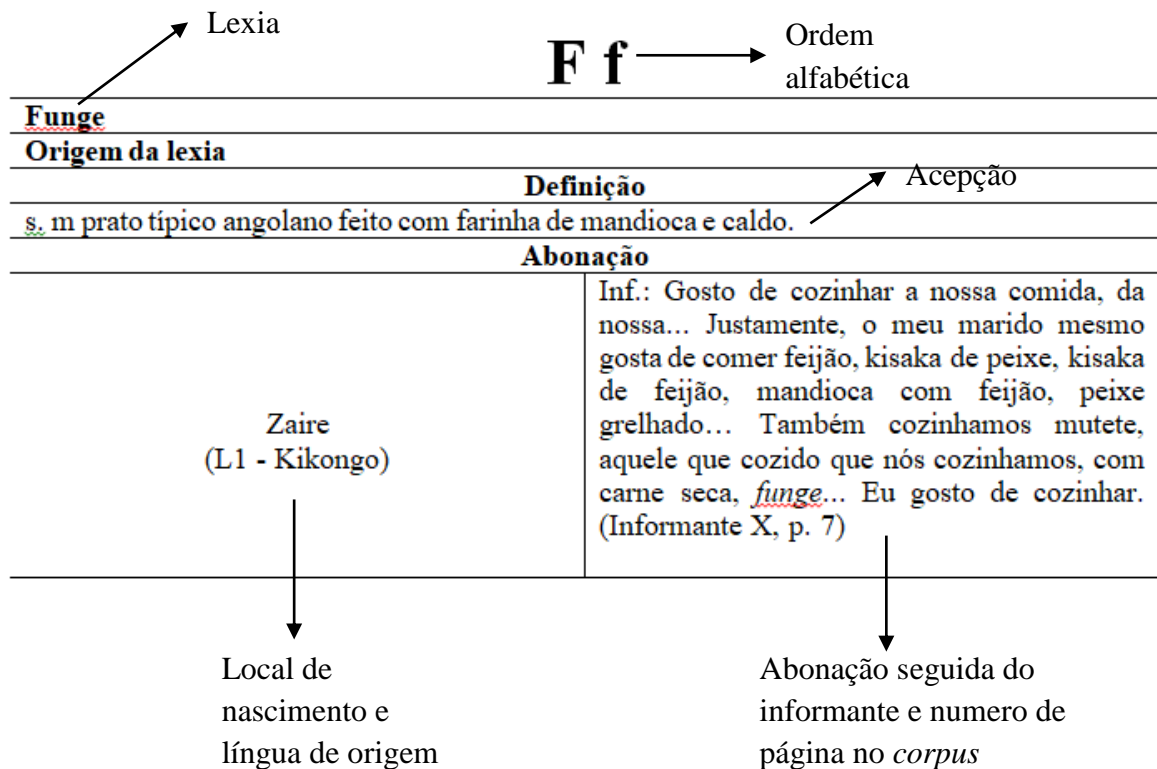
Após a realização dessa listagem, as lexias foram analisadas levando em consideração as acepções de Castro (2001, 2002) e Coutinho (2010). As obras citadas, embora produzidas no Brasil, trazem consigo glossários com lexias de base africana, e elaboradas por uma grande pesquisadora da área. Foi consultado também o dicionário kimbundu-português, de Assis Júnior (1947). Assim, essa etapa consistiu na observação de cada lexia, sua origem nas obras citadas e, quando de origem africana, foi observado o seu significado, acontecimento no inquérito e lista de abonações, isto é, exemplos retirados do próprio *corpus* pesquisado. Foram

excluídas as lexias de base latina, uma vez que não contemplam a proposta do presente trabalho.

É importante destacar que a observação dessas lexias, considerando todo o contexto em que foram empregadas, determinará se suas definições estão de acordo com as apresentadas nos dicionários. Assim, torna-se essencial para a compreensão do uso das lexias de origem africana, visto que essas marcas nem sempre foram entendidas como prestigiadas, mas muitas vezes marginalizadas.

Posteriormente, as lexias de origem africana encontradas nos inquéritos foram organizadas em uma ficha, compondo o glossário, resultado desta pesquisa. Foi seguido o seguinte modelo de ficha lexicográfica:

Figura 6 - Modelo de ficha lexicográfica para organização do glossário



Fonte: Abreu (2019).

A figura acima delinea a ficha lexicográfica utilizada para disposição das lexias, que compôs o glossário. Assim, na linha inicial, localiza-se a letra em ordem alfabética. A segunda linha mostra a lexia encontrada e, na quarta linha, o(s) significado(s) empregados pelo informante no *corpus*. Posteriormente, encontra-se do lado esquerdo o local de

nascimento que indica a sua língua materna (L1). O lado direito da ficha indica a abonação com a transcrição, seguida da identificação do informante e número de página.

Na abonação foi importante a identificação do informante e do número da página onde a lexia está localizada, para que o leitor possa identificar ou consultar de forma prática o trecho mostrado na ficha.

Após essa organização, foram realizadas as análises das lexias confirmando nos dicionários utilizados suas acepções e as abonações encontradas no *corpus*. Para tal, ressalta-se que as apreciações seguiram uma perspectiva semasiológica, isto é, partindo da palavra para o seu significado e, assim, comprovar ou não se são coerentes com a utilização na fala dos informantes. Logo após, foram selecionados os verbetes para constituição do glossário, o que é apresentado na próxima seção.

Para a concretização da pesquisa, levam-se em consideração as premissas da Linguística de *Corpus* que, de acordo com Sardinha (2000), tem a função de coletar e explorar os *corpora*, ou conjuntos de informações linguísticas textuais coletadas cautelosamente com a finalidade de valerem para a investigação de uma língua ou variedade linguística. Desse modo, é possível afirmar que, a Linguística de *Corpus*, debruça-se sobre a exploração da linguagem por meio de evidências empíricas, extraídas através de ferramentas computacionais.

Sardinha (2000) afirma ainda que, na contemporaneidade, a Linguística de *Corpus* exerce uma influência muito grande na pesquisa linguística. Assim, empregam-se nessa pesquisa os procedimentos metodológicos sugeridos por esse campo, no que se refere à coleta e obtenção de dados para a análise das lexias de base africana. Tais procedimentos referem-se à utilização de programa computacional, a fim de selecionar as informações necessárias na tentativa de conseguir os resultados desejados. Nessa perspectiva, salienta-se que “a Linguística de *Corpus* está, portanto, intimamente ligada à disponibilidade de *corpora* eletrônicos” (SARDINHA, 2000, p 329).

6 LÉXICO DE ORIGEM AFRICANA NO PORTUGUÊS FALADO EM ANGOLA

Seguindo a metodologia apresentada na seção anterior, foram levantadas as lexias de origem africana no *corpus* da pesquisa, tendo resultado na relação que se apresenta a seguir. Salienta-se que existem palavras que não são mais exclusivamente de Luanda, pois se generalizaram por todo o país, da mesma forma que outras surgiram em diferentes províncias e chegaram a Luanda.

A a

Aka/AK	
Língua: kimbundu	
Definição	
s.f. Arma de fogo; adj. ser ousado	
Abonações	
Luanda (L1 – Português)	<p>Inf.: Olha, eu tive uma situação foi na minha casa são... eram três, foram assaltar a minha casa isso é que eu pensei, que iria morrer e e verdade eles foram lá e prontos , não sei porque eu acho que Deus naquele dia estava comigo, se não digo os meus pais, porque eu pra aqueles indivíduos que vinham com <i>aka</i> ainda conseguiram me amarrar as mãos, puseram-me fita na boca, sentada no cadeirão na minha casa, com <i>aka</i>, mas eu vi a morte naquele dia, mas eu sei lá o que e que veio em mim não sei onde é que veio aquela força toda que eu consegui desamarrar tirar a fita na boca e gritar pra todos lado. É a situação que eu vi a minha morte nos olhos. (Informante M. J, p. 4)</p>
Alcadamoio	
Língua: não identificada	
Definição	
s.f. topônimo para se referir a uma cidade de Angola.	
Abonação	
Luanda (L1 – Português)	<p>Inf.: Sim, já morei quer dizer três mais ou menos três aqui em Luana em na Mainhanga, na rua vinte e oito de maio minha mãe vivia aqui em <i>Alcadamoio</i>. (Informante A.E p.1)</p>
Amabóde	
Língua: não identificada	

Definição	
s.f. topônimo para se referir a uma cidade de Angola.	
Abonação	
Luanda (L1 – Português)	Inf.: conheço o São Paulo, conheço <i>Amabóde</i> conheço [...] só aqui dentro de Luanda posso dizer conheço, conheço Capinga, (Informante A.E, p.1)
Amapô	
Língua: não identificada	
Definição	
s.f. topônimo para se refere a uma cidade de Angola	
Abonação	
Luanda (L1 – Português)	Inf.: Para mim se fosse paras viver no outro sítio como a minha mãe em <i>Amapô</i> , eu gosto de <i>Amapô</i> , gosto de <i>Amapô</i> . (Informante A.E p.7)
Angola	
Língua: kimbundu	
Definição	
s.f. País do sudoeste da África, na conta do Atlântico, de povos do grupo linguístico bantu.	
Abonação	
Wako (L1 – Português)	Inf.: Mas em noventa e dois quando veio a paz cá, cá, cá em <i>Angola</i> muita gente que vieram mas o meu pai no, no ate agora no consi...nunca ouvimos nada dele. (Informante J.M, p.5)

B b

Bagunça

Língua: kikongo

Definição

s.f. desordem; confusão; baderna; remexido.

Abonação

Calulo
(L1 – Português)

Inf.: Primeiro eu pouco gosto de *bagunça*, é gosto de festa assim é *silepros*, uma música lenta, romântica, aprecio esta festa, também entre quando uma *kizombazinha* para estressar um *bucadidinho*, tirar um *bucadinho*.
(Informante A.J, p. 5)

Baia

Língua: kimbundu

Definição

s.f. tábuas ou barrote que separa os cavalos nas cavalariças.

Abonação

Mustico
(L1 – Português)

Inf.: É... Os taxistas dão muita "*baia*", "*baia*" quer dizer que eles não respeitam com as regras de trânsito.
(Informante A, p. 11)

Batucar

Língua: kikongo/ kimbundu

Definição

v. repetir a mesma coisa insistentemente; dançar batuque; tocar tambores e bumbos; fazer barulho ritmado com pancadas; bater forte no tambor.

Abonação

Rungo
(L1 – Português)

Inf.: Antigamente, aonde que eu cresci, era batuque. Batuque, os mais velhos ficavam assim pulando a fogueira, uma fogueira e a gente, as jovens e os mais velhos batucava "dudududu" e a gente, as minas ficávamos a dançar, eles a *batucar* e nós a dançar.
(Informante T.L, p. 2)

Batuque

Língua: kikongo/ kimbundu

Definição

s. m. ruído; com muito forte; ação de fazer ruído com batimentos rítmicos.

Abonações

Inf.: Na minha juventude, esse ritual era quando aparecia. As pequenas danças, todas as partes de todas as províncias, quando morre alguém, há sempre aquele *batuque*, antes do enterro e depois

Luanda (L1 – Português)	do enterro. E acontece que muitas vezes, que tocava nesses rituais, a minha juventude e de tantos outros também, no ritual. (Informante L.R, p. 4)
Rungo (L1 – Português)	Inf.: Antigamente, aonde que eu cresci, era <i>batuque</i> . <i>Batuque</i> , os mais velhos ficavam assim pulando a fogueira, uma fogueira e a gente, as jovens e os mais velhos batucava “dudududu” e a gente, as minas ficávamos a dançar, eles a batucar e nós a dançar. (Informante T.L, p. 2)

Bengo**Língua:** kikongo/ kimbundu**Definição**

s.m. espécie de capim; preá, espécie comestível; Província a norte de Angola, cuja capital é a cidade de Caxito.

Abonação

Luanda (L1 – Português)	Inf.: Dei duas ou três voltas: uma de forma microscópica a Capanda, em serviço, trabalho de reportagem, uma no <i>Bengo</i> , duas no Dembo, e não mais que isso. (informante C.S, p.1)
----------------------------	--

Benguela**Língua:** kimbundu**Definição**

s. províncias de Angola, localizada na região central do país, cuja capital é o município de Benguela; denominação provavelmente dada pelo tráfico negreiro aos Ovimbundus.

Abonação

Luanda (L1 – Português)	Inf.: Para... ah! Fui para <i>Benguela</i> . É... isso é, tratar a saúde. Mas até agora nunca mais viajei, mas gosto muito de viajar. Eu acho que não viajo porque o tempo, fator tempo. (Informante A. H, p. 1)
----------------------------	---

Bica Bidon**Língua:** não identificada**Definição**

s. brincadeira típica do povo angolano; s. loja de artigos infantis de Luanda.

Abonação

Luanda (L1 – Português)	Inf.: [...] vivo num bairro com muitos problemas de energia desde que nasci só há dois anos é que nos temos a energia estabelecida, assim estabelecida, então nós como não tínhamos energia é... das dezassete até mais ou menos
----------------------------	--

	sensivelmente vinte hora nos ficávamos todos na rua a brincar , jogar o Leitim ,no sei sei , ya, ficávamos jogar leitim <i>bica bidon</i> ou essas brincadeiras assim então na rua brinquei muito. (Informante E. F, p. 3-4)
--	---

Bué**Língua:** kimbundu**Definição**

s. m. em grande quantidade; muito; abundância.

AbonaçãoWako
(L1 – Português)

Inf.: E, em primeiro lugar como e que eu posso dizer, o cobrador em si, você as vezes ao subir eu como que eu posso dizer táxi bem agitado, *bué* de calor, você não pode dizer nada, se você dizer, oh fulano eu já no vou poder mais encostar [...].
(Informante J.M, p.15)

C c

Cabaça(s)**Língua:** kikongo/ kimbundu**Definição**

s. saco; alforje; mochila; gêmeo que nasce em segundo lugar.

Abonações-
(L1 – Português)

Inf.: Esse acidente foi aqui na casa *cabaça*. Um moço, ele tava [...] o carro lá e vieste e não deu conta e foi pancada e morreu e não conseguiu comer.
(Informante A.F.C, p. 5)

Caçula**Língua:** kikongo/ kimbundu/ umbundu**Definição**

s.m. o mais novo dos filhos ou dos irmãos.

AbonaçãoLuanda
(L1 – Português)

Inf.: Acredito que isso é relativo, por quê? Porque assim, já o meu pai disse que o tempo de escolaridade é melhor do que o meu, e eu também digo a minha mana *caçula* a que meu tempo de escolaridade é melhor que o dela, no futuro próximo se eu tiver um filho ou uma filha a minha mana *caçula* pode dizer também o meu filho que a infância dela de escolaridade é melhor que o dele [...].
(Informante B. B, p. 4)

Wako
(L1 – Português)

Inf.: Sim, sim sou a *caçula*, única menina.
(Informante J.M, p.7)

Caçule**Língua:** kikongo/ kimbundu/ umbundu**Definição**

s.m. o mais novo dos filhos ou dos irmãos.

AbonaçãoMalanje
(L1 – Português)

Inf.: Depois, mais tarde a minha irmã *caçule* aparece. Assim que ela apareceu os miúdos disseram: “Tia, a tua mana está a se rebolar no chão mais dinheiro. Minha irmã pegou os dois mil e me deu. Eu, aquele”.
(Informante A.V, p. 7)

Calulu**Língua:** umbundu**Definição**

s.m. mesmo que caruru; rama de batata doce.

Abonação

<p>Rungo (L1 – Português)</p>	<p>Inf.: O prato que eu gosto de preparar é <i>calulu</i>, caldeirada e feijão [ININT] de palma e carne seca e carne fresca, sim. (Informante T.L, p. 3)</p>
<p>Luanda (L1 – Português)</p>	<p>Inf.: É verdade porque meu pai diz que há muitos anos atrás caiu lá um... um... autocarro de pesquisadores que queriam fazer pesquisas em rio. E esse autocarro parou a beira do rio que era para os turistas não é, verificarem os pesquisadores, analisarem aquele rio e, segundo a tradição, não sei se é verdade, aquele carro caiu por cima dos pesquisadores e todos foram pra dentro do rio. E a polícia, não é, os bombeiros, depois pediram autorização a este soba porque já sabiam que não podiam usar o rio sem pedir autorização. E eles pediram, o soba deu a autorização, mas não foi encontrado nenhum resto de... não foi encontrado nada no rio. É um rio normal, mas o que entra não sai. Por isto ele é chamado Põe. Se vai pra lá, se protege não é? Não sei se vai para onde, não sei... Mas é uma das coisas sinistras que acontecem aqui em nosso país, mas outros aspectos, por exemplo, as comidas daqui do nosso país eu não venero todas, não é, mas aprecio algumas como <i>Calulu</i>... (Informante J.P.T, p. 20)</p>

Calulo

Língua: não identificada

Definição

s.f. topônimo para se referir a cidade que está localizada na província de Kwanza-Sul, sendo a sede do município de Libolo.

Abonação

<p>Calulo (L1 – Português)</p>	<p>Inf.: Sou natural de <i>Calulo</i>. (Informante A. J, p.1)</p>
------------------------------------	---

Candongas

Língua: kikongo/ kimbundu

Definição

s.f. fuxico; falsidade; manha.

Abonação

<p>Wako (L1 – Português)</p>	<p>Inf.: Entendi, e agora vamos falar das <i>candongas</i>. (Informante J.M, p.14)</p>
----------------------------------	--

Candongueiro**Língua:** kikongo/ kimbundu**Definição**

s.m. mexeriqueiro; intrigante; enganador; taxista.

Abonação

Malanje (L1 – Português)	Inf.: Pronto, aqueles 50 que eu fiquei com ele, paguei o <i>candongueiro</i> , vim pra casa. (Informante A.V, p. 6)
Luanda (L1 – Português)	Inf.: Não, vinha da escola eu no gosto muito de andar de <i>candongueiro</i> , sempre que possível prefiro andar a pé especialmente quando tem muito engarrafamento, engarrafamento porque me agita nas ruas fico com dores de cabeça. (Informante E. F, p. 6)

Capanda**Língua:** não identificada**Definição**

s.f. vila e companhia hidroelétrica do município de Cacusó, na província de Malanje, em Angola.

Abonação

Luanda (L1 – Português)	Inf.: É ... já, mas eu tenho sido marcadamente provinciano. Eu tenho estado muito em Luanda. Dei duas ou três voltas: uma de forma microscópica a <i>Capanda</i> , em serviço, trabalho de reportagem [...]. (Informante C.S, p.1)
----------------------------	---

Capinga**Língua:** não identificada**Definição**

s.m bairro pertencente a cidade de Luanda.

Abonação

Luanda (L1 – Português)	Inf.: [...] só aqui dentro de Luanda posso dizer conheço, conheço <i>Capinga</i> , conheço é Samba né?! Samba e o bairro Malgozo esse bairro Malgozo fica em frente a clinica, a clínica do Prego, essas são os bairro que eu conheço, a Samba. (Informante A.E, p.1)
----------------------------	--

Caquea**Língua:** não identificada**Definição**

s.f. alimento preparado com tomate e cebola, típico da culinária angolana.

Abonação

-
(L1 – Português)

Inf.: Primeiro, lava-se a *caquea* com água morna ou pode deixar a *caquea* lá na água morna por uns minutos, depois seca aquela água, põe na panela, põe tomate, cebola, depois vai musse, isso mesmo.
(Informante A.F.C, p. 6)

Caruru

Língua: kikongo/ kimbundu

Definição

s.m. iguaria feita a base de quiabo cortado, temperado com camarões secos, dendê, cebola e pimenta.

Abonação

Luanda
(L1 – Português)

Inf.: Olha, um bom *caruru*, é peixe fresco. Por exemplo, o peixe bom é fresco... é, bem seco, leva quiabo, leva... como é que eu posso dizer... [quimbala], como [Salma].
(Informante A.C, p. 8)

Cherite

Língua: não identificada

Definição

s.m. objeto utilizado para misturar ingredientes.

Abonação

Huambo
(L1 – Português)

Inf.: [...] pra fazer a polpa do funji, né? Pra começar, então pegamos [um fun ou um *cherite*] com uma mão, com outra mão então botamos a fubá na panela, vamos mexendo até uma... como é que eu posso dizer? Até criar assim uma... uma forma, uma forma que a gente.
(Informante I. L, p. 10)

Corimba

Língua: não identificada

Definição

s.m. bairro angolano localizado na província de Luanda.

Abonação

Luanda
(L1 – Português)

Inf.: Duas vezes. Uma em baixo. Na altura vivia aqui no Kinaxixi por baixo do prédio é.. e a outra ali junto, na *Corimba*, de noite, foi.
(Informante C.S, p.10)

D d

Dembo

Língua: kimbundu

Definição

s. chefe de tribo no Norte de Angola; tambor dos negros de Lubango; indivíduo pertencente à tribo dos Dembos; município da província de Bengo.

Abonações

Luanda
(L1 – Português)

Inf.: Dei duas ou três voltas: uma de forma microscópica a Capanda, em serviço, trabalho de reportagem, uma no Bengo, duas no *Dembo*, e não mais que isso.

(Informante C.S, p.1)

F f

Fubá	
Língua: kikongo/ kimbundu	
Definição	
s.f. farinha de milho ou arroz.	
Abonação	
Luanda (L1 – Português)	Inf.: A papa tipo de <i>fubá</i> de milho. Ponho água, meto a <i>fubá</i> , vira-se, põe no fogo. Vai virando, põe os ingredientes: açúcar e o leite e já tá a papa. Não se fala mais nisso. (Informante C.S, p.10)
Humabo (L1 – Português)	Inf.: [...] Pega <i>fubá</i> , faz o eléla como se diz, né? O Eléla, bate a <i>fubá</i> numa tigela com grão não sei quê, depois despeja naquela água fervente, espera o funge saltar ou criar aquela espuma pra depois bater o funge mas não fizemos assim. (Informante I. L, p. 10)
Fubada	
Língua: não identificada	
Definição	
s.m. prato feito com fubá	
Abonação	
Luanda (L1 – Português)	Inf.: Uma boa <i>Fubada</i> , um caruru também faço. (Informante A.C, p. 7)
Fumo	
Língua: kikongo	
Definição	
s.m. conselheiro do soba; senhor; chefe de grupo de povoações; chefe de linhagem; marca de nascença sobre a pele; tabaco para fumar.	
Abonação	
	Inf.: Então não tendo motivos pra chorar, na fogueira tem um... Conforme a direção do vento, o <i>fumo</i> segue uma direção, então o coelho decide sentar-se na direção em que o fumo ia. O <i>fumo</i> entrando nos olhos, ardia os olhos e ele lacrimejava. (Informante A, p. 15)
Funge	
Língua: kikongo	
Definição	
s.m. acompanhamento culinário típico de Angola, confeccionado com farinha de milho ou de mandioca e caldo.	

Abonação

<p>Luanda (L1 – Português)</p>	<p>Inf.: É... eu gosto mais [de] comida assim que não dão muito trabalho. Como massa, arroz, um arroz assim de legumes. Ah... <i>funge</i> também gosto mas como dá muito trabalho, dificilmente cozinho <i>funge</i>. (Informante A. H, p. 3)</p>
	<p>Inf.: Ah, eu gosto muito <i>funge</i> de carne seca, moamba de couve ou de repolho. (Informante F.M, p. 10)</p>
<p>Huambo (L1 – Português)</p>	<p>Inf.: <i>Funge</i>. Comida que eu cozinho e gosto mais de cozinhar é só a massa. (Informante D.C, p 9)</p>

G g

Galete	
Língua: não identificada	
Definição	
s.m. iguaria típica angolana	
Abonação	
Luanda (L1 – Português)	<p>Inf.: Sim, o <i>galete</i> faz-se da seguinte forma no é? Eu faço o <i>galete</i> da seguinte forma: faço, primeiro dispendo a massa, ou ponho a massa de trigo na banheira, propriamente peneirada e uma quantidade de manteiga isso é “QB” vou desfazendo, desfazendo, desfazendo, desfazendo e ela vai atingindo um creche, e antes de atingir um creme, eu ponho o açúcar, vou mexendo, vou misturando, misturando, misturando até atingir uma boa pasta é dessa forma que faço meu <i>galete</i>.</p> <p>(Informante B. B, p. 10)</p>
Gimbo/ zimbo	
Língua: kimbundu	
Definição	
s.m. dinheiro	
Abonação	
Huambo (L1 – Português)	<p>Inf.: Nós a nossa pesca era assim: quer dizer tem uns bichinhos que eles fala que é minhoca. Aqueles bichinho como um micróbio então aquilo cavamos nos <i>gimbo</i> tiramos no <i>gimbos</i> metemos nos já o anzol quer dizer.</p> <p>(Informante D.C, p.4)</p>
Ginguba	
Língua: kimbundu	
Definição	
s.m mesmo que jinguba.	
Abonação	
	<p>Inf.: A pode ficar muito cozida , nem , nem o repolho , coas a agua depende mas ne a couve misturada com repolho não separadas , se quiseres fazer a couve faz , se quiseres fazer o repolho faz. Se quiseres de <i>ginguba</i> fresca , a moamba fresca fazes se quiseres de moamba torrado também fazes , e metes a moamba , fazes um refogado.... Depende, ha varias formas de se, se fazer um refogado assim põe tomate a parte depôs introduzir na panela ou despejar na panela do repolho, a gingu....a moamba , viras.</p> <p>(Informante F.M, p. 10)</p>

H h

Huambo	
Língua: kimbundo	
Definição	
s.f. cidade e município de Angola; a capital da província do Huambo	
Abonação	
Wako (L1 – Português)	<p>Inf.: Não, eu nasci na província, nasci no Wako. Saí do Wako fui pró <i>Huambo</i>, lá mesmo, mas sai de lá foi porque meu pai foi na tropa, sei lá se é tropa ou que é. Lá fez a vida dele, lá no <i>Huambo</i>. Então a minha mãe saiu no Wako-Kungo que é Kwanza-Sul foi lá no <i>Huambo</i>. Ficamos lá no Huambo, eu, na altura, tinha, tinha ai, por ai dois anos, dois anos quando eu foi pró <i>Huambo</i>, dois anos. E pronto. Quando a minha mãe faleceu eu saí de lá com seis anos, seis ou sete. (Informante J.M, p.1)</p>

I i

Iá	
Língua: kwa	
Definição	
s.f. mãe; senhora; tratamento respeitoso dado à mãe-de-santo.	
Abonação	
Huambo (L1 – Português)	Inf.: No Huambo, no Huambo, <i>iá</i> . (Informante D.C, p.1)

J j

Jimboa	
Língua: kimbundo	
Definição	
s.m. legume angolano, espontâneo na época das chuvas, e de alto valor nutritivo.	
Abonação	
	<p>Inf.: A kizaka é um refogado assim de ervas e é como se fosse o refogado e couve ou <i>jimboa</i>, só que ela é feita, é preparada de várias maneiras. Pode ser com bagre, que também é um dos peixes aqui do nosso país, ou então com óleo de palma, não é, misturada com óleo de palma. Feijão de óleo de palma também faz parte. (Informante J. P. T, p. 20).</p>
Jinguba	
Língua: kikongo/ kimbundo	
Definição	
s.m. amendoim	
Abonação	
<p>Malanje (L1 – Português)</p>	<p>Inf.: Inf.: O repolho com muamba de <i>jinguba</i> é assim: eu tiro o repolho, protejo muito bem, corto o repolho, então ponho a água no fogo. (Informante A.V, p. 7)</p>

K k

Kianda/ quianda	
Língua: kimbundo	
Definição	
s.f. sereia; monstro fabuloso	
Abonação	
Luanda (L1 – Português)	Inf.: Então, até agora ninguém conseguiu me definir com precisão e rigor qual se... em que contexto se enquadrariam a Rádio de Luanda. Mas eu acredito que ela continua, tendo o mesmo perfume e a mesma força da <i>Kianda</i> . (Informante C.S, p.4)
<hr/>	
Kibala	
Língua: kimbundo	
Definição	
s.f. cidade e município de Angola, na província de Kwanza-Sul.	
Abonação	
Luanda (L1 – Português)	Inf.: E... Foi quando... uma vez dessas tava (pausa) uma vez dessa tava, foi no Kwanza-Sul, concretamente na <i>Kibala</i> . (Informante J.J, p.4)
<hr/>	
Kimbundu/ quimbundo	
Língua: kimbundo.	
Definição	
s. umas das línguas veicular de Angola, falada pelo povo ambundu.	
Abonação	
	Inf.: Entendo o <i>Kimbundo</i> das terras da minha mãe. (Informante A.E, p.2)
<hr/>	
Kinaxixi	
Língua: kimbundo/ kikongo	
Definição	
s.m. mercado que era um símbolo de Luanda.	
Abonação	
Luanda (L1 – Português)	Inf.: Na altura vivia aqui no <i>Kinaxixi</i> por baixo do prédio é... (Informante C.S, p. 10)

Kizaka/ quizaca	
Língua: kimbundo	
Definição	
s. culinária feita de folhas de mandioqueira; prato típico do Norte de Angola.	
Abonação	
Luanda (L1 – Português)	Inf.: A <i>kizaka</i> é um refogado assim de ervas e é como se fosse o refogado e couve ou jim88boa, só que ela é feita, é preparada de várias maneiras. Pode ser com bagre, que também é um dos peixes aqui do nosso país, ou então com óleo de palma, não é, misturada com óleo de palma. Feijão de óleo de palma também faz parte. (Informante J. P. T, p. 20)
Kizumbazinha/ quizumba	
Língua: kikongo/ kimbundu	
Definição	
s.f diminutivo de quizumba; briga; confusão, rolo.	
Abonação	
Calulo (L1 – Português)	Inf.: Primeiro eu pouco gosto de bagunça, é gosto de festa assim é silepros, uma música lenta, romântica, aprecio esta festa, também entre quando uma <i>kizumbazinha</i> para estressar um bucadidinho, tirar um bucadinho. (Informante A.J, p. 4)
Kungo/ Cungo	
Língua: não identificada	
Definição	
s.f. cidade de Angola, sede do município da Cela, na província do Kwanza-Sul	
Abonação	
Wako (L1 – Português)	Inf.: Não, eu nasci na província, nasci no Wako. Saí do Wako fui pró Huambo, lá mesmo, mas sai de lá foi porque meu pai foi na tropa, sei lá se é tropa ou que é. Lá fez a vida dele, lá no Huambo. Então a minha mãe saiu no Wako- <i>Kungo</i> que é Kuanza-Sul foi lá no Huambo. Ficamos lá no Huambo, eu, na altura, tinha, tinha ai, por ai dois anos, dois anos quando eu foi pró Huambo, dois anos. E pronto. Quando a minha mãe faleceu eu saí de lá com seis anos, seis ou sete. (Informante J.M, p. 1)
Kwanza	
Língua: kikongo/ kimbundu	
Definição	
s.f. província de de Angola; s. rio de Angola	
Abonação	

<p style="text-align: center;">Wako (L1 – Português)</p>	<p>Inf.: [...] Lá fez a vida dele, lá no Huambo. Então a minha mãe saiu no Wako-Kungo que é <i>Kuanza-Sul</i> foi lá no Huambo. Ficamos lá no Huambo, eu, na altura, tinha, tinha aí, por aí dois anos, dois anos quando eu fui pró Huambo, dois anos. E pronto. Quando a minha mãe faleceu eu saí de lá com seis anos, seis ou sete. (Informante J.M, p.1)</p>
--	---

Kwanza(s)

Língua: kikongo/ kimbundu

Definição

s. unidade monetária de Angola

Abonação

<p style="text-align: center;">Luanda (L1 – Português)</p>	<p>Inf.: Eu normalmente... Daqui para a universidade eu gasto 600 <i>kwanzas</i>. E tenho que sair muito cedo, às 5h30 minutos já estou em pé. (Informante A. H, p. 9)</p>
<p style="text-align: center;">Malanje (L1 – Português)</p>	<p>Inf.: A única coisa que tinha me deixado era 50 <i>kwanzas</i> e dois pães que eu tinha comprado pro mata-bicho em casa. Pronto. (Informante A.V, p. 6)</p>

L 1

Lo	
Língua: fon	
Definição	
v. largar; deixar	
Abonação	
Luanda (L1 – Português)	Inf.: Aqui em Luanda o bairro que <i>lo</i> o lugalê que eu conheço é Maianga. (Informante A.E, p.1)

Luanda	
Língua: kimbundu	
Definição	
s.f. topônimo, capital de Angola.	
Abonação	
Luanda (L1 – Português)	Inf.: O português aprendi aqui em <i>Luanda</i> onde eu nasci, onde eu tô a cresce e onde aprendi o português. (Informante A.E p.2)

Lugalê	
Língua: não identificada	
Definição	
s. lugar; espaço; sítio.	
Abonação	
Luanda (L1 – Português)	Inf.: [...] o <i>lugalê</i> que eu conheço é Maianga, conheço o São Paulo, conheço Amabóde conheço [...]. (Informante A.E, p.1)

M m

Macaca	
Língua: kikongo	
Definição	
s.f feminino de macaco; adj. esperto, finório, feio.	
Abonação	
Luanda (L1 – Português)	<p>Inf.: Ah, naquela altura havia... o. A <i>macaca</i>, havia o leitim, havia o trinta e cinco, e muitas outras. (Informante E. M, p. 2)</p> <p>Inf.: Eu não sei bem porque, mas antigamente o único dia que nós brincávamos, -os pais dava aquelas leis – só aos domingos íamos à igreja fazíamos o serviço todo de casa, à tardinha brincávamos a <i>macaca</i>, ringue, essas brincadeiras escondidas e mais outras brincadeiras. (Informante M. J, p. 2)</p>

Macaco	
Língua: kikongo	
Definição	
s. todas as espécie de símios; adj. esperto; finório; feio.	
Abonação	
Mustico (L1 – Português)	<p>Inf.: Lembro-me, lembro-me de uma. É pra contar? A história de... Era mais fábulas, histórias de animais que falam... o coelho era sempre tido como animal espertalhão. Então o coelho mais alguns animais, o <i>macaco</i> e outros mais, decidiram fazer uma... (Informante A, p. 14)</p>

Maianga	
Língua: kimbundu	
Definição	
s. banho ritual dos noviços tomado pela manhã; distrito urbano que pertence a Luanda.	
Abonação	
Luanda (L1 – Português)	<p>Inf.: Sim, já morei quer dizer três mais ou menos três aqui em Luana em na <i>Maianga</i>, na rua vinte e oito de maio minha mãe vivia aqui em Alcadamoio. (Informante A.E p. 1)</p>

Malanje	
Língua: não identificada	
Definição	
s. cidade e município de Angola.	
Abonação	
Luanda (L1 – Português)	Inf.: Básico é em Luanda, mas o ensino primário fez em <i>Malanje</i> na sua terra natal. (Informante B. B, p. 2)
Mamadinguba	
Língua: kikongo/ kimbundu	
Definição	
s. prato típico da culinária angolana.	
Abonação	
Luanda (L1 – Português)	Inf.: É, a kizaka. A erva é pisada... a erva é pisada depois fervida. Ela ferve e faz só o refogado e come né, com o Calulu, muitas vezes com o calulu, muitas vezes com funge, <i>mamadinguba</i> ... (Informante J. P. T, p. 21)
Maquíxi	
Língua: kikongo/ kimbundu	
Definição	
s.m. homens de pequenas alturas.	
Abonação	
Luanda (L1 – Português)	Inf.: Sim, <i>Maquíxe</i> são homens, segundo a história né? São homens de pequenas alturas que viviam em cabeças e tinham cabeças grandes e outros ainda dizem que tem duas cabeças e no decorrer da guerra, quando uma das cabeças era cortada crescia a outra né? Isso segundo a história. (Informante B. B, p. 3)
Moamba	
Língua: kikongo	
Definição	
s.f. guisado de galinha ou carne de vaca ou peixe, temperado com sal, alho e jinguba, e ao qual se adicionam dendês, sendo servido com pirão ou funje.	
Abonação	
	Inf.: A pode ficar muito cozida, nem, nem o repolho, coas a agua depende, mas né a couve misturada com repolho não separadas, se quiseres fazer a couve faz , se quiseres fazer o repolho faz.

<p style="text-align: center;">Luanda (L1 – Português)</p>	<p>Se quizeres de ginguba fresca, a moamba fresca fazes se quizeres de <i>moamba</i> torrado também fazes , e metes a <i>moamba</i> , fazes um refogado.... Depende, ha varias formas de se, se fazer um refogado assim poe tomate a parte depôs introduzir na panela ou despejar na panela do repolho, a gingu....a <i>moamba</i> , viras. (Informante F.M, p. 10)</p>
--	---

Muamba

Língua: kikongo/ kimbundu

Definição

s.f. feitiço; mesmo que moamba.

Abonação

<p style="text-align: center;">Malanje (L1 – Português)</p>	<p>Inf.: Eu faço galinha de muamba, faço repolho com <i>muamba</i> de jinguba, faço sopa... Eu faço muita coisa... (Informante A.V, p. 7)</p>
---	---

Mussalo

Língua: kimbundu

Definição

s.f. peneira de palha fina, em forma de jarro

Abonação

<p style="text-align: center;">Luanda (L1 – Português)</p>	<p>Inf.: Por isso me choca quando falam de turismo. Turismo é pra . Se formos haver um [<i>mussalo</i>] já não tem nenhum da nossa geração. Por quê? Porque o governo colocou as pessoas de dinheiro dentro de [<i>mussalo</i>]. (Informante L.R, p. 4)</p>
--	---

Moxico

Língua: não identificada

Definição

s. topônimo para designar uma das 18 províncias de Angola, localizada na região leste do país.

Abonação

<p style="text-align: center;">Moxico (L1 – Português)</p>	<p>Inf.: No <i>Moxico</i>, saí de lá muito pequena e é um dos pontos turísticos que me marcou... (Informante A, p.2)</p>
--	--

Mutumba

Língua: kimbundu

Definição

s. bairro da cidade de Luanda, em Angola.

Abonação

Luanda
(L1 – Português)

Eu era uma pessoa muito nervosa, eu era uma pessoa que até pra falar bastante, na escola tinha a cabeça muito dura. Era uma pessoa que chorava [até de menos], mas com o andar do tempo, o crescimento. Eu era uma pessoa que apanhou muitas injeções, aqui em casa não tem ninguém que apanhou mais injeções que eu, não tem. Eu... em um mês eu podia passar cento e tal injeções e saía todos os dias se casa até o hospital que era distante, era mais ou menos daqui até a *Mutamba*, todos os santos dias eu tenha que [aparecer] pra recuperar a minha saúde... perdão. (Informante A. O, p. 11-12)

N n

Nhá	
Língua: kwa	
Definição	
s.f. mesmo que iá	
Abonação	
Luanda (L1 – Português)	Inf.: [...] tivemos a Rainha <i>Nha</i> Catolo , que morreu a bem pouco e tempo e outra rainhas existiram que eu disse que ainda não estão devidamente pesquisados , isto e no campo de resistência ou colonialismo. (Informante C.C, p. 5)

P p

Panco	
Língua: kimbundu	
Definição	
v. pancar; magoar.	
Abonação	
Wako (L1 – Português)	Inf.: Uma pessoa desconhecida suponhamos que encontramos panquei, né, eu as vez eu a andar <i>panco</i> a pessoa, o senhor vai me desculpar. (Informante J.M, p.20)

Pejo	
Língua: kimbundu	
Definição	
s. pudor; vergonha; timidez.	
Abonação	
Luanda (L1 – Português)	Inf.: E hoje eu não tenho nenhum <i>pejo</i> em assumir isso aos quatro ventos, a rádio que ensinou-me a gostar de rádio foi a Rádio Luanda. (informante C.S. p.4)

Q q

Quiabo

Língua: kikongo/ kimbundu

Definição

s.m. fruto de quiabeiro; muito utilizado na cozinha cerimonial; caruru.

Abonação

Luanda
(L1 – Português)

Inf.: Olha, um bom caruru, é peixe fresco. Por exemplo, o peixe bom é fresco... é, bem seco, leva *quiabo*, leva... como é que eu posso dizer... [quimbala], como [Salma]
(Informante A.C, p. 8)

Malanje
(L1 – Português)

Inf.: [...] Chego aquela hora, compro o jantar, tô ir em casa, mas depois que morreu.... Agora vendo tomate, vendo cebola, vendo couve, vendo alface, *quiabo*, cenoura, pimento, qualquer tipo de negócio que me aparece, eu faço.
(Informante A.V, p. 6)

Quimbala

Língua: kimbundu

Definição

s.f. canoa de borda baixa para pesca ou para passar pessoas entre margens de um rio.

Abonação

Luanda
(L1 – Português)

Inf.: Olha, um bom caruru, é peixe fresco. Por exemplo, o peixe bom é fresco... é, bem seco, leva quiabo, leva... como é que eu posso dizer... [*quimbala*], como [Salma].
(Informante A.C, p. 8)

Quimbaxe

Língua: kikongo/ kimbundu

Definição

s.f. cidade angolana da província do Bengo

Abonação

Luanda
(L1 – Português)

Inf.: Conheci *Quimbaxe*, e estava para conhecer o Ís fiquei no Control, infelizmente não tive a oportunidade de avançar.
(Informante B. B, p. 3)

Quimbo

Língua: umbundu

Definição

s. povoado; senzala; casa ou conjunto de casas constituindo com um só cômodo.

Abonação

Huambo
(L1 – Português)

Inf.: [...] a gente é fiar mesmo uns fiinhos piquinininhos compramos memo essa linha,

	então aqueles a linhas ai então que tem uns pau lá no <i>quimbo</i> que se fala umbundu. (Informante D.C, p.1)
Rungo (L1 – Português)	Inf.: Sim, senhora. Mesmo que seja aqui em Luanda ou que seja nos matos os jovens já estão, nos matos também lá nos <i>Quinbu</i> , tem jovem, os jovem já tá memo desenvolvido. Já não está como estava antigamente, tapado. (Informante T.L, p. 7)

R r

Rungo/ Rivungo

Língua: kikongo/ kimbundu

Definição

s. topônimo para se referir a um município da província de Cuando-Cubango, em Angola.

Abonação

Rungo/ Rivungo
(L1 – Português)

Inf.: Não. É de *Rungo*, é de *Rungo*.
(Informante T. L, p. 8)

S s

Salalê-strê-trê	
Língua: não identificada	
Definição	
s. brincadeira típica de Angola.	
Abonação	
Rungo (L1 – Português)	Inf.: Epa! Quais são as brincadeiras? E aquela dos <i>salalê-strê-trê</i> , do papa e mama também sempre existiram... tinham várias. (Informante C.S. p.6)
Samba	
Língua: kikongo/ kimbundu	
Definição	
s. título de memento; cerimônia pública de macumba; rezar, orar; ritmo musical; distrito do município de Luanda.	
Abonação	
Luanda (L1 – Português)	Inf.: [...] só aqui dentro de Luanda posso dizer conheço, conheço Capinga, conheço é <i>Samba</i> né?! <i>Samba</i> e o bairro Malgozo esse bairro Malgozo fica em frente a clinica, a clínica do Prego, essas são os bairro que eu conheço, a <i>Samba</i> . (Informante A.E, p.1)
Malanje (L1 – Português)	Inf.: Vamos mesmo mostrar a sua casa, sobe já no carro. Pronto, daí, subi no carro, viemos até aqui no <i>Samba</i> . (Informante A.V, p. 7)
Calulo (L1 – Português)	Inf.: É um investimento que estou adaptando já um bom tempo, estou nos serviços administrados, sou funcionário o AGER- Associação dos Agileiros aqui do município de <i>Samba</i> o qual sou secretário de edição administrativa [...]. (Informante A.J, p. 4)
Mustico (L1 – Português)	Inf.: O carnaval brasileiro é muito <i>samba</i> ... é... e uma particularidade deles muita mulher de umbigo nua e aqui em Angola não é assim. (Informante A, p. 12)
Sambapito	
Língua: não identificada	
Definição	
s. guloseima de açúcar caramelizado com sabores variados, fixa num palito próprio para a segurar; chupa-chupa; pirulito.	
Abonação	
Malanje (L1 – Português)	Inf.: Quer dizer, os tipos de negócios mesmo que eu comprei: <i>sambapito</i> , bolacha... Então, amarrei

	uma caixa mesmo assim grande, tirei um pano e amarrei. (Informante A.V, p. 4)
Soba	
Língua: kikongo/ kimbundu/ umbundu	
Definição	
s. rei; chefe; senhor mais velho.	
Abonação	
Luanda (L1 – Português)	Inf.: [...] Porque são tradições muito... há umas que, por exemplo, o lado cultural, como a comida, a dança, ainda tenho o prazer de analisar e reter desses aspectos algo construtivo. Mas a nossa tradição, como que... como, por exemplo, o <i>soba</i> , o senhor mais velho aqui é chamado de <i>soba</i> e caso, por exemplo, tu uses o rio de uma aldeia fora da cidade, nossa tradição não pesa muito aqui na capital, porque aqui na capital nós chegamos a ser aculturados por Brasil e Portugal, mas nas províncias vê-se que o povo sente ou receia muito o <i>soba</i> que é o chefe da tribo, devido... Porque tu faz algo contra este homem eu acredito que eles trabalham com forças ocultas, tu és penalizada. (Informante J. P. T, p. 19)

T t

Tabu(s)	
Língua: kwa	
Definição	
s. banho; lavagem; proibição.	
Abonação	
Luanda (L1 – Português)	Inf.: [...] Antes considerava-se as doenças sexualmente transmissíveis como um <i>tabu</i> , agora esta na cara de todo mundo que são reais e a qualquer momento nós corremos o risco de poder contrair estas mesmas doenças [...]. (Informante A. J, p. 5)
Mustico (L1 – Português)	Inf.: Bom, nós em África, e Angola e um país africano, temos algumas tradições culturais que não permitiram também um, um desenvolvimento da mulher o todos os níveis que se pretendia. Felizmente após a independência muitos desses <i>tabus</i> foram desaparecendo e hoje já se pode dizer que há mais ou menos uma tendência cada vez mais participativa da mulher [...]. (Informante A. A.A, p. 15)

U u

Umbundu

Língua: umbundu

Definição

s. uma das línguas veicular de Angola, falada pelo povo ovimbundu

Abonação

Huambo (L1 – Português)	Inf.: A língua mais que eu aprendi é <i>Umbundu</i> . (Informante D.C, p.1)
Cuito (L1 – Português)	Inf.: No mesmo que minhas filhas falam. Falam sim. Meu marido não fala o <i>Umbundo</i> ... Quando o marido não falar, falo eu com as filhas. (Informante L, p. 12)

W w

Wako

Língua: não identificada

Definição

s. cidade de Angola, sede do município da Cela.

Abonação

<p>Wako (L1 – Português)</p>	<p>Inf.: Não, eu nasci na província, nasci no <i>Wako</i>. Saí do <i>Wako</i> fui pró Huambo, lá mesmo, mas sai de lá foi porque meu pai foi na tropa, sei lá se é tropa ou que é. (Informante J.M, p.1)</p>
----------------------------------	--

7 ANÁLISE DE DADOS

Como já mencionado nesta dissertação, a pesquisa foi realizada com 30 entrevistas do banco de dados do projeto *Em busca de raízes do português brasileiros*, fase III, levando em consideração os informantes que têm a língua portuguesa como L1.

As entrevistas estão classificadas em três faixas: A, que corresponde aos informantes entre 21 e 35 anos; B, informantes de 37 a 51 anos e C que corresponde aos informantes com mais de 52 anos. Dentro dessas faixas há ainda uma subdivisão em níveis, a saber, Nível 1 de instrução, que corresponde àqueles com o ensino primário; Nível 2 de instrução, ensino secundário e Nível 3 de instrução com aqueles que possuem o ensino universitário.

Na Faixa A, foram analisadas pouco mais de 37 mil lexias e encontradas 53 lexias de origem africana. Na Faixa B, analisaram-se 29.701 lexias, as quais 11 constataram-se ser de origem africana. A Faixa C somou 29.316 lexias, sendo que 31 são de origem africana. É importante salientar que nem todos os inquiridos apresentaram lexias de base africana.

Outro aspecto que vale destacar é a quantidade de lexias que são utilizadas por mais de um informante, isso indica que tais lexias estão em uso constante pela comunidade de fala, mesmo que não encontradas em todos os inquiridos.

Uma das hipóteses levantadas foi que existiriam lexias de base africana no português falando em Luanda. É inegável a presença do multilinguismo na referida região, uma vez que são diversas línguas convivendo entre si o que reforça a teoria do contato linguístico, capaz de transmitir diversas características de uma língua para outra como, por exemplo, a importação lexical.

Da mesma forma que Avelar e Galves (2013) fazem menção aos aspectos linguísticos do português brasileiro, é possível que também em Luanda o contato linguístico exerceu ou ainda exerce um papel fundamental na formação de propriedades do português falado naquela região em aspectos fonéticos, fonológicos, sintáticos, semânticos e lexicais. Entretanto grande parte das lexias utilizadas pelos informantes é proveniente do latim, o que se torna natural, uma vez que a língua oficial do país é a portuguesa, imposta pelos portugueses durante a colonização de Angola e tornada oficial posteriormente.

Diante do quantitativo de lexias analisadas nos inquiridos, foi possível perceber um número reduzido daquelas de base africana. Esse fato mostra que as lexias podem estar restritas a grupos mais específicos (PETTER, 2005).

Outro aspecto importante a ser ressaltado está ligado às acepções das lexias. Muitas vezes os significados tradicionais não são empregados como dicionarizados, mas ligados ao contexto semântico, que acabam recebendo nova acepção. Foi possível perceber que, no uso comum, algumas formas acabam se distanciando do significado tradicional, a exemplo do que se verifica na lexia *candanga* e *tabu*.

Assim, fica clara a comprovação da segunda hipótese, que algumas lexias de origens africanas utilizadas no português falado em Luanda apresentam acepções diferentes daquelas de origem, pois o contato com as diversas línguas e contextos comunicacionais podem ter modificado os significados tradicionais.

Nas lexias levantadas percebe-se que grande parte está relacionada ao estilo de vida e à cultura dos informantes, que estão presentes em meio a outras lexias de origem latina.

A fim de ilustrar tais afirmações, segue análise dos lexemas encontrados. Cabe salientar que as análises foram feitas levando em consideração as obras de Castro (2001; 2002), Coutinho (2010) e Assis Júnior (1947). Algumas lexias não foram encontradas acepções, como preconiza López (2012), no entanto foi possível observar o contexto em que foram empregadas algumas e, então, chegar a uma aproximação do seu significado.

Salienta-se que nem todas as lexias encontradas foram expostas individualmente e analisadas, visto que muitas são utilizadas por mais de um falante e outras não foram encontradas suas acepções como é o caso de *Bica Bidon*, *Capinga*, *Caquea*, *Cherite*, *Mamadinguba*, *Mussalo*, *Moxico*, *Mutumba* e *Rungo*.

AKA/ACA: de acordo com Castro (2001), tal lexia é de origem bantu e possui diversas acepções como aborrecimento ou insulto. Pode indicar ainda má-sorte, a depender do contexto em que é utilizada, ou também cachaça ruim que deixa o corpo com cheiro ruim.

Inf.: Olha eu tive uma situação foi na minha casa são... eram três, foram assaltar a minha casa isso é que eu pensei, que iria morrer e e verdade eles foram lá e prontos , não sei porque eu acho que Deus naquele dia estava comigo, se não digo os meus pais, porque eu pra aqueles indivíduos que vinham com *aka* ainda conseguiram me amarrar as mãos, puseram-me fita na boca, sentada no cadeirão na minha casa, com *aka*, mas eu vi a morte naquele dia, mas eu sei lá o que e que veio em mim não sei onde é que veio aquela força toda que eu consegui desamarrar tirar a fita na boca e gritar pra todos lado. É a situação que eu vi a minha morte nos olhos (INFORMANTE M. J, p. 4).

Diante do contexto utilizado da *lexia* pelo participante da pesquisa, é possível perceber que assume uma aceção diferente da de Castro (2001), aproximando-se a de Assis Júnior (1947), dizendo que é um adjetivo ou pronome demonstrativo, geralmente empregado para demonstrar “este” ou “esta”.

ANGOLA: a *lexia* é de origem bantu e, de acordo com castro (2001), significa um país do sudoeste da África, na costa do Atlântico, de povos da família linguística bantu, que falam o kimbundu, umbundu e kikongo. No kimbundu sua aceção *Àngoola* refere-se a um título de soberania do território que os portugueses conquistaram no século XVI.

Diante da aceção fornecida por Castro (2001), é possível perceber que grande parte dos informantes utilizam a *lexia* para designar o seu território nacional em que vive, como ilustrado a seguir.

Inf.: Mas em noventa e dois, quando veio a paz cá, cá, cá em *Angola* muita gente que vieram, mas o meu pai no, no ate agora no consi... nunca ouvimos nada dele (INFORMANTE J.M, p.5).

BAGUNÇA: o temo é apresentado por Castro (2001) como de origem bantu, originado do kikongo *bulungunza*, que significa desordem, confusão, baderna ou remexido.

Inf.: Primeiro eu pouco gosto de *bagunça*, é gosto de festa assim é silepros, uma música lenta, romântica, aprecio esta festa, também entre quando uma kizombazinha para estressar um bucadidinho, tirar um bucadinho (INFORMANTE A.J, p. 5).

A *lexia* foi encontrada em apenas uma entrevista fornecida por um homem com mais de 52 anos e nível 2 de instrução. Assim, foi pronunciada de forma a contemplar a aceção dada por Castro (2001). No entanto, é possível perceber ainda que o termo, no sentido empregado pelo participante, embora se refira a ausência de ordem, a falta de organização ou tumulto, foi levando em consideração seu sentido mais informal, uma vez que se refere a festas agitadas, com muitas pessoas, que não é a preferência do informante.

Diante disso, percebe-se que a termo “*bagunça*” assume dois sentidos distintos, que dependem do contexto empregado: formalmente, referindo-se as aceções registradas em dicionário, ou informalmente, diversão feita de modo muito barulhento com muitas pessoas reunidas.

BAIA: o termo não é apresentado por Castro (2001, 2002), no entanto, por tratar-se de um lexema de origem africana, possivelmente seja de origem bantu, uma vez que grande parte das lexias é proveniente de tal família.

A palavra foi pronunciada por apenas um participante, natural do Moxico e tem o português como língua materna. Inf.: “É... Os taxistas dão muita "baia", "baia" quer dizer que eles não respeitam com as regras de trânsito” (INFORMANTE A, p. 11).

O termo, de acordo com Assis Junior (1947), pertence à língua kimbundu, que quer dizer tábua ou barrote que separa os animais, principalmente cavalos. A depender do contexto, pode ser utilizada também para referir-se a degrau; poleiro. Designa ainda mosseque, isto é, as construções mais precárias nos arredores da cidade de Luanda.

Como é possível perceber, a palavra é utilizada com outra acepção. “Baia”, no sentido utilizado pelo informante, quer dizer que os taxistas infringem as regras, são desobedientes e vacilam no que concerne ao cumprimento das leis. Isso dá margem para refletir acerca da segunda hipótese levantada neste trabalho, uma vez que as acepções de origem africana, em contanto com outras línguas podem ter, de fato, influenciado em seus significados ou atribuído novas acepções.

As línguas africanas foram submetidas a possíveis rupturas semânticas e dialógicas. A ruptura semântica foi a mais sentida, uma vez que os sentidos das palavras se tornaram cada vez mais obsoletos, isto é, não refletiam mais a realidade africana. A de ordem dialógica refere-se ao contato inabitual das línguas africanas com novas línguas convivendo num mesmo espaço (BONVINI, 2014).

Embora o autor trate das línguas africanas transplantadas para o Brasil, é possível associar essa realidade também a Luanda, uma vez que o contato linguístico pode ter mudado os sentidos das palavras nativas, bem como promoveu o convívio das línguas nacionais com a língua portuguesa, levada pelos colonizadores.

BATUQUE: de acordo com Castro (2001), o lexema é de origem bantu, presente no kimbundu e kikongo, significa ruído, som muito forte, ação de fazer ruído com batimentos rítmicos.

Inf.: Na minha juventude, esse ritual era quando aparecia. As pequenas danças, todas as partes de todas as províncias, quando morre alguém, há sempre aquele *batuque*, antes do enterro e depois do enterro. E acontece que muitas vezes, que tocava nesses rituais, a minha juventude e de tantos outros também, no ritual (INFORMANTE L.R, p. 4).

Inf.: Antigamente, aonde que eu cresci, era *batuque*. *Batuque*, os mais velhos ficavam assim pulando a fogueira, uma fogueira e a gente, as jovens e os mais velhos batucava “dudududu” e a gente, as minas ficávamos a dançar, eles a batucar e nós a dançar (INFORMANTE T.L, p. 2).

Das entrevistas analisadas, dois participantes mencionaram o termo, um homem e uma mulher com mais de 52 anos, isto é, da faixa C, pertencentes aos níveis 2 e 1 de instrução, respectivamente. O primeiro associa a lexia aos rituais que marcaram sua juventude como as danças e os fúnebres que, certamente, faz parte do seu acervo cultural.

A segunda participante também associa a lexia à sua juventude e a cultura de seu local de origem, uma vez que recorda as manifestações populares que acompanhou. Diante disso, o termo citado pelos informantes está em consonância com a definição de Castro (2001), haja vista que ao ritmo de instrumentos são dadas não somente as danças, mas ainda compõem parte de um ritual espiritual de determinada cultura.

Assim, é importante lembrar a afirmação de Biderman (1996) de que o legado cultural de um povo é passado para as novas gerações por meio da linguagem. A língua se constitui num veículo fundamental para isso, e o léxico da língua é a forma constituída por símbolos linguísticos, que permite a transmissão dessa cultura, como é possível observar na fala dos participantes.

BENGO: a palavra, segundo Castro (2001), vem do kikongo, significando uma espécie de capim. Em kimbundu quer dizer preá, espécie comestível, diz respeito ainda a uma designação depreciativa de ruas estreitas e tortuosas ou caminhos escuros.

Inf.: Dei duas ou três voltas: uma de forma microscópica a Capanda, em serviço, trabalho de reportagem, uma no *Bengo*, duas no Dembo, e não mais que isso (INFORMANTE C.S, p.1).

A acepção anteriormente citada tem forte relação com a lexia empregada pelo participante, embora faça menção à toponímia local, uma vez que se refere a uma das províncias de Angola, cuja capital é Caxito. Ao perceber a história da província, entende-se que, possivelmente, o local foi composto por um vale. Assis Júnior (1947) mostra que a lexia vem de *Mbengu*, um substantivo que significa campina; vale; nome por que é conhecida a área abarcada entre Quifangondo e Cabíri, banhada pelo rio Zenza, próximo a Luanda, conhecida também como vale do Bengo.

BENGUELA: os participantes utilizam a lexia para referir-se a toponímia, de acordo com a aceção de Castro (2001), conforme ilustrado a seguir.

Inf.: Para... ah! Fui para *Benguela*. É... isso é, tratar a saúde. Mas até agora nunca mais viajei, mas gosto muito de viajar. Eu acho que não viajo porque o tempo, fator tempo (INFORMANTE A. H, p. 1).

O termo *Benguela* provavelmente tenha sido atribuído aos negros ovimbundus dos navios negreiros, provenientes do reino antigo de Benguela (CASTRO, 2001). Já para Assis Júnior (1947), o lexema possui várias aceções a depender do prefixo que lhe é atribuído, proveniente do kimbundu *Mbengela*, significa pequeno saco de carvão contendo quantidade certa para vender; parte que se destaca ou sobressai de outra principal, pode significar ainda uma parte externa do órgão do ouvido, a orelha; homenzinho; rapaz; pequeno; inferior; menor (em tamanho ou volume).

BUÉ: a aceção da lexia não é registrada por Castro (2001, 2002), nem por Assis Júnior (1947), isso confirma a hipótese de López (2012) que nem todas as palavras serão encontradas os significados registrados em dicionários. No entanto, os dicionários virtuais³ registram a lexia como derivada do kimbundu *mbuwe*, que significa abundância; fartura; em grande quantidade; muito. Pelo contexto utilizado é possível presumir que, de fato, a palavra poderá ter tais aceções.

Inf.: E, em primeiro lugar como e que eu posso dizer, o cobrador em si, você as vezes ao subir eu como que eu posso dizer táxi bem agitado, *bué* de calor, você não pode dizer nada, se você dizer, oh fulano eu já no vou poder mais encostar [...] (INFORMANTE J.M, p.15).

CABAÇA: foi registrada por duas participantes com nível 2 de instrução, pertencentes a faixa A e C. De acordo com Coutinho (2010), o termo está dentro do campo semântico dos utensílios em geral e significa saco; alforje ou mochila. É procedente do kimbundu, *kabasa*. Castro (2001, 2002) atesta o mesmo para a lexia, adicionando ainda a variante *mabaça*, em kikongo. Assis Júnior (1947) não atesta a lexia em sua obra.

³ Utilizou-se aqui o dicionário virtual Infopédia, Dicionários Porto Editora, disponível em: <https://www.infopedia.pt/>. pois traz a possível origem da palavra e suas aceções, sendo possível estabelecer uma comparação semântica entre os resultados apresentados pelo dicionário e o contexto em que a lexia foi empregada pelo falante.

Embora o termo possua um significado, classificado enquanto um utensílio de uso cotidiano, é possível perceber que a palavra foi empregada pelo informante com outro significado, conforme mostrado a seguir.

Inf.: Esse acidente foi aqui na casa *cabaça*. Um moço, ele tava [...] o carro lá e vieste e não deu conta e foi pancada e morreu e não conseguiu comer (INFORMANTE A.F.C, p. 5).

É interessante perceber que, de acordo com o dicionário virtual *Infopédia*, *cabaça* pode ter outra acepção em kimbundo como a criança gêmea que nasce em segundo lugar. Levando em consideração o contexto utilizado da lexia, é possível que se refira ao adjetivo último, marcando a localização, pois o informante lembra um episódio de acidente de carro que envolveu uma casa.

CAÇULA/ CAÇULE (Ê): a lexia foi utilizada por mais de um participante, isso mostra que está em uso constante pela comunidade de fala. Para ilustrar, segue relato de três participantes naturais de Luanda, Wako e Malanje, embora apresentem naturalidades distintas, todos apresentam o português como L1.

Inf.: Acredito que isso é relativo, por quê? Porque assim, já o meu pai disse que o tempo de escolaridade é melhor do que o meu, e eu também digo a minha mana *caçula* a que meu tempo de escolaridade é melhor que o dela, no futuro próximo se eu tiver um filho ou uma filha a minha mana *caçula* pode dizer também o meu filho que a infância dela de escolaridade é melhor que o dele [...] (INFORMANTE B. B, p. 4).

Inf.: Sim, sim sou a *caçula*, única menina (INFORMANTE J.M, p.7).

Inf.: Depois, mais tarde a minha irmã *caçule* aparece. Assim que ela apareceu os miúdos disseram: “Tia, a tua mana está a se rebolar no chão mais dinheiro. Minha irmã pegou os dois mil e me deu. Eu, aquele” (INFORMANTE A.V, p. 7).

São apresentadas duas variações do termo, *caçula* e *caçule* (ê). Contudo, ambas apresentam a mesma acepção: o mais novo dos filhos ou dos irmãos; o último a se manifestar; o filho mais mimado (CASTRO, 2001).

O termo, de acordo com Alkmim e Petter (2014), já foi apresentado por Beaurepaire (1956 [1889]) e Macedo Soares (1954-1955 [1875-1888]) e apresentam até os dias atuais o mesmo significado e etimologia, kikongo (*kasuka*), kimbundu (*kasule*) e umbundu (*okwasula*).

Diante disso, é possível perceber que a palavra está presente no acervo linguístico dos sujeitos é a única usada frequentemente para designar o filho mais novo, como ilustrado nas vozes dos informantes.

CALULU: o termo é apresentado por Castro (2001) com o mesmo sentido de *caruru*. No entanto, é possível identificar no dicionário virtual *Infopédia* como uma palavra de origem umbundu, *kalulu*, que quer dizer ramo de batata doce ou um prato típico angolano feito por um guisado de peixe fresco ou seco, temperado com diversos elementos, geralmente servido junto com o funge.

Inf.: O prato que eu gosto de preparar é *calulu*, caldeirada e feijão de palma e carne seca e carne fresca, sim (INFORMANTE T.L, p. 3).

Inf.: É verdade porque meu pai diz que há muitos anos atrás caiu lá um... um... autocarro de pesquisadores que queriam fazer pesquisas em rio. E esse autocarro parou a beira do rio que era para os turistas não é, verificarem os pesquisadores, analisarem aquele rio e, segundo a tradição, não sei se é verdade, aquele carro caiu por cima dos pesquisadores e todos foram pra dentro do rio. E a polícia, não é, os bombeiros, depois pediram autorização a este soba porque já sabiam que não podiam usar o rio sem pedir autorização. E eles pediram, o soba deu a autorização, mas não foi encontrado nenhum resto de... não foi encontrado nada no rio. É um rio normal, mas o que entra não sai. Por isto ele é chamado Põe. Se vai pra lá, se protege não é? Não sei se vai para onde, não sei... Mas é uma das coisas sinistras que acontecem aqui em nosso país, mas outros aspectos, por exemplo, as comidas daqui do nosso país eu não venero todas, não é, mas aprecio algumas como *Calulu*... (Informante J.P.T, p. 20)

A *lexia* foi pronunciada por apenas duas participantes das faixas A e C, níveis 3 e 1 de instrução. Embora encontrada em duas entrevistas, não quer dizer que seu uso não seja contínuo, uma vez que pode ser pronunciada por outros grupos de falantes. De acordo com o contexto, observa-se que, de fato, trata-se da culinária angolana, possivelmente a mesma aceção dada por Castro (2001) de *caruru*.

CALULO: o termo é de origem bantu e refere-se a um topônimo, isto é, nome dado à cidade localizada na província de Kwanza-Sul, sendo a sede do município de Libolo.

CANDONGA: para tal *lexia* existem aceções diferentes. De acordo com Castro (2001) e Coutinho (2010), a palavra é de origem bantu, mais precisamente do kikongo e kimbundu,

quer dizer fuxico, falsidade, manha, lisonja enganosa ou carinho fingido. Poderá também assumir outro sentido, de acordo com o texto em que é empregada.

A *lexia* foi pronunciada apenas por um participante, “Entendi, e agora vamos falar das *candongas*” (INFORMANTE J.M, p.14).

O termo é utilizado para falar sobre o sistema de transporte da cidade, isto é, o táxi. No entanto, ainda não é condizente com a outra acepção atestada por Castro (2001) e Coutinho (2010): bem-querer; amor; pessoa querida; tratamento oferecido à mulher jovem.

Como falado anteriormente, *candongas*, no contexto empregado, refere-se ao transporte utilizado pelos informantes em Luanda, assumindo, assim, outra acepção. Mais uma vez é possível confirmar a hipótese de que o contato linguístico poderá ter modificado a semântica de tal *lexia*, ou ainda somando significados a depender a situações em que é empregada.

CANDONGUEIRO: segundo Castro (2001), a palavra *candongueiro* assume o sentido de ser mexeriqueiro; intrigante; enganador; impostor; contrabandista.

Inf.: Pronto, aqueles 50 que eu fiquei com ele, paguei o *candongueiro*, vim pra casa (INFORMANTE A.V, p. 6).

Inf.: Não, vinha da escola eu no gosto muito de andar de *candongueiro*, sempre que possível prefiro andar a pé especialmente quando tem muito engarrafamento, engarrafamento porque me agita nas ruas fico com dores de cabeça (INFORMANTE E. F, p. 6).

Ao observar a *lexia*, encontrada em parte das entrevistas, é possível perceber que está completamente relacionada à “*candongas*”. *Candongueiro*, nesse sentido, é compreendido como aquele que conduz o táxi, meio de transporte denominado *candonga* em Luanda. É possível que haja uma forte relação com a acepção original, uma vez que os taxistas carregam uma construção cultural de falar muito e prolongar o caminho de destino do passageiro, para que a viagem seja mais lucrativa.

CAPANDA: topônimo que se refere a uma vila e companhia hidroelétrica do município de Cacusó, na província de Malanje, em Angola.

CARURU: a *lexia* foi utilizada por apenas um participante pertencente a faixa C, nível 1 de instrução, natural de Luanda e tem a língua portuguesa como L1. Seu uso refere-se a um prato

típico angolano preparado com peixe fresco, de acordo com a aceção de Castro (2001) e Coutinho (2010).

Inf.: Olha, um bom *caruru*, é peixe fresco. Por exemplo, o peixe bom é fresco... é, bem seco, leva quiabo, leva... como é que eu posso dizer... [quimbala], como [Salma] (INFORMANTE A.C, p. 8).

Segundo Castro (2001), a palavra é de origem bantu, do kikongo *kalulu* e kimbundo *kalalu*. É uma iguaria feita à base quiabo cortado e temperado com azeite de dendê, camarões, cebola, pimenta; pode ser feito também à base de folhas de bredo e peixe. Coutinho (2010) acrescenta ainda que é um prato típico à base de quiabo cortado bem pequeno, junto com cebola, caldo de peixe, castanha e carne de frango.

CORIMBA: o termo é utilizado como topônimo que denomina um bairro angolano localizado na província de Luanda.

Inf.: Duas vezes. Uma em baixo. Na altura vivia aqui no Kinaxixi por baixo do prédio é.. e a outra ali junto, na *Corimba*, de noite, foi (INFORMANTE C.S, p.10)

DEMBO: Castro (2001, 2002) não registra tal lexia, no entanto, Assis Júnior (1947) apresenta dois significados distintos.

1. *Ndêmbu*, Medicamento externo que tem por base uma substância gorda; drogas aromáticas e essências com que se untam ou embalsamam os corpos; remédio caseiro; remédio manipulado com óleo na ocasião de ser aplicado; remédio com que se fricciona (ASSIS JÚNIOR, 1947, p. 30).
2. *Ndêmbu*, Potentado; autoridade superior a do soba, ou que tem sobas sob a sua jurisdição (ASSIS JÚNIOR, 1947, p. 30).

Embora o termo seja utilizado para referir-se a um topônimo, pelo contexto é possível verificar que a segunda aceção de Assis Júnior (1947) está ligada a história do local. O termo *dembo* geralmente é utilizado para referenciar o território angolano, e a um título político africano que é dado para o chefe ou líder da região e, em Angola, havia a dos *dembos*. Possivelmente este seja o motivo pelo qual o município recebeu o nome.

Inf.: Dei duas ou três voltas: uma de forma microscópica a Capanda, em serviço, trabalho de reportagem, uma no Bengo, duas no *Dembo*, e não mais que isso (INFORMANTE C.S, p.1).

FUBÁ: o termo é proveniente do kikongo e kimbundu, *mfuba*. Significa farinha de milho ou arroz (CASTRO, 2001). Na concepção de Coutinho (2010), além da farinha de milho e arroz, serve ainda para preparar angu.

Inf.: A papa tipo de *fubá* de milho. Ponho água, meto a *fubá*, vira-se, põe no fogo. Vai virando, põe os ingredientes: açúcar e o leite e já tá a papa. Não se fala mais nisso (INFORMANTE C.S, p.10).

Inf.: [...] Pega *fubá*, faz o eléla como se diz, né? O Eléla, bate a *fubá* numa tigela com grão não sei quê, depois despeja naquela água fervente, espera o funje saltar ou criar aquela espuma pra depois bater o funje mas não fizemos assim (INFORMANTE I. L, p. 10).

A *lexia* foi empregada por dois participantes naturais de Luanda e Huambo. É possível observar que ambos a utilizam para referir-se ao preparo de um prato típico da culinária local, o funje. Assim, a aceção está sendo posta de forma original, mesmo existindo o contato linguístico.

Assis Júnior (1947) classifica o termo como pó derivado da moagem de um cereal, raiz farinácea ou legume seco. Pode ser ainda a fécula da mandioca com que se manipula funje; farinha feita de *makoka* ou batata doce seca ao sol.

Alkmim e Petter (2014), mostram que o termo já foi analisado por Beaurepaire (1956 [1889]) e Macedo Soares (1954-1955 [1875-1888]) e apresentam até os dias atuais o mesmo significado e etimologia.

FUBADA: a *lexia* foi pronunciada por apenas uma informante. Castro (2001; 2002) não traz a aceção da *lexia*, no entanto, pelo contexto utilizado, presume-se que seja um prato feito com a *fubá*. “Inf.:Uma boa *Fubada*, um caruru também faço” (INFORMANTE A.C, p. 7).

FUMO: a aceção não é dada pelos atores consultados, no entanto, no dicionário virtual Infopédia a *lexia* é apresentada com dois significados: a) conselheiro do soba; senhor; chefe de grupo de povoações; chefe de linhagem; b) do kikongo, marca de nascença na pele.

Inf.: Então não tendo motivos pra chorar, na fogueira tem um... Conforme a direção do vento, o *fumo* segue uma direção, então o coelho decide sentar-se na direção em que o *fumo* ia. O *fumo* entrando nos olhos, ardia os olhos e ele lacrimejava (INFORMANTE A, p. 15).

A palavra foi utilizada somente por uma participante com mais de 52 anos e com ensino superior. Levando em consideração o contexto em que foi empregado o termo, conclui-se que não faz menção as acepções encontradas, uma vez que se trata, possivelmente, de tabaco para fumar.

FUNGE/FUNJE: a palavra é utilizada por parte dos participantes, trata-se de um termo relacionado à culinária, um prato típico de Angola confeccionado com farinha de milho ou de mandioca e caldo.

Embora exista tal concepção, apenas Assis Júnior (1947) atesta a lexia em sua obra: massa feita de fubá de mandioca, de arroz, de batata, ou de milho, diluída em água fervente. O contexto empregado permite que chegue a uma possível conclusão de sua acepção.

Inf.: É... eu gosto mais [de] comida assim que não dão muito trabalho. Como massa, arroz, um arroz assim de legumes. Ah... *funge* também gosto mas como dá muito trabalho, dificilmente cozinho *funge* (INFORMANTE A. H, p. 3).

Inf.: Ah, eu gosto muito *funge* de carne seca, moamba de couve ou de repolho (INFORMANTE F.M, p. 10).

Inf.: *Funge*. Comida que eu cozinho e gosto mais de cozinhar é só a massa (INFORMANTE D.C, p. 9).

GALETE: os autores consultados não atestam a lexia em suas obras, no entanto, a partir do contexto em que é empregada, constrói-se um provável significado: biscoitos típicos de Angola feito com manteiga, farinha, açúcar e ovos.

Inf.: Sim, o *galete* faz-se da seguinte forma no é? Eu faço o *galete* da seguinte forma: faço, primeiro dispendo a massa, ou ponho a massa de trigo na banheira, propriamente peneirada e uma quantidade de manteiga isso é “QB” vou desfazendo, desfazendo, desfazendo, desfazendo e ela vai atingindo um creche, e antes de atingir um creme, eu ponho o açúcar, vou mexendo, vou misturando, misturando, misturando até atingir uma boa pasta é dessa forma que faço meu *galete* (INFORMANTE B. B, p. 10).

GIMBO/ JIMBO/ ZIMBO: a lexia foi encontrada em apenas um inquérito. Castro (2001) afirma que a palavra é proveniente do kikongo e kimbundu, quer dizer dinheiro ou búzios da costa.

Na acepção de Assis Júnior (1947), *Njímbo*, é um substantivo e diz respeito a um pequeno búzio pescado na ilha de Luanda e que corria como moeda no antigo reino do Congo.

Além dessas duas acepções, é possível ainda compreender a *lexia* como da área de zoologia, refere-se a uma espécie animal que vive em túneis que faz debaixo da terra e se alimenta de ervas (ASSIS JÚNIOR, 1947).

O sentido da palavra empregado pelo participante está relacionado à última concepção de Assis Junior (1947), pois é observado que se trata de iscas para pesca e associado a minhocas ou micróbios, geralmente utilizados para atrair o peixe. A fala a seguir ilustra tal concepção.

Inf.: Nós a nossa pesca era assim: quer dizer tem uns bichinhos que eles fala que é minhoca. Aqueles bichinho como um micróbio então aquilo cavamos nos *gimbo* tiramos no *gimbos* metemos nos já o anzol quer dizer (INFORMANTE D.C, p.4).

GINGUBA/ JINGUBA: foram encontradas duas variantes da *lexia*, faladas por dois informantes naturais de Luanda e de Malanje. A variante *jinguba* foi mencionada por uma informante da Faixa A, enquanto que *ginguba* por uma da faixa B, ambas com o nível 3 de instrução. A utilização da *lexia* por sujeitos de naturalidades diferentes mostra que a palavra está em uso constante em diferentes localidades.

Inf.: A pode ficar muito cozida, nem , nem o repolho , coas a agua depende mas ne a couve misturada com repolho não separadas , se quiseres fazer a couve faz , se quiseres fazer o repolho faz. Se quiseres de *ginguba* fresca, a moamba fresca fazes se quiseres de moamba torrado também fazes , e metes a moamba , fazes um refogado.... Depende, ha varias formas de se, se fazer um refogado assim põe tomate a parte depôs introduzir na panela ou despejar na panela do repolho, a gingu....a moamba , viras (INFORMANTE F.M, p. 10).

Inf.: O repolho com muamba de *jinguba* é assim: eu tiro o repolho, protejo muito bem, corto o repolho, então ponho a água no fogo (INFORMANTE A.V, p. 7).

No que se referem à sua acepção, as variantes apresentam o mesmo significado e não foge do contexto empregado pelos falantes. De acordo com Castro (2001), e Assis Júnior (1947) sua etimologia vem do kimbundu, *z/jinguba*, referindo-se a uma planta leguminosa produtora do amendoim ou o próprio amendoim.

HUAMBO: os informantes utilizam a *lexia* para referir-se ao topônimo para a cidade e município de Angola, Huambo.

IÁ/NHA: a lexia *ia* foi encontrada em apenas uma entrevista fornecida por um homem da faixa A, com ensino primário, enquanto que a variante *nha*, foi empregada por um homem com mais de 52 anos e possui o ensino superior. Ambas foram utilizadas enquanto pronomes de tratamento, com ilustrado a seguir: “Inf.: No Huambo, no Huambo, *iá*” (INFORMANTE D.C, p.1). Castro (2001) afirma que a palavra tem sua genealogia na família bantu e kwa, significando, em ambas, mãe; senhora; tratamento de respeito.

Inf.: [...] tivemos a Rainha *Nha* Catolo , que morreu a bem pouco e tempo e outra rainhas existiram que eu disse que ainda não estão devidamente pesquisados , isto e no campo de resistência ou colonialismo (INFORMANTE C.C, p. 5).

JIMBOA: das obras consultadas apenas Assis Júnior (1947) registra a lexia pertencente ao campo da botânica, proveniente do kimbundu denominando uma família de plantas dicotiledóneas do tipo do amaranto.

Inf.: A kizaka é um refogado assim de ervas e é como se fosse o refogado e couve ou *jimboa*, só que ela é feita, é preparada de várias maneiras. Pode ser com bagre, que também é um dos peixes aqui do nosso país, ou então com óleo de palma, não é, misturada com óleo de palma. Feijão de óleo de palma também faz parte (INFORMANTE J. P. T, p. 20).

A lexia foi encontrada apenas em uma entrevista pertencente a faixa A, nível 3. O fato mostra que mesmo possuindo o Ensino Superior e tendo a língua portuguesa enquanto L1, lexias de base africana são evidenciadas pela comunidade de fala, demonstrando ainda as suas marcas culturais e que está sendo utilizada no cotidiano de determinado grupo de falante. O termo é utilizado levando em consideração a aceção mostrada anteriormente, pois se trata de um ingrediente da culinária angolana.

KINDA/ QUIANDA: a lexia foi localizada em uma entrevista da faixa A, nível 3 de instrução, utilizada por um falante do sexo masculino para estabelecer uma comparação entre os meios de comunicação de Luanda. Refere-se à estação de rádio presente na cidade, cuja potencial é comparado à *kianda* que significa sereia (CASTRO, 2001; COUTINHO, 2010).

Inf.: Então, até agora ninguém conseguiu me definir com precisão e rigor qual se... em que contexto se enquadrariam a Rádio de Luanda. Mas eu acredito que ela continua, tendo o mesmo perfume e a mesma força da *Kianda* (INFORMANTE C.S, p.4).

A *lexia* também foi atestada por Assis Junior (1947), significando monstro fabuloso; sereia; deus das águas; ser sobrenatural que preside o império dos mares e dos rios, montanhas e bosques; ser lendário.

KIBALA: a *lexia* é utilizada pelo informante para designar a cidade e município de Angola, na província de Kwanza-Sul.

KIMBUNDU/ QUIMBUNDO: de acordo com Castro (2001, 2002), Coutinho (2010) e Assis Júnior (1947) o termo é utilizado para designar uma das línguas da família bantu, presente em Angola. A palavra aparece na maioria dos inquéritos das faixas A, B e C e dos níveis de instrução 1, 2 e 3.

O termo é utilizado pelos informantes de forma fiel à sua aceção, conforme a seguinte abonação “Inf.: Entendo o *Kimbundo* das terras da minha mãe” (INFORMANTE A.E, p.2).

KINAXIXI: de acordo com Assis Júnior, a *lexia* é utilizada para marcar o substantivo tremedal; pântano; charco. Pode ser utilizada também para designar uma poça formada de água das chuvas; mercado que era típico de Luanda.

Castro (2001, 2002) não atesta a *lexia* em suas obras. Pelo contexto empregado é possível perceber que se trata de um topônimo, possuindo uma ligação com a aceção de Assis Júnior (1947), visto que se trata de uma localidade provavelmente caracterizada geofisicamente por brejo, pântano ou local que acumula muita água da chuva. “Inf.: Na altura vivia aqui no *Kinaxixi* por baixo do prédio é...” (INFORMANTE C.S, p. 10).

KIZAKA/ QUIZACA: a *lexia* foi utilizada por uma informante pertencente a faixa A e nível 3 de instrução. Trata-se da culinária feita de folhas de mandioqueira; prato típico do Norte de Angola. Pode assumir o sentido ainda de esparregado de folhas da mandioqueira (ASSIS JÚNIOR, 1947). Assim, conclui-se que a palavra está sendo utilizada pelos falantes, levando em consideração a sua aceção original.

Inf.: A *kizaka* é um refogado assim de ervas e é como se fosse o refogado e couve ou jimboa, só que ela é feita, é preparada de várias maneiras. Pode ser com bagre, que também é um dos peixes aqui do nosso país, ou então com óleo de palma, não é, misturada com óleo de palma. Feijão de óleo de palma também faz parte (INFORMANTE J. P. T, p. 20).

KIZUMBAZINHA/ QUIZUMBA: apresenta duas variantes, no entanto foi encontrada em apenas um inquérito da faixa C, nível 2 de instrução. Cabe salientar que a faixa é caracterizada por informantes com mais de 52 anos. Isso sugere uma predileção por conservar as formas mais tradicionais de utilização das lexias, no entanto, por influências da presença de outras línguas, é possível que aconteça a aquisição e utilização de novas formas lexicais, como mostrado a seguir.

Inf.: Primeiro eu pouco gosto de bagunça, é gosto de festa assim é silepros, uma música lenta, romântica, aprecio esta festa, também entre quando uma *kizumbazinha* para estressar um bucadidinho, tirar um bucadinho (INFORMANTE A.J, p. 4).

A palavra encontrada, embora seja de origem africana, é pronunciada com o sufixo – zinha, de origem latina, isso mostra a influência do português também na composição ou na recomposição de palavras de línguas africanas em Angola.

No concerna à sua acepção, Castro (2001) atesta a palavra como briga, confusão, rolo. Nesse sentido, também empregada pelo informante. De acordo com Alkmim e Petter (2014), Macedo Soares (1954-1955 [1875-1888]) atestou que o vocábulo, “além de formar a variável quizomba, com o sentido de rapaziada” (ALKMIM; PETTER, 2014, p. 174), no seu sentido atual corresponde à confusão ou bagunça.

KUNGO/ CUNGO: a lexia é utilizada pelos falantes para registrar o nome de uma cidade de Angola, sede do município da Cela, na província do Kwanza-Sul.

INF: Não, eu nasci na província, nasci no Wako. Saí do Wako fui pró Huambo, lá mesmo, mas sai de lá foi porque meu pai foi na tropa, sei lá se é tropa ou que é. Lá fez a vida dele, lá no Huambo. Então a minha mãe saiu no Wako-Kungo que é Kuanza-Sul foi lá no Huambo. Ficamos lá no Huambo, eu, na altura, tinha, tinha ai, por ai dois anos, dois anos quando eu foi pró Huambo, dois anos. E pronto. Quando a minha mãe faleceu eu saí de lá com seis anos, seis ou sete (INFORMANTE J.M, p. 20)

KWANZA: o termo geralmente é utilizado para se referir a uma província de Angola.

INF: Não, eu nasci na província, nasci no Wako. Saí do Wako fui pró Huambo, lá mesmo, mas sai de lá foi porque meu pai foi na tropa, sei lá se é tropa ou que é. Lá fez a vida dele, lá no Huambo. Então a minha mãe saiu no Wako-Kungo que é Kuanza-Sul foi lá no Huambo. Ficamos lá no Huambo, eu, na altura, tinha, tinha ai, por ai dois anos, dois anos quando eu foi pró

Huambo, dois anos. E pronto. Quando a minha mãe faleceu eu saí de lá com seis anos, seis ou sete (INFORMANTE J.M, p. 20)

KWANZA(S): geralmente é utilizada para se referir a uma província de Angola e, embora os autores consultados não atestem a lexia em suas obras, o dicionário virtual *Infopédia* mostra a palavra como a unidade monetária de Angola e, dessa forma, é utilizado pelos falantes como comprovado a seguir.

Inf.: Eu normalmente... Daqui para a universidade eu gasto 600 *kwanzas*. E tenho que sair muito cedo, às 5h30 minutos já estou em pé (INFORMANTE A. H, p. 9).

Inf.: A única coisa que tinha me deixado era 50 *kwanzas* e dois pães que eu tinha comprado pro mata-bicho em casa. Pronto (INFORMANTE A.V, p. 6).

LO: a lexia foi encontrada somente em um inquérito, pronunciada por uma mulher pertencente a fixa A, nível 1 de instrução. O termo *lo*, de acordo com Castro (2002) é de origem fon e quer largar ou deixar.

Embora seja atestada a lexia por Castro (2002), a sua utilização pelo informante não condiz com o significado explanado pela autora. Possivelmente exista outra acepção para a palavra no contexto ou tenha sofrido influência das línguas presentes na região. “Inf.: Aqui em Luanda o bairro que *lo* o lugalê que eu conheço é Maianga” (INFORMANTE A.E, p.1).

LUANDA: a lexia é utilizada por todos os informantes, seja para designar a sua naturalidade ou cidade em que reside. Castro (2001) mostra que o termo é proveniente de Aruanda, África mítica, termo que aparece frequentemente em cânticos rituais de folclore; topônimo da capital de Angola.

LUGALÊ: a lexia não é atestada pelos autores consultados, no entanto, pelo contexto em que é utilizada, pode-se concluir que faz referência a um espaço físico; lugar; espaço. Foi encontrada apenas em um inquérito, pronunciada por uma mulher pertencente a fixa A, nível 1 de instrução.

MACACA: de acordo com Coutinho (2010), a lexia além de indicar o feminino do animal macaco, do kikongo, pode ser traduzida como estar com mau-humor, má sorte ou azar.

Inf.: Ah, naquela altura havia... o. A *macaca*, havia o leitim, havia o trinta e cinco, e muitas outras (INFORMANTE E. M, p. 2).

Inf.: Eu não sei bem porque, mas antigamente o único dia que nós brincávamos, -os pais dava aquelas leis – só aos domingos íamos à igreja fazíamos o serviço todo de casa, à tardinha brincávamos a *macaca*, ringue, essas brincadeiras escondidas e mais outras brincadeiras (INFORMANTE M. J, p. 2).

A *lexia* foi encontrada em duas entrevistas sendo uma informante da faixa B, nível 1 de instrução e outra da faixa A, nível 2 de instrução. É importante perceber que o termo foi empregado no sentido de diversão, de uma brincadeira típica da região por sujeitos de faixa etária e grau escolaridade diferentes, isso mostra que a *lexia* é comumente utilizada com o mesmo sentido pelos informantes que possivelmente compartilhem da mesma cultura.

MACACO: Castro (2001) atesta a *lexia* com o significado de símio; esperto; finório; feio. Vem do kikongo *makaaku*, uma espécie de macaco vermelho e cinza, de rabo grande; chimpanzé.

A *lexia* utilizada pelo informante faz menção a uma espécie de animal típico do continente africano, empregado para compor as histórias e fábulas contadas em sua infância.

Inf.: Lembro-me, lembro-me de uma. É pra contar? A história de... Era mais fábulas, histórias de animais que falam... o coelho era sempre tido como animal espertalhão. Então o coelho mais alguns animais, o *macaco* e outros mais, decidiram fazer uma... (INFORMANTE A, p. 14)

MAIANGA: a *lexia* é empregada pelo informante como topônimo de um distrito urbano de Luanda. No entanto, Castro (2001) atesta além de *maianga*, mais três variantes: *manianga*, *manionga* e *maionga*, todas provenientes do kikongo e kimbundu, banho ritual dos noviços tomado pela manhã, em fonte ou riacho próximo ao terreiro.

MALANJE: o informante utiliza a *lexia* como topônimo para designar uma cidade e município de Angola.

MAQUIXE: a *lexia* não é atestada pelos autores consultados, tendo sido encontrada apenas em uma entrevista da faixa A, nível 2 de instrução, por uma mulher. Embora não encontrem registros formais acerca da *lexia*, o contexto em que foi empregada faz compreender que se

trata de homens de baixa estatura e cabeças grandes, possivelmente fruto de histórias, mitos ou lendas de determinada cultura, conforme ilustrado em um trecho do inquérito.

Inf.: Sim, *Maquíxe* são homens, segundo a história né? São homens de pequenas alturas que viviam em cabeças e tinham cabeças grandes e outros ainda dizem que tem duas cabeças e no decorrer da guerra, quando uma das cabeças era cortada crescia a outra né? Isso segundo a HISTÓRIA (INFORMANTE B. B, p. 3).

MUAMBA/MAOMBA: a lexia foi encontrada em duas variantes e entrevistas. Ambas foram empregadas por mulheres, uma da faixa B, nível 3 de instrução e outra da faixa C, nível 1 de instrução. É interessante perceber que são escolaridades e faixas estarias complementemente distintas, mas ambas utilizam a lexia com o mesmo sentido.

Diante disso, observa-se que a palavra está em uso constante na comunidade de fala e, possivelmente, não sofreu grandes influências semânticas.

Inf.: A pode ficar muito cozida, nem, nem o repolho, coas a agua depende, mas né a couve misturada com repolho não separadas, se quiseres fazer a couve faz, se quiseres fazer o repolho faz. Se quiseres de ginguba fresca, a moamba fresca fazes se quiseres de *moamba* torrado também fazes , e metes a *moamba* , fazes um refogado.... Depende, ha varias formas de se, se fazer um refogado assim põe tomate a parte depôs introduzir na panela ou despejar na panela do repolho, a gingu.... A *moamba*, viras (INFORMANTE F.M, p. 10).

Inf.: Eu faço galinha de muamba, faço repolho com *muamba* de jinguba, faço sopa... Eu faço muita coisa... (INFORMANTE A.V, p. 7).

Castro (2001) afirma que a lexia é oriunda do kikongo, *mwamba*, que significa feitiço, bruxedo; fraude; contrabando; roubo. No entanto, percebe-se que o termo é utilizado como uma iguaria típica de Luanda, isto é, um prato característico da culinária daquela região. Diante disso, está condizente com a acepção de Assis Júnior (1947), guisado de molho de dendê.

PANCO: a lexia foi encontrada em uma entrevista da faixa A e nível 1 de escolaridade pronunciada por uma mulher natural do Wako. Os autores consultados não atestam a lexia em suas obras, no entanto o dicionário virtual Infopédia classifica o termo como magoar.

De acordo com o contexto em que a lexia foi utilizada, é possível que assuma tal sentido, uma vez que a voz da informante diz “*panco a pessoa*” assumindo um sentido de

esbarrar, machucar, bater e logo em seguida há um pedido de desculpas, conforme transcrição a seguir.

Inf.: Uma pessoa desconhecida suponhamos que encontramos panquei ne eu as vez eu a andar *panco* a pessoa, o senhor vai me desculpar (INFORMANTE J.M, p.20).

PEJO: segundo Assis Júnior (1947), a lexia é utilizada com o sentido de pudor; vergonha.

Inf.: E hoje eu não tenho nenhum *pejo* em assumir isso aos quatro ventos, a rádio que ensinou-me a gostar de rádio foi a Rádio Luanda (informante C.S. p.4).

A lexia foi empregada por um homem natural de Luanda, disposto da faixa A com nível 3 de instrução. Observando o contexto, é possível perceber que está sendo evidenciada com a mesma aceção dada por Assis Júnior (1947).

QUIABO: o termo foi localizado em duas entrevistas, ambos da faixa C, nível 1 de escolaridade pronunciados por um homem e um mulher, naturais de Malanje e Luanda, respectivamente.

Inf.: Olha, um bom caruru, é peixe fresco. Por exemplo, o peixe bom é fresco... é, bem seco, leva *quiabo*, leva... como é que eu posso dizer... [quimbala], como [Salma] (INFORMANTE A.C, p. 8).

Inf.: [...] Chego aquela hora, compro o jantar, tô ir em casa, mas depois que morreu.... Agora vendo tomate, vendo cebola, vendo couve, vendo alface, *quiabo*, cenoura, pimento, qualquer tipo de negócio que me aparece, eu faço (INFORMANTE A.V, p. 6).

Os participantes empregam a lexia com o intuito de caracterizar um legume, embora os contextos sejam opostos, o sentido não apresenta modificação. Castro (2001) mostra que a lexia é de origem bantu, mais precisamente das línguas kikongo e kimbundu, significando o fruto do quiabeiro, um ingrediente típico da culinária afro.

Na aceção de Assis Júnior (1947) a palavra é proveniente de *kingombo*, planta malvacea de folhas e fruto e comestíveis. Assim, ambas as utilizações estão em consonância com Castro (2001) e Assis Júnior (1947).

QUIMBALA/KIMBALA: o termo foi empregado por um homem pertencente à faixa C, nível 1 de escolaridade.

Inf.: Olha, um bom caruru, é peixe fresco. Por exemplo, o peixe bom é fresco... é, bem seco, leva quiabo, leva... como é que eu posso dizer... [*quimbala*], como [Salma] (INFORMANTE A.C, p. 8).

Dos autores consultados, a *lexia* é atestada apenas por Assis Júnior (1947), de origem kimbundu, *Kimballa*, que quer dizer canoa larga de pouca altura. Ao observar o termo e sua utilização na entrevista, percebe-se que possivelmente faça menção a sua aceção original, haja vista que as canoas sempre são usadas por pescadores para realizar seu ofício.

QUIMBAXI/KIBAXI: de acordo com Assis Júnior (1947) o termo é utilizado para designar o topônimo do povoado de Luanda; cidade angolana da província do Bengo. Foi encontrada em apenas um inquérito.

QUIMBO: a *lexia* foi localizada em duas entrevistas. Na faixa A foi pronunciada por um homem com nível 1 de escolaridade, natural de Huambo. Registrou-se também na faixa C uma mulher natural do Rungo, pertencente ao nível 1 de escolaridade.

Inf.: [...] a gente é fiar mesmo uns fiinhos piquinininhos compramos memo essa linha, então aqueles a linhas ai então que tem uns pau lá no *Quimbo* que se fala umbundu (INFORMANTE D.C, p.1).

Inf.: Sim, senhora. Mesmo que seja aqui em Luanda ou que seja nos matos os jovens já estão, nos matos também lá nos *Quinbu*, tem jovem, os jovem já tá memo desenvolvido. Já não está como estava antigamente, tapado (INFORMANTE T.L, P. 7).

A *lexia* não foi atestada nas obras consultadas, no entanto, de acordo com o dicionário virtual *Infopédia*, o termo significa povoado; senzala; casa ou conjunto de casas constituindo com um só cômodo. Levando em consideração o contexto em que a *lexia* foi utilizada, possivelmente refira-se a um topônimo de uma determinada região de Luanda.

SALELÊ: a *lexia* não é atesada pelos autores consultados. Foi localizada em apenas uma entrevista, pronunciada por uma mulher da faixa A, nível 2 de escolaridade, no entanto, de acordo com o contexto, é possível perceber que trata-se de uma brincadeira típica de Angola, a qual foi passada de geração em geração.

Inf.: Epa! Quais são as brincadeiras? E aquela dos *salalê-strê-trê*, do papa e mama também sempre existiram... tinham várias (INFORMANTE C.S. p.6).

SAMBA: em sua acepção original Castro (2001) mostra que tem sua origem no kikongo e kimbundu, mas pode exercer significados diferentes, a depender do contexto que é empregada.

Pode designar um título de mãe, de sacerdotisa; pode referir-se a uma cerimônia pública de macumba; rezar; orar. Ainda pode compreender uma dança ou ritmo musical; festividade barulhenta acompanhada de dança; cerimônia religiosa; confusão; barulho.

Das lexias de bases africanas analisadas, samba apresentou-se como a mais utilizada. Na faixa foram encontrados 2 participantes do sexo masculino e feminino, pertencentes ao nível 1 e 2 de instrução. A faixa B também mostrou dois participantes de ambos os sexos, dispostos nos níveis 2 e 3 de instrução. A faixa C marcou duas mulheres pertencentes aos níveis 1 e 3 de instrução.

Inf.: [...] só aqui dentro de Luanda posso dizer conheço, conheço Capinga, conheço é *Samba* né?! *Samba* e o bairro Malgozo esse bairro Malgozo fica em frente a clínica, a clínica do Prego, essas são os bairro que eu conheço, a *Samba* (INFORMANTE A.E, p.1).

Inf.: Vamos mesmo mostrar a sua casa, sobe já no carro. Pronto, daí, subi no carro, viemos até aqui no *Samba* (INFORMANTE A.V, p. 7).

Inf.: É um investimento que estou adaptando já um bom tempo, estou nos serviços administrados, sou funcionário o AGER- Associação dos Agileiros aqui do município de *Samba* o qual sou secretário de edição administrativa [...] (INFORMANTE A.J, p. 4).

Inf.: O carnaval brasileiro é muito *samba*... é... e uma particularidade deles muita mulher de umbigo nua e aqui em Angola não é assim (INFORMANTE A, p. 12).

É importante perceber que a lexia é utilizada pela maioria dos participantes como um topônimo, isto é, um distrito pertencente ao município de Luanda, como afirma Assis Júnior (1947) povoado e sede do posto de Ambica, distrito do Kwanza - Norte, província de Luanda.

Por outro lado, é possível observar também a lexia sendo utilizada de acordo com a acepção de Castro (2001), tratando-se de um ritmo musical, associado ao carnaval do Brasil. A utilização da lexia por diferentes informantes de faixas e níveis de instruções distintos leva a reflexão de que a palavra é comumente empregada por diferentes comunidades de fala, seja na sua acepção enquanto festividade ou quando se refere à toponímia.

SAMBAPITO: não é atestada pelos autores consultados, no entanto, foi encontrada na entrevista fornecida por uma mulher pertencente a faixa C e nível 1 de instrução. De acordo com o contexto, a *lexia* significa uma variação do pirulito, doce feito para criança.

É importante chamar atenção para a classificação da informante, por pertencer ao grupo com mais de 52 anos, é possível que a mesma ainda resista à utilização da forma aportuguesa “pirulito”, pois passou a fazer parte do seu vocabulário e cultura há pouco tempo.

SOBA: a *lexia* foi empregada por uma mulher da faixa A e nível 3 de instrução. De acordo com Castro (2001), o substantivo é proveniente do kikongo, kimbundu e umbundu, apresenta o sentido de rei ou chefe.

Assis Júnior (1947) afirma que é nome genérico de representante da autoridade gentílica em determinada região. Assim, ainda que a *lexia* tenha sido empregada por apenas um informante, atesta a sua utilização pela comunidade de fala, com a mesma aceção, conforme demonstrado na transcrição a seguir.

Inf.: [...] Porque são tradições muito... há umas que, por exemplo, o lado cultural, como a comida, a dança, ainda tenho o prazer de analisar e reter desses aspectos algo construtivo. Mas a nossa tradição, como que... como, por exemplo, o *soba*, o senhor mais velho aqui é chamado de *soba* e caso, por exemplo, tu uses o rio de uma aldeia fora da cidade, nossa tradição não pesa muito aqui na capital, porque aqui na capital nós chegamos a ser aculturados por Brasil e Portugal, mas nas províncias vê-se que o povo sente ou receia muito o *soba* que é o chefe da tribo, devido... Porque tu faz algo contra este homem eu acredito que eles trabalham com forças ocultas, tu és penalizada (INFORMANTE J. P. T, p. 19).

TABU: localizou-se a *lexia* em duas entrevistas. Na faixa C, nível 3 de instrução foi falada por um mulher natural do Moxico e na faixa A, nível 2 de instrução por um homem, natural de Luanda. Isso mostra que a *lexia* não tem predominância de gênero, instrução acadêmica nem faixa etária para sua utilização.

A palavra *tabu*, na obra de Castro (2001) assume outra aceção: de origem kwa, significando, banho ou lavagem. No entanto, de acordo com contexto o qual a *lexia* foi empregada pelos informantes, assume o valor semântico de proibição, conforme mostrado a seguir.

Inf.: Bom, nós em África, e Angola e um país africano, temos algumas tradições culturais que não permitiram também um, um desenvolvimento da mulher o todos os níveis que se pretendia. Felizmente após a independência muitos desses *tabus* foram desaparecendo e hoje já se pode dizer que há mais

ou menos uma tendência cada vez mais participativa da mulher [...] (INFORMANTE A. A.A, p. 15).

Inf.: [...] Antes considerava-se as doenças sexualmente transmissíveis como um *tabu*, agora esta na cara de todo mundo que são reais e a qualquer momento nós corremos o risco de poder contrair estas mesmas doenças [...] (INFORMANTE A. J, p. 5).

Diante de tal situação, percebe-se que provavelmente o contato linguístico do português com as línguas africanas incrementou o léxico, modificando os sentidos de determinadas palavras, a exemplo de *tabu* que no inquérito analisado refere-se a algo que não é discutido ou mencionado por pudor ou educação, algo proibido ou relacionado à religião.

UMBUNDU: o termo foi encontrado em grande parte das entrevistas uma vez que se trata da segunda língua mais falada em Luanda. Castro (2001), Coutinho (2010) e Assis Júnior (1947) afirmam que é uma das línguas da família bantu presente em Angola, tipicamente falada pelos ovimbundus.

WAKO: a lexia é utilizada como topônimo para designar uma das cidades de Angola, sede do município da Cela, no entanto, não aparece nas obras consultadas.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contato da língua portuguesa, em sua variedade europeia, com as diversas línguas africanas faladas em Luanda certamente resultou na incorporação de características lexicais das línguas africanas na língua portuguesa em Angola (e vice-versa), devendo existir essa herança até os dias atuais. Essas marcas do léxico permitem perceber que a variedade angolana do português tem sua formação baseada nas diversas línguas que ali se faziam presentes no momento da colonização, tornando-se língua oficial por imposição, assinalando uma relação de poder.

Diante dos dados apresentados, percebe-se que as línguas africanas presentes em Luanda continuam vivas, tal fato é demonstrado nas análises das lexias encontradas nas entrevistas fornecidas pela comunidade de fala.

Embora tenha sido encontrado um número reduzido de lexias de base africana no português falado em Luanda, cabe salientar que uma possibilidade dessa redução está no fato da coleta de dados ter sido através de entrevista tipo informante e documentador, o que pode ter inibido os informantes a utilizarem seu vocabulário diário. No entanto, ainda com quantidade reduzida, atesta-se que o léxico de línguas africanas se encontra presente no português angolano.

Ainda que nessa pesquisa não seja possível afirmar que variantes como sexo, faixa etária e escolaridade possam influenciar fortemente na escolha do repertório lexical utilizado pelos participantes, nas análises realizadas, foi possível perceber que há uma predileção das mulheres utilizarem mais lexias de origem africana no português falado em Luanda. Coincidentemente ou não, grande parte dessas palavras partiu de mulheres, no entanto não sugere que os homens também não façam seu uso constante.

Afirma-se ainda que o nível 1 de instrução apresentou-se como aquele com maior quantidade de lexias de origem africana com um total de 41 lexias, isto é, os informantes que possuem apenas o ensino primário, de acordo a pesquisa, tendem a utilizar mais palavras oriundas do seu local de origem. Isso possivelmente deve-se ao fato de ter pouco contato com o ensino em língua portuguesa ou ainda a instrução familiar.

Destaca-se que o nível 3 de instrução, isto é, aqueles sujeitos que têm o ensino universitário, também apresentou muitas lexias de origem africana, o fato pode ser justificado pelo contato direto com as políticas que valorizam as línguas nacionais e a compressão da importância de manter viva a sua cultura e as suas marcas linguísticas.

Das 98 lexias encontradas, foi possível concluir que 97 (99%) são de base da família bantu, pertencentes ao kikongo, kimbundu ou umbundu, no entanto, apenas uma lexia mostrou ser de origem *Fon*, isso ressalva o fato de que as línguas africanas permanecem vivas e sendo utilizadas.

Diante disso, foram confirmadas as hipóteses estabelecidas na presente pesquisa de que, de fato, existem lexias de base africana no português falado em Luanda, sendo utilizadas rotineiramente pela comunidade de fala no seu sentido original, mas também obtendo uma nova aceção, justificada pelo contato linguístico.

Embora os portugueses tenham imposto a sua língua enquanto forma de dominação, percebeu-se que as línguas nativas presentes no território angolano lutam para sobreviver. Isso mostra de certa forma, uma política linguística ainda muito fragilizada, uma vez que o projeto de lei do Estatuto das Línguas Nacionais chegou tardiamente e essas línguas continuam sendo pouco valorizadas pelas instituições de ensino e pela própria sociedade.

No que se refere ao problema da pesquisa, as discussões aqui suscitadas deixaram claro que, de fato, existem tais lexias, como ilustrado no glossário exposto na seção 6 e as análises realizadas na seção 7 deste trabalho.

As lexias encontradas estão presentes nos diversos segmentos da vida cotidiana da comunidade luandense, entretanto, parte delas encontradas nas entrevistas está relacionada ao cotidiano dos participantes. Salienta-se ainda que, por ser o português a língua oficial do país, tais lexias podem ser classificadas enquanto estrangeirismo e empréstimos lexicais, visto que se apropria de palavras de línguas africanas para designar seus elementos e, assim, compor seu acervo lexical.

Diferentemente das outras nações, a exemplo do Brasil, Moçambique, Cabo Verde, Guiné Bissau que têm a língua portuguesa enquanto oficial, presume-se que o português falado em Luanda ainda passa por um processo de formação, pois convive com as diversas línguas de origem africana presentes no mesmo local, isto é, ainda há um contato linguístico muito intenso que colabora para tal processo.

Por fim, é importante salientar a necessidade de pesquisas ainda mais densas sobre o contato da língua portuguesa com as africanas, não somente a fim de enaltecer tais línguas, mas compreender as raízes das variedades do português, bem como a importância da cultura africana no seu processo de formação.

REFERÊNCIAS

- ABBADE, Celina Márcia de Souza. A lexicologia e a teoria dos campos lexicais. **Cadernos do CNLF**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 5, p. 1332-1343, 2011.
- ABREU, Uana Vanessa Pinheiro de. **Da África à Bahia: um estudo sobre o léxico africano em comunidades do semiárido baiano**. 2019. 130 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2019.
- AJAYI, Jacob Festus Adeniyi. África no início do século XIX: problemas e perspectivas. In: AJAYI, Jacob Festus Adeniyi (Org). **História geral da África, VI: África do século XIX à década de 1880**. Brasília: UNESCO, 2010, p. 1-26.
- ALI, Manuel Said. **O purismo e o progresso da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1956, p. 231-255.
- ALKMIM, Tania; PETTER, Margarida. Palavras da África no Brasil de ontem e de hoje. In: FIORIN, José Luiz; PETTER, Margarida.(Org.) **África no Brasil: a formação da língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2014, p. 145-178.
- ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. Terminologia: o que é e como se faz. In: GONÇALVES, Adair Vieira; GÓIS, Marcos Lucio de Sousa (Org). **Ciências de linguagem: o fazer científico**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2012, p.197-229.
- ÁLVAREZ LÓPEZ, Laura. Como avançar no estudo do léxico de origem africana na América Latina?. **Revista da ABRALIN**, Curitiba v. 11, n. 2, p. 203-255, 2012.
- ANTONINO, Vivian. **Uma análise dos fatores extralinguísticos na fala de comunidades afro-brasileiras isoladas**. Universidade Federal da Bahia, 200, p. 3031 – 3037. Disponível em:
<http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/Vivian%20Antonio.pdf>. Acesso em 23 dez. 2020.
- ANTUNES, Irlandé. O léxico de uma língua. In: ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). **O território das palavras: estudo do léxico em sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 27-49.
- ARAUJO, Paulo Jeferson Pilar; PETTER, Margarida Maria Taddoni; JOSÉ, José Albino, Variedades do português angolano e línguas bantas em contato. In.: OLIVEIRA, Márcia Santos Duarte de; ARAÚJO, Gabriel Antunes de (Org). **O português na África Atlântica**. São Paulo: Humanitas: FAPESP, 2018, p. 17-47.
- ARAUJO, Silvana Silva de Farias; DANTAS, Nathalia dos Santos. Os verbos ter e haver existenciais no português falado em Luanda-Angola. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, jan. p. 64-81, 2017.
- ARMANDO, Antonio Francisco. **O português de Angola**. São Paulo: Laços, 2014.
- ASSIS JUNIOR, Aantónio de. **Dicionário Kimbundu-Português Linguístico, Botânico, Histórico e Corográfico seguido de um índice alfabético dos nomes próprios**. Luanda: Argente, Santos e Comp., 1947.

AVELAR, Juanito; GALVES, Carlotte. Concordância locativa no português brasileiro: questões para a hipótese do contato. In: MOURA, Maria Denilda (Org.). **Para a História do Português Brasileiro**. Maceió: Edufal, 2013, p. 103-132.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. Parábola, 2007

BARBOSA, Maria A. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia: identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. In: **Simpósio Latino Americano de Terminologia – II e Encontro Brasileiro de Terminologia Técnica-Científica – I**. Anais. Brasília: IBICT, 1990, p. 153.

BARBOSA, Maria Aparecida. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, Ieda Maria. (Org.). **A Constituição da normatização terminológica no Brasil**. São Paulo: FFLCH/CITRST, 2001, p. 23-45.

BARONAS, Joyce Elaine de Almeida. Variação linguística na escola: resultados de um projeto. **Revista da ABRALIN**, v. 13, n. 1, p. 39-62, 2014. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/38257/23356>>. Acesso em 23 dez 2020.

BARREIROS, Liliane Lemos Santana. O uso de ferramentas computacionais na elaboração do Vocabulário de Eulálio Motta: AntConc e FLEEx. **A Cor das Letras**, Feira de Santana, v. 18, n. 2, p. 216-241, 2017.

BEAUREPAIRE-ROHAN, Visconde de. **Dicionário de vocabulário brasileiro**. Salvador: Livraria Progresso, 1956 [1889].

BELINE, Ronald. A variação linguística. In: FIORIN, José Luiz. (Org.) **Introdução à linguística: Objetos Teóricos**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 121-140.

BEVILACQUA, Cleci Regina; FINATTO, Maria José Bocorny. Lexicografia e Terminografia: alguns contrapontos fundamentais. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 50, n. 2, 2006, p. 43-54.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A expansão do léxico. Neologismos. In: BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 203-213.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do Léxico. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. (Org), **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2 ed. Campo Grande: Ed UFMG, 2001, p. 13-22

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Léxico e vocabulário fundamental. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 40, 1996, p. 27-46.

BOAHEN, Albert Adu. A África diante do desafio colonial. In: BOAHEN, Albert Adu. **História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935**. Brasília: UNESCO, 2010, p. 1-20.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegamos na escola, e agora?** Sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BONVINI, Emilio. Os vocabulários de origem africana na constituição do português falado no Brasil. In: FIORIN, José Luiz; PETTER, Margarida. (Org.) **África no Brasil: a formação da língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 101-144.

BRITO, Carla. O mapa cor-de-rosa. **Portal Estórias da História**, 26 mai. 2014. Disponível em: <<http://estoriasdahistoria12.blogspot.com/2014/05/o-mapa-cor-de-rosa.html>>. Acesso em 14 out. 2020.

CABRÉ, Maria Teresa. La terminología hoy: concepciones, tendencias y aplicaciones. **Ciência da informação**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 20-35, 1995.20- 35

CAIXETA, Márcia Christina de Souza Oliveira. **Variação diatópica de aspecto semântico-lexical e ensino de Língua Portuguesa**. 2015. 266 f. Dissertação (Mestrado em Linguística, Letras e Artes) – Faculdade de Linguística, Letras e Artes - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1986.

CASTRO, Yeda Pessoa de. **A influência das línguas africanas no português brasileiro**. Salvador, Secretaria Municipal de Educação-Prefeitura da Cidade de Salvador, p. 3-12, 2005.

CASTRO, Yeda Pessoa de. **A língua mina-jeje no Brasil**. Um falar africano em Ouro Preto no século XVIII. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/Séc. de Estado da Cultura, 2002.

CASTRO, Yeda Pessoa de. **Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

COAN, Márluce; FREITAG, Raquel Meister Ko. Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 4, n. 2, p. 173-194, 2010.

COSTA, Vera Lúcia Anunciação. A importância do conhecimento da variação linguística. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 12, p. 51-60, 1996.

COUTINHO, Nilton Ribeiro. **Dicionário: palavras oriundas de línguas que mais contribuíram para a formação da língua portuguesa falada no Brasil: africanas, árabe, espanhola, francesa, inglesa, italiana e tupi**. Salvador: Quarteto Editora, 2010, p. 25-92.

CUNHA, Claudio de Assis. O léxico e as unidades lexicais: revisitando a teoria/Lexical and lexical units: revisiting the theory. **Guavira Letras**, Três Lagoas, v. 15, n. 30, 2019

FERNANDES, João. NTONDO, Zavoni. **Angola: povos e línguas**. Nzila, 2002.

FIGUEIREDO, Carlos F. Guimarães; OLIVEIRA, Márcia Santos Duarte (Org.). **Projeto Libolo - Município do Libolo, Kwanza Sul, Angola: aspectos linguístico-educacionais, histórico-culturais, antropológicos e sócio-identitários**. Lisboa: Chiado, 2016.

FIORIN, José Luiz; PETTER, Margarida (Org.). **África no Brasil: a formação da língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2014.

GONÇALVES, Claudia Aparecida Ferreira et al. O uso do estrangeirismo na língua portuguesa. **Lisboa: Revela Guilbert, L. La créativité lexicale**. Paris: Larousse, 1975.

INE, Instituto Nacional de Estatística. **Resultados definitivos do recenseamento geral população e da habitação de Angola 2014**. Luanda, 2016.

INVERNO, Liliana. A transição de Angola para o Português: uma história sociolinguística. Universidade Pombalina. Coimbra, p. 117-129, 2008. Disponível em: < <https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/bitstream/10316.2/32154/1/9%20liliana%20inverno.pdf?ln=pt-pt>>. Acesso em 13 jul. 2020.

KUKANDA, Vatomene. Diversidade linguística em África. **Africana Studia**, n. 3, p.101-107, 2020.

LIBERATO, Ermelinda. Avances y retrocesos de la educación en Angola. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 59, p. 1003-1031, 2014.

LUCCHESI, Dante. História do contato entre língua no Brasil. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (Org.). **O português Afro-Brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 41-73.

MACEDO SOARES, António Joaquim. **Dicionário brasileiro da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1954-1955 [1875-1888].

MANZOLILLO, Vito César de Oliveira. Empréstimo semântico, decalque e retroversão: Breve estudo tipológico do empréstimo linguístico. In: **Anais do II Congresso Nacional de Linguística e Filologia. UFRJ. MARTIN, Roland. Untersuchungen zur rhein-moselfränkischen Dialektgrenze. Marburg: Friedrichs Universitätsbuchdruckerei. 1914.**

MARINHO, Janice Helena Chaves. **Variação linguística e ensino: caderno do professo**. Belo Horizonte: Ceale, 2006.

MENDES, Mário. **Angola, o gigante africano**. Luanda, novembro de 2010. Disponível em: <<https://cc3413.wordpress.com/2010/11/22/angola-o-gigante%C2%A0africano/>>. Acesso em 13 jul. 2020.

MINGAS, Amélia A. **Interferência do Kimbundu do português falado em Luanda**. Luanda: Caninde, 2000.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Contexto, 2006.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. O tempo dos povos africanos. Ministério da Educação - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – SECAD. Brasília, 2007. Disponível em: <<https://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2013/12/SUPLEMENTO-DIDATICO.pdf>>. Acesso em 13 abr 2021.

NARO, Anthony Julius. Variação e funcionalidade. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 109-120, 1998.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Variação e mudança linguística: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala. **Cadernos de estudos lingüísticos**, Campinas, v. 20, p. 9-16, 1991.

OLDEROGGE, Dmitri. Migrações e definições étnicas e linguísticas. In: KI –ZERBO, Joseph.(Org.) **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. Brasília: UNESCO, 2010, p. 297-316.

OLIVEIRA, Américo Correia de. A literatura Angolana de tradição oral e a sua recolha: história breve e teoria. **Revista Triplov**, 2003. Disponível em: <https://www.triplov.com/letras/americo_correia_oliveira/literatura_angolana/anexo3.htm>. Acesso em 13 jul. 2020.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, 1998.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. Política linguística e internacionalização: a língua portuguesa no mundo globalizado do século XXI. **Trabalhos em linguística aplicada**, v. 52, n. 2, p. 409-433, 2013.

ORSI, Vivian. Lexicologia: o que há por trás do estudo da palavra. In: GONÇALVES, Adair Vieira; GÓIS, Marcos Lucio de Sousa (Org). **Ciências de linguagem**: o fazer científico. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2012, p. 163-177.

PETTER, Margarida Maria Taddoni. Aspectos morfossintáticos comuns ao português angolano, brasileiro e moçambicano. **PAPIA-Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 201-220, 2010.

PETTER, Margarida Maria Taddoni. Línguas africanas no Brasil. **África**, Niterói, n. 27-28, p. 63-89, 2007.

PETTER, Margarida Maria Taddoni. Uma hipótese explicativa do contato entre o português e as línguas africanas. **PAPIA-Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 9-19, 2008.

REY-DEBOVE, Josette. Léxico e dicionário. **Alfa (Araraquara)**, São Paulo, v. 28, p. 45-69, 1984.

SANTOS, Eduardo Ferreira dos. Aspectos da língua portuguesa em Angola. **PAPIA-Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 25-49, 2018.

SARDINHA, Tony Berber. Linguística de corpus: histórico e problemática. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 16, n. 2, p. 323-367, 2000.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; YACOVENCO, Lilian Coutinho. A variação linguística e o papel dos fatores sociais: o gênero do falante em foco. **Revista da ABRALIN**, Curitiba, v. 10, n. 3, 2011.

SEVERO, Cristine Gorski. **Línguas atuais faladas em Angola**: entrevista com Daniel Perez Sassuco. Florianópolis: NUER – Núcleo de Estudos de Identidades e Relações Interétnicas, 2015.

SILVA, Manoel Crispiniano Alves da; ARAUJO, Silvana Silva de Farias. A formação da identidade linguística do português falado em Angola: uma revisão bibliográfica e notas sobre a sócio-história. **Revista Philologus**. Rio de Janeiro, Ano 26, n. 76, p. 61-78, 2020.

SILVA, Manoel Crispiniano Alves da; SENE, Marcus Garcia de; ARAÚJO, Silvana Silva Farias de. Notas sobre o português falado em Luanda: um estudo sobre sócio-história e crenças linguísticas. **Miguilim-Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 7, n. 2, p. 337-353, 2018.

TEIXEIRA, Eliana Pitombo. A representação do sujeito pronominal no português popular angolano//Representation of the pronominal subject in vernacular Angolan Portuguese. **PAPIA-Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 141-159, 2012.

TEIXEIRA, Eliana Pitombo. O pronome você no português de Luanda. In: LIMA-HERNANDES, MC; MARÇALO, MJ; MICHELETTI, G., MARTIN, V. lia de R.(Org.). **A língua portuguesa no mundo**. São Paulo: FFLCH-USP, 2008, p. 01-16.

TEIXEIRA, Eliana Sandra Pitombo; ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes. A indeterminação do sujeito no português angolano: uma comparação com o português do Brasil. **PAPIA-Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 99-111, 2011.

TIMBANE, Alexandre António. **A variação e a mudança lexical da língua portuguesa em Moçambique**. 318f. (Tese Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara). São Paulo, 2013.

TIMBANE, Alexandre António. Os estrangeirismos e os empréstimos no português falado em Moçambique. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 54, n. 2, p. 289-306, 2012.

TIMBANE, Alexandre António; SANTANA, Yuran Fernandes Domingos; AFONSO, Euclides Victorino Silva. A cultura hip-hop e os angolanismos lexico-semânticos em Yannick Afroman: a língua e a cultura em debate. **Afluentes: Revista de Letras e Linguística**, Bacabal, v. 4, n. 12, p. 104-128, 2019.

WELKER, Herbert Andreas. **Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia**. Thesaurus Editora, 2004.

XATARA, Claudia Maria. Estrangeirismos sem fronteiras. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 45, p. 149-154, 2001.

ZAVAGLIA, Cláudia. Metodologia em ciências da linguagem: lexicografia. In: GONÇALVES, Adair Vieira; GÓIS, Marcos Lúcio de Sousa (Org). **Ciências de linguagem: o fazer científico**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2012, p. 231-264.

APÊNDICE

Apêndice 1 - Quadro dos informantes que apresentam o português como L1.

Quadro dos Informantes de Angola, com dados sobre Escolaridade, Sexo, Idade, L1 (e aquisição, quando possível), local de nascimento e/ou moradia, disponibilidade de inquérito e áudio.						
	Nível 1 de instrução (ensino primário)		Nível 2 de instrução (ensino secundário)		Nível 3 de instrução (ensino universitário)	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
Faixa A (21 a 35 anos)	<p>1. J. J L1 Português Aprendeu Port. com a família e na escola. Local: Luanda. Até a 1ª classe. 23 anos.</p> <p>2. D. C L1 Português. Aprendeu Port. com 7 anos, indo à cidade. Local: Huambo. Analfabeto. 30 anos.</p>	<p>1. A. E. R L1: Português Entende o Kimbundu e o Bengo. Escolaridade: “tô bem atrasada”. Ensino fund. Inc. Local: Luanda. 28 anos.</p> <p>2. J. L1 Português Idade: 32 anos Local: Wako. Analfabeta</p>	<p>1. A. J L1 Português. 12ª classe. 32 anos. Local: Luanda.</p> <p>2. F. M. Sexo: Masculino Idade: 33 anos Naturalidade: Luanda Língua materna: Português (foi a única língua que aprendeu) Nível de escolaridade: fazendo um curso de engenharia eletro</p>	<p>1. B. B. O L1 Português. Aprendeu o português na infância, tendo contato desde o nascimento. Nível médio. Superior inc. Frequenta o 2º ano. (12ª classe). Local: Luanda. 23 anos..</p> <p>2. E. M L1 Português. Nível Médio. Local: Luanda.</p>	<p>1. C. A. R L1 Português. Aprendeu o Port. com 7 anos. Superior. Local: Luanda. 32 anos</p> <p>2. A. H L1 Português. Fala Port. desde os 8 anos. Superior (3º ano de Biologia). Local: ----- Idade: ?</p>	<p>1. E. S L1 Português Aprendeu Port. em casa. Nível Superior (4º ano). Local: Luanda, desde que nasceu. 26 anos.</p> <p>2. J. P. T L1 Português Nível médio. Superior inc. Faz licenciatura em Língua Portuguesa.</p>

			técnica (superior incompleto)	30 anos.		Local: Luanda. 21 anos.
Faixa B (37 a 51 anos)	<p>1. D. D L1: Português Sexo: M Idade: 35 8ª classe Local: Uige – (está em Luanda por 7 anos, vive em São Pedro da Barra)</p> <p>2. B. A L1: Português Sexo: M Idade: 41 Ensino Médio Local:</p>	<p>1. M. C L1: Português SEXO: F Idade: 45 anos Local: Luanda Primeira língua: português ESCOLARIDAD E: 5ª classe</p> <p>2. M. J L1 Português Aprendeu o Port. por causa dos pais. 5ª classe. Local: Luanda. 50 anos.</p>	<p>1. A. O. G L1 Português. Aprendeu Port. com outras crianças. Local: Luanda (mora há 30 anos em Luanda) Viveu por 15 anos no Bié. 7ª classe. 43 anos.</p> <p>2. P. J L1 Kimbundu. Aprendeu Port. com 7 anos. 7ª classe (fund. inc.). Local: Malanje. 50 anos.</p>	<p>1. I. L L1 Português. Língua nativa: Umbundu. Aprendeu o Port. com a mãe, na infância. Nível médio. Superior inc. (10ª classe). Local: É de Huambo. Mas morou em Manguela desde os 10 anos. Mora em Luanda há 3 anos. 39 anos.</p> <p>2. R. M. L L1 Português. Língua nativa: Umbundu. Aprendeu a falar o Português desde pequena. Nível médio. Local: Luena. Está em Luanda desde 1992. 50 anos.</p>	<p>1. V. M L1: Kikongo Sexo: Masculino Idade: 37 anos Naturalidade: M'Banza Kongo (Vive há dois anos em Luanda) (aprendeu o português com 5 anos em casa) Nível de escolaridade: 12ª classe (Superior)</p> <p>2. B. A L1: Português SEXO: M IDADE: 41 anos (FAIXA II) NATURALIDADE: <u>Waku-Kungo</u> ESCOLARIDADE: ENSINO MÉDIO COMPLETO</p> <p>2. A. (idade?, nível universitário, cidade?, língua materna?)</p>	<p>1. F. M L1 Kimbundu. Aprendeu Port. pela convivência com familiares, a partir dos 14 anos. Superior inc. (1º ano). Local: Luanda. Já morou no Kwanza-Norte por 7 anos. 40 anos.</p> <p>2. L. L1 Português. Língua nativa: Umbundu. Aprendeu Port. a partir dos 7 anos. Superior (3º ano de Pedagogia). Local: Luanda, desde 1999.</p>

						51 anos.
Faixa C (52 anos em diante)	<p>1. Não encontrado</p> <p>2. A. C L1 Português. Língua nativa: Kimbundu. Aprendeu o Port. com 6 anos. 4ª classe. Local: Luanda. 58 anos.</p>	<p>1. A. V L1 Kimbundu. 2ª classe. Local: Malanje. 52 anos.</p> <p>2. T. L L1 Português. Língua nativa: Rungo. Aprendeu Port. onde cresceu, e desde o seu crescimento. Até a 4ª série. Local: Quiculungo. Está em Luanda desde 1973. 53 anos.</p>	<p>1. L. R L1: Kimbundu Sem informação de quando aprendeu o Port. Ensino médio. O equivalente a fundamental inc. Local: Luanda. 69 anos.</p> <p>2. A. J L1 Português. Aprendeu Português desde os 5 anos. Nível médio. Local: Amboim (Kwanza-Sul). Está em Luanda há 32 anos. 52 anos.</p>	<p>1. A L1 Kimbundu. Local: Malanje. 8ª classe. 54 anos.</p> <p>2. A. F L1 Kikongo. Local: Moxico. 8ª classe. ---- anos.</p>	<p>1. C. C L1 Português. Nível: Superior. Local: Luanda. 64 anos.</p> <p>2. Não encontrado</p>	<p>1. A. L1 Português. Língua nativa: Chokue. Aprendeu Port. Aos seis anos, na escola. Nível superior. Faz Língua Portuguesa. Local: Mustico. Vive em Luanda há 15 anos, desde 1998. 54 anos.</p> <p>2. Albina L1 Português. Local: ---- Nível superior. 67 anos.</p>